

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 28 de Dezembro de 1995 • Preço: 150\$00 (IVA incluído) • N.º 1152 • Director: Carlos Brito

**Jerónimo de Sousa
com os trabalhadores da Torralta**

PODEM CONTAR COM O PCP

Pág. 4

Sindicatos reclamam 40 horas já em Janeiro!

Pág. 7



A limpeza em Lisboa Trabalho de Sísifo na cidade de Ulisses

Centrais

■ Henrique Custódio

Jerónimo de Sousa passa Fim do Ano em Setúbal

Pág. 5

Portugal «palmado» na quota da palmeta

Pág. 10

Natal em Inglaterra

• Manoel de Lencastre

Pág. 15

PALESTINA Seis cidades libertadas

Pág. 11



Jerónimo de Sousa no Comício no Couço

RESUMO

20
Quarta-feira

O Ministério da Educação anuncia a decisão de revogar a prova de acesso ao 8º escalão para os docentes do ensino básico e secundário ■ A ministra para a Qualificação e Emprego, Maria João Rodrigues, é ouvida no Parlamento sobre os casos de utilização dos fundos comunitários para a compra de «favores políticos» ■ No Estabelecimento Prisional de Lisboa é inaugurado a Ala A, destinada a toxicodependentes ■ Os sindicatos dos bancários do Centro, Norte e Sul assinam um polémico acordo salarial com a Associação Portuguesa de Bancos ■ Termina, em Aveiro, o congresso de investigadores portugueses radicados no estrangeiro ■ A Força de Interposição da NATO começa a substituir a Força da ONU na Bósnia ■ O Zaire compromete-se a não expulsar, antes do fim do ano, um milhão de refugiados do Ruanda que se encontram naquele país.

21
Quinta-feira

É noticiado pela comunicação social que a TAP está a ser investigada pelo Ministério Público e pela Polícia Judiciária, pelo desaparecimento de dois milhões de dólares num contrato de compra de 4 aviões Airbus ■ No âmbito da campanha eleitoral, Jerónimo de Sousa participa em várias iniciativas no distrito de Setúbal ■ Realiza-se na SIC o último debate televisivo entre dois dos candidatos presidenciais, Cavaco Silva e Jorge Sampaio ■ Pedro Grilo, o skinhead condenado a 11 anos de prisão pelo homicídio de um dirigente do PSR e evadido da cadeia do Linho, entrega-se às autoridades ■ Em França realiza-se uma «cimeira social» entre o Governo, o patronato e os sindicatos ■ A Administração fiscal polaca bloqueia a conta bancária e o salário de Lech Walesa e estabelece uma hipoteca sobre a sua fortuna pessoal, por fuga aos impostos.

22
Sexta-feira

A Procuradoria-Geral da República desmente que a Polícia Judiciária e o Ministério Público estejam a investigar o financiamento da candidatura de Cavaco Silva, na sequência do inquérito sobre a chuva e o vento provocam duas mortes ■ Estreia-se o filme «Adão e Eva» de Joaquim Leitão, com Maria de Medeiros e Joaquim de Almeida ■ O primeiro-ministro italiano, Lamberto Dini, anuncia que se irá demitir na próxima semana, logo após a aprovação do Orçamento para 1996 ■ Um atentado atribuído à ETA mata um capitão de artilharia na cidade espanhola de León ■ Uma equipa de agentes da polícia federal norte-americana FBI e sete

peritos em aeronáutica chegam à Colômbia para tentar descobrir as causas do desastre do Boeing 757, que se despenhou na cordilheira central dos Andes com 164 pessoas a bordo.

23
Sábado

Num jantar-convívio com 300 timorenses, o ministro de Solidariedade e Segurança Social fala da sua inserção na sociedade portuguesa ■ Aleksander Kwasniewski toma posse em Varsóvia como presidente da Polónia ■ A polícia francesa encontra 16 corpos carbonizados de membros da Seita Templo Solar, na região de Isère, no leste da França ■ Segunda volta das eleições legislativas, na República do Cazaquistão ■ Milhares de palestinianos dão as boas-vindas a Yasser Arafat, na cidade de Belém, libertada após 28 anos de ocupação.

24
Domingo

Novos combates entre as forças russas e os independentistas tchetchenos provocam 50 mortes ■ Realizam-se eleições legislativas antecipadas na Turquia ■ O incêndio que deflagrou numa festa de uma escola em Dabwali, no norte da Índia, provoca mais de 400 mortes.

25
Segunda-feira

Na mensagem de Natal, transmitida pela RTP, o Presidente da República dirige-se aos emigrantes e manifesta a sua solidariedade com o povo de Timor ■ O primeiro comboio que sai do Porto com destino à Póvoa de Varzim descarrila, devido ao mau tempo ■ As eleições legislativas na Turquia dão a vitória ao Partido da Prosperidade islamita.

26
Terça-feira

Avaliam-se em centenas de milhares de contos os prejuízos causados pelas cheias no Norte ■ Jerónimo de Sousa encontra-se com os trabalhadores da Torralt ■ Greve de transportes públicos recomeça, na cidade francesa de Marselha, na sequência de três semanas de luta dos trabalhadores franceses contra política social do governo ■ Israelitas e sírios escolhem Maryland, perto de Washington, para o recomeço das negociações de paz ■ Acordo entre partidos da direita laica para formar o novo governo na Turquia ■ Polícia basca prende membros da ETA, acusados de preparar novas acções terroristas ■ Violência na província sul-africana de Kwazulu-Natal causa a morte de pelo menos 24 pessoas ■ Sérvios bósnios pedem adiamento da entrega dos bairros de Serajevo.

Perspectivas

A perspectivas de vida e de luta para o próximo ano, não sendo risonhas, tanto no plano nacional como internacional, são bastante mais positivas do que aquelas que vigoraram nos últimos anos da década passada e nos primeiros da presente.

No plano interno e externo, permanecem e até se avolumam, em alguns casos, as ameaças contra as condições de vida das massas populares e as conquistas sociais históricas dos trabalhadores e dos povos, mas evidenciam-se, ao mesmo tempo, uma tomada de consciência, uma disposição combativa e uma vontade de mudança que têm que ser consideradas como anunciadoras de melhores perspectivas para o futuro.

No plano interno, a firme recusa da governação da direita e uma clara vontade de mudança de política foram patenteadas nas eleições legislativas de 1 de Outubro, permitindo desalojar o PSD do Governo, onde estava instalado, sozinho, há dez anos. Estão a ser patenteadas, igualmente, nas eleições presidenciais na vasta oposição ao candidato da direita - Cavaco Silva - e na movimentação que tem em vista assegurar a sua derrota, impedindo-o de concretizar o seus planos de desforra.

A esperança suscitada por esta forte vontade popular está, no entanto, a ser defraudada pela política governamental em curso.

O PS, que saiu das eleições com uma folgada maioria relativa, não lhe soube corresponder, ao contrário do que prometeu o seu líder António Guterres, sendo já certo que o Governo por ele formado, tanto pelo programa que apresentou na Assembleia, como pelos primeiros passos da sua actuação concreta, está a seguir, em áreas fundamentais, a mesma política da direita que agravou enormemente os problemas do país.

Nos últimos dias, isso tornou-se particularmente saliente em relação à política de integração europeia, com a reunião do Conselho Europeu de Madrid, onde os representantes do Governo português aderiram aos calendários para a União Económica e Monetária e o Primeiro-Ministro se revelou um entusiasta da Moeda Única. Isto é, apostaram, precisamente, nas linhas que mais lesivas são para o interesse nacional.

Acontece, outro tanto, com a política socioeconómica onde há fortes razões para recear que o Governo ceda às pressões que estão a ser desenvolvidas pelo grande patronato tanto no domínio dos salários, como dos direitos laborais,

como ainda em relação aos horários e à magna questão das 40 horas.

O frio julgamento da governação PS e da sua não correspondência com a vontade de mudança do eleitorado, é uma questão central da ordem do dia.

Mas para além dela, há que ter presente que, com a direita batida nas legislativas de Outubro e com a sua altamente provável nova derrota nas presidenciais de Janeiro, são os trabalhadores e o campo democrático que tomam força e é o campo da reacção e o patronato que a perdem.

No plano interno e externo, permanecem e até se avolumam, em alguns casos, as ameaças contra as condições de vida das massas populares e as conquistas sociais históricas dos trabalhadores e dos povos, mas evidenciam-se, ao mesmo tempo, uma tomada de consciência, uma disposição combativa e uma vontade de mudança que têm que ser consideradas como anunciadoras de melhores perspectivas para o futuro.

Ora isto não poderá deixar de ter expressão nas decisões que vão ser tomadas no país e é desde logo favorável às justas aspirações e reivindicações dos trabalhadores e outras camadas populares que não podem deixar de lutar sempre que for preciso.

No plano internacional, o grande capital e a reacção continuaram a sua ofensiva revanchista contra as conquistas históricas do mundo do trabalho e o imperialismo americano deu novos passos na concretização da sua pretensão de hegemonismo e liderança mundial.

A intervenção da NATO, sob comando americano, na Bósnia, no seguimento do tratado de Dayton, é o último episódio desta vocação dos Estados Unidos para se assumirem no papel de polícia dos povos.

Desta vez, também o nosso povo se vê envolvido, às mãos do Governo PS, na nova aventura do imperialismo americano, através da participação de militares portugueses num conflito armado de alto risco, de consequências imprevisíveis e que nada tem a ver com o interesse nacional.

Entretanto, o povo timorense com a sua heróica luta, que cada vez mais

chama a atenção da opinião pública mundial, põe em evidência o cinismo dos Estados Unidos, de outras grandes potências e da própria ONU, incapazes de fazer respeitar as decisões por esta adoptadas contra a Indonésia opressora.

Entretanto, os trabalhadores e as massas populares em França, no seguimento de outras lutas nos países membros da União Europeia, levantam-se em greves e manifestações, durante três semanas, contra a redução de direitos da segurança social e outras conquistas sociais e contra os critérios de Maastricht, que lhes estão subjacentes, abrindo, tudo o indica, um processo de generalizada contestação popular da União Económica e Monetária.

Entretanto, os povos da Europa Central e de Leste exprimem com grande clareza através do voto a recusa dos processos restauradores do capitalismo à viva força e das políticas neoliberais que lhes foram impostas, sendo especialmente expressivas a derrota de Walesa, na Polónia, e a vitória dos comunistas nas eleições legislativas na Rússia, a grande distância de qualquer outra força política.

A luta e a vontade dos povos aponta assim para uma viragem dos ventos da arena mundial, atirando por terra os falsos conceitos que o imperialismo e os seus escribas têm pretendido impor como «verdades» indiscutíveis - «o fim da história», «o fim do comunismo», «o fim das lutas sociais» - e dando novo alento e incentivo à solidariedade internacionalista.

Para os comunistas portugueses, o ano que vai começar constitui um período especialmente rico de iniciativas e realizações, umas de carácter institucional ou unitário muito importantes para o nosso povo, outras de carácter mais especificamente partidária e que muito podem contribuir para o reforço da organização e influência do Partido.

Entre as primeiras, além da batalha das presidenciais que reveste grande importância para o futuro democrático do país, salienta-se com grande destaque o Congresso da CGTP-Intersindical numa fase em que os trabalhadores são chamados a um papel crescente na vida nacional e em que têm que fazer frente a perigosas ofensivas contra os seus direitos e conquistas e contra o seu próprio movimento sindical.

Entre as segundas, destacam-se o 75º aniversário do PCP, o Congresso da JCP, a Festa do «Avante!» e o XV Congresso do PCP, realizações que, pondo em evidência a unidade do passado, do presente e do futuro do projecto comunista, constituirão uma grande afirmação da imprescindibilidade do PCP para que o nosso povo veja realizadas as suas mais entranhadas aspirações, sonhos e esperanças.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Souto Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Souto Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7º-A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7º-A,
— 1100 Lisboa
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira.
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL

DELTA PRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Linho — 2710 Sintra
Tel. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial de Maia
Sector IX
Rua B.L. 227 — 4470 Maia
Tel. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7º-A 1100 Lisboa
— Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7º-A 1100 Lisboa
— Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Contínente e Regiões Autónomas)

50 números: 6 750\$00

25 números: 3 487\$50

ESPAÑA

50 números: 13 300\$00

EUROPA

50 números: 24 750\$00

GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU

50 números: 26 650\$00

EXTRA-EUROPA

50 números: 39 950\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____ Tel. _____

Morada _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

Safa!...

Estou convencido de que esta expressão - «Safa!» - foi a que acudiu aos lábios de muitos dos portugueses que assistiram à prestação de Cavaco Silva, no debate discriminatório organizado pela SIC, entre o antigo Primeiro-Ministro e Jorge Sampaio.

«Havia de ser bonito com aquele homem na Presidência!», também se comentava no dia seguinte nos meios trabalhadores.

Na verdade, Cavaco Silva deixou transparecer mais uma vez a arrogância, o autoritarismo, o pedantismo e a ausência de cultura democrática que o caracterizaram nos seus dez anos de governação.

Além disso, exibiu um anticomunismo do mais primário, foi quezilento, irritante e gabarola.

Com o mesmo cinismo com que dizia antes querer ajudar Soares a completar o seu mandato com dignidade, diz agora que quer ajudar Guterres a governar com eficácia.

Confirmou, plenamente, que a sua corrida para Belém reveste o carácter de uma desforra da derrota sofrida pelo seu partido em 1 de Outubro. É aquilo que ele traduz pelo eufemismo de «repór o equilíbrio».

Cavaco Silva também não conseguiu esconder que a sua imagem de Presidente é a de uma espécie de caudilho da direita liderando a luta pelos objectivos que esta mantém.

Não deixou qualquer dúvida de que se fosse

eleito seria um presidente interventor, não no sentido de defender a Constituição, mas de a pôr em causa, tornando-se também por isso um factor de instabilidade.

A teoria do «valor acrescentado» com que se apresentou nesta entrevista e que alguns comentadores apontaram como «um grande rasgo» é, bem vistas as coisas, um grande sofisma, que serve afinal de contas para pôr em causa os poderes do Governo, que só representaria uma parte dos portugueses, cabendo ao Presidente a representação da outra parte.

É difícil imaginar uma teoria mais radicalmente desestabilizadora e instigadora do conflito institucional.

Foi especialmente penoso de ouvir o ataque final com que Cavaco mimoseou o seu adversário.

A culpa aqui, no entanto, só em parte lhe cabe, a outra parte pertence aos entrevistadores da SIC, que de tanto quererem parecer originais, foram frequentemente ridículos e, em geral, bastante mais fracos do que a dupla da RTP. Note-se, entre outras, as perguntas sobre a ajuda à resistência timorense e ao futuro do Governador de Macau (perguntas próprias de dois meninos a brincar aos jornalistas), o facto de Margarida Marante não saber quando foi a última dissolução da Assembleia e por fim aquele desafio a dois candidatos ao lugar cimeiro na hierarquia do

Estado português para que dissessem o pior possível do seu adversário.

Foi pena que Jorge Sampaio também tivesse acedido corresponder a tão absurdo desafio. Fê-lo, no entanto, com uma moderação e uma grandeza que claramente o distinguiram de Cavaco.

O antigo Primeiro-Ministro voltou a dar, ainda antes do Natal, novas provas da sua inadequação ao lugar para que agora se candidata.

Percebe-se que Cavaco tenha reagido com indignação às suspeitas lançadas pelo «Independente» de que dinheiros de um alegado caso de corrupção na TAP tenham revertido a favor da sua candidatura. Percebe-se também que tenha exigido um pronto esclarecimento da verdade.

Mas já se percebe pior que tenha feito tudo isto sempre a insinuar tratar-se de um golpe das candidaturas adversárias e procurando um tal clima de dramatização que chegou a dar a ideia de ser coisa combinada com o «Independente».

O que não se percebe de maneira nenhuma é que Cavaco Silva tenha ameaçado «apelar para a comunidade internacional».

Um candidato a Presidente da República a pedir a ajuda do estrangeiro para intervir nas nossas coisas?!

Safa! Duas vezes...

■ Carlos Brito

Atenção, atenção!

A entrevista com o ministro da Solidariedade e da Segurança Social vinda ontem a lume no PÚBLICO, pela gravidade de alguns dos seus enunciados, impõe que seja rapidamente suspensa a desatenção a que a quadra natalícia tradicionalmente convida.

Afirma Ferro Rodrigues, num registo «dialogante» que não altera a natureza das opções do Governo, que «é impensável que possa haver (em 1996) uma transferência do Orçamento de Estado» para cobrir as obrigações públicas (regimes não contributivos e acção social) previstas na Lei de Bases da Segurança Social, devido às limitações à despesa corrente «impostas» pelos objectivos da convergência para a moeda única europeia.

Deste modo propõe-se o Governo do PS prosseguir a política cavaquista de utilização de fundos do regime geral da segurança social (e dos seus contribuintes...) para financiar o Orçamento do Estado, política essa que sacou ao sistema público de Segurança Social na última década mais de mil e duzentos milhões de contos, com as graves consequências que se conhecem.

Para um Governo que se apresentou na Assembleia da República há menos de dois meses com um programa em que é taxativamente enunciado o «princípio básico» da «salvaguarda dos princípios, consagrados na Lei de Bases da Segurança Social, de que o financiamento dos regimes não contributivos é da responsabilidade do Orçamento de Estado e de que o financiamento da acção social é também fundamentalmente da responsabilidade deste» - trata-se de um verdadeiro recorde

no incumprimento de compromissos políticos, digno de figurar no Guinness Book...

Importa também recordar o compromisso programático governamental de «elaboração de um Livro Branco da Segurança Social» para «avaliar o Sistema de Segurança Social e traçar orientações para a sua reforma».

Ora repetindo o ministro na citada entrevista a necessidade de «estudo de cenários de reforma» - necessidade essa que ninguém contesta - não se compreende que logo de seguida venha afirmar que «temos que ultrapassar uma discussão sobre qual será o modelo futuro» porque «há já um razoável consenso na sociedade portuguesa de que terá de ser um modelo público e privado, que tenha uma lógica de repartição com elementos de capitalização, em três «pilares», e com uma participação significativa de fundos de pensões no segundo «pilar» (sublinhados nos- sos).

Será que o Livro Branco, afinal, vai ser um Livro Negro contra o sistema público da Segurança Social, e que foi escrito antes mesmo de serem nomeados os seus «autores»?

Ou será que os actuais governantes também não lêem os jornais, e não observam o que está a acontecer por essa Europa fora com os governos que tentaram impor reformas de cariz neoliberal à segurança social?

■ Edgar Correia

O fogo, a água e o lucro

No Verão o País arde. Agora, no Inverno, o País inunda-se.

É verdade que não está ainda nas mãos dos homens de todo dominar os elementos. Mas parece legítimo perguntar se, na realidade, assim tem de ser, fatalmente.

Cabe perguntar se é inevitável que ardam milhares e milhares de hectares de floresta, searas e campos, que um imenso brasileiro faça perder casas, culturas, bens.

Agora, que a sorte pôs cobro à segura das terras gretadas pela estiagem de anos e anos, o facto de as nuvens se terem aberto em quantidades um tanto maiores transforma o país num caudal de água que, de novo, arrasta casas e sementeiras, animais, bens. Será inevitável?

Quando chega o Inverno um pouco de todo o Mundo nos chegam as imagens de inundações, cheias, vendavais e intempéries. Entre nós, tirando talvez as populações ribatejanas, habituadas ao fertilizante vaivém do Tejo, não se esperam estes acidentes. Mas não

deixam de ser legítimas as interrogações sobre se, a menos de cinco anos da viragem do século, não se está ainda em condições de prevenir e, se a prevenção se revelou insuficiente, remediar e resolver.

Mas mandam os bons critérios que, antes de prevenir ou remediar, se reflecta um pouco sobre quanto de inevitabilidade há nos acidentes, se estamos face a desastres que são fruto da natureza ou a problemas que são criados pelos homens.

Um famoso sismólogo escreveu há anos que os tremores de terra não matam ninguém, os prédios é que, ao desabarem, o fazem; paralelamente serão tão só o fogo e a água a trazerem inevitavelmente consigo o cortejo de dramas que assinala em Portugal este 1995?

O caso dos fogos de Verão é, a este respeito, exemplar. Falou-se em crimes, em fogo posto, o dr. Monteiro do PP gerou mesmo uma gargalhada nacional ao inventar uma invasão estrangeira de invaso-

res do Zippo em punho infiltrando-se para lançar fogo ao património florestal... Contra isto, aguerriado, o dr. Monteiro apelou à intervenção das Forças Armadas...

Claro que há fogo posto, claro que há crimes e para eles há razões. Mas não há quem ignore que, acima de tudo, a origem essencial dos braseiros estivais reside na desertificação do interior do País, fruto da crise da agricultura. Há mais fogos florestais porque, por um lado, há mais floresta, fruto do abandono das terras por quem as trabalhava; mas também há mais fogos florestais porque, pura e simplesmente, cada vez há menos pessoas nos campos, as aldeias estão cada vez mais desertas, não há olhos que vejam os fogos a tempo nem há braços que a tempo lhes ponham cobro.

Que chova muito é natural, mas não é a chuva que cria os problemas. O que os cria são as enxurradas, os caudais inesperados de ribeiros que saltam das margens,

os colectores que rebentam, os escoadouros entupidos.

O que cria problemas é que os cursos naturais de água vêem-se estrangulados pelas construções que preferem as várzeas às encostas. O que cria problemas é que loteamentos e infra-estruturas essenciais são construídas por critérios de «rentabilidade» e ignorando por vezes ancestrais evidências do curso normal dos elementos.

Digamos assim que as florestas ardem porque alguém tem lucro em que elas ardam. Que as florestas ardem porque alguém tem lucros em que os campos se desertifiquem. Que as águas inundem porque alguém tem lucro em construir o que estrangula ribeiras ou não escoa águas pluviais.

É verdade que o fogo queima. Que a água inunda. Mas seria como vemos se ninguém lucrasse?

■ Ruben de Carvalho

O FIM dos "Fins"

Em época de fim de ano é habitual fazerem-se balanços. Em anos recentes, os ideólogos do sistema fustigaram-nos com um vendaval de declarações de óbitos irrevogáveis: foi o «Fim» do comunismo, o «Fim» da classe operária, o «Fim» das ideologias, o «Fim» dos sindicatos, o «Fim» do marxismo, o «Fim» do Estado Social e, já em desespero de falta de «Fins», o «Fim» da própria História. Mas

se neste final de 1995 se pretender declarar o Fim de mais qualquer coisa, olhando à nossa volta, de Paris a Moscovo, a opção inevitável será a do Fim dos «Fins».

Na Rússia, os («inexistentes...») comunistas venceram (sem mudar de nome...) as eleições gerais com mais do dobro dos votos do segundo partido mais votado. E, facto digno de registo, os resultados dos comunistas são particularmente bons nas zonas de forte concentração operária. A política de pilhagem dos recursos naturais russos e de destruição do aparelho produtivo soviético, que pôs de joelhos esse enorme país, foi sonoramente derrotada nas urnas, por mais que os *clintons* e *cristophers* deste mundo queiram escamotear a questão. Como já o haviam sido em quase todos os restantes países ex-socialistas. Convém lembrar agora que esta política foi a política imposta pelo «*Ocidente*» aos seus súbditos a leste. Exigida pelas instituições financeiras internacionais (FMI, Banco Mundial) que hoje ditam as políticas económicas dos estados-vassallos, como condição para «ajudas» económicas que mais não são senão novos garrotes para atrelar com mais força esses países ao domínio imperial do grande capital internacional. Perante o silêncio conivente de todos os governos «ocidentais», social-democratas ou conservadores.

Esse mesmo unanimismo se verifica no que respeita às políticas de ataque às conquistas sociais dos trabalhadores dos países da Europa Ocidental. E daí a enorme importância para todos nós do que hoje se passa em França. Em causa está a intenção das velhas/novas classes dominantes de destruir o sistema de segurança social. Dizem que cada vez há menos trabalhadores activos a descontar e mais pessoas dependentes da segurança social, porque as populações envelheceram. Mas o problema não é o envelhecimento, é o desemprego em massa que veio para ficar. E que é ulteriormente agravado pelas políticas monetaristas impostas por Maastricht e pelos critérios de convergência para a moeda única. E o alvo não é apenas a segurança social, mas todo o estatuto de quem trabalha na sociedade. Em França, a («defunta...») classe operária e os seus («extintos...») sindicatos paralisam o país com uma série de («ultrapassadas...») greves contando com o apoio maioritário dos franceses e colocando em aflição o governo de uma das grandes potências mundiais. E o exemplo francês dá mostras de querer alastrar.

Há um fio condutor que liga os acontecimentos, aparentemente desconexos e distantes, que nestes dias se registam nos dois extremos do continente europeu. As políticas sociais e económicas que estão a ser rejeitadas de forma expressiva têm a marca comum de um revanchismo de classe, de uma desforra das forças do grande capital. O desaparecimento do socialismo como sistema mundial trouxe ao imperialismo a miragem de um mundo onde o seu controlo se exercesse sem freios e entraves. E sem as concessões que podiam parecer inevitáveis noutros tempos, quando existia a concorrência de outro sistema socioeconómico. Mas a resistência dos trabalhadores, dos seus sindicatos, dos comunistas, a esse curso pseudo-inevitável da História é hoje uma realidade indistigável. O imperialismo está a descobrir que a realidade é mais forte que as toneladas de propaganda com que nos tem submergido nestes anos. A História do futuro ainda está toda por escrever.

■ Jorge Cadima

PRESIDENCIAIS



Jerónimo de Sousa

«Uma candidatura de dimensão nacional»

O programa da visita de Jerónimo de Sousa, nos Açores, culminou com um encontro com apoiantes na ilha de S. Miguel. Do discurso que proferiu publicamos de seguida alguns excertos.

«Permiti-me que, nesta intervenção, comece por exprimir a grande satisfação que sinto por me encontrar entre vós na Região Autónoma dos Açores e ter a oportunidade, por vosso intermédio, de saudar e de me dirigir ao povo açoriano, a todos que aqui trabalham e lutam, vencendo as dificuldades de todos os dias, por uma vida melhor e mais feliz.

Com a visita que efectuo a esta Região Autónoma fica concretizado o objectivo que nos propusemos de dar a esta candidatura uma dimensão verdadeiramente nacional. Estive, já, nesta pré-campanha, em todas as regiões do nosso país, onde pude contactar com os mais diversos sectores sociais e conhecer de viva voz os mais prementes problemas com que os portugueses actualmente se confrontam.

Como tenho vindo a afirmar, uma das principais razões da minha candidatura - a candidatura do PCP às eleições presidenciais - é precisamente combater tendências redutoras da vida democrática, reclamar e protagonizar o debate político que traga para primeiro plano as grandes questões da vida nacional e que promova a participação mais activa e consciente dos cidadãos na sua resolução. (...)

Uma campanha para a eleição do Presidente da República não pode deixar à margem as ideias e escolhas que os candidatos tenham sobre o futuro de Portugal, sobre o lugar de Portugal na Europa e no mundo, sobre a natureza e as responsabilidades da função presidencial, sobre o projecto de sociedade em que a sua intervenção política assenta.

Que os candidatos a Presidente da República se pronunciem claramente sobre estas questões é, não apenas uma necessidade para a clarificação da intervenção democrática dos cidadãos na vida política, mas também uma exigência de lealdade para com os eleitores que são chamados a optar.

Que ninguém conte conosco para transformar a campanha eleitoral numa mera operação publicitária, em que o eleitor é tratado como um mero "comprador", numa lógica de mercado que quer "vender" candidatos, em vez de convencer e consciencializar cidadãos para a realização de projectos políticos e para a resolução de problemas nacionais.

Particularmente quando está em causa a eleição do Presidente da República, a mais alta figura do Estado, com particulares responsabilidades no funcionamento do nosso sistema político e que tem como dever supremo - como muitas vezes tenho sublinhado - defender, cumprir e fazer cumprir a Constituição da República, o debate sobre as eleições presidenciais não pode ficar limitado a trocas de acusações sobre o que cada qual fez ou deixou de fazer há 20 anos atrás, ou a juízos de valor sobre o carácter ou as características pessoais de cada um,

O que importa saber e avaliar é acima de tudo que projecto de sociedade defende cada candidato, quais as suas opções quanto ao futuro de Portugal e que garantias dá, quanto à sua fidelidade ao juramento solene de defesa da Constituição.

É por isso que nós não nos enganamos com a imagem recauchutada de Cavaco Silva e apelamos à inteligência dos eleitores para que não se deixem enganar.

É este, como sabem, um objectivo central da minha candidatura. Que o voto dos comunistas contribua em 14 de Janeiro para a derrota de Cavaco Silva. E estou certo, camaradas e amigos, de que esse contributo será decisivo. É também por saber isso que Cavaco Silva lança os mais violentos e ilegítimos ataques à minha candidatura.

(...) Mas sendo esse um objectivo fundamental da candidatura do PCP, não é o único objectivo que nos propomos alcançar. A minha candidatura, traduzindo as preocupações do PCP quanto à situação em que se encontra o nosso país e dando corpo às aspirações de amplas camadas de trabalhadores, pretende também dar uma contribuição para uma mudança de política. É preciso derrotar a direita, mas também lutar pela mudança. (...)

Dois dias nos Açores

Terça e quarta-feira, da passada semana, o candidato Jerónimo de Sousa esteve na Região Autónoma dos Açores, completando assim, na pré-campanha, a cobertura dos 18 distritos e duas Regiões Autónomas em que o País está dividido.

Chegado a Ponta Delgada no início da noite do dia 19, Jerónimo de Sousa era aguardado no aeroporto por um numeroso grupo de apoiantes e por diversos órgãos de comunicação social da Região. Logo de seguida teve lugar uma reunião de trabalho entre o candidato, o mandatário e dirigentes regionais do Partido tendo em vista a preparação do intensivo programa previsto para o dia 20. Ainda no dia 19 Jerónimo de Sousa concedeu uma entrevista ao semanário «Expresso das Nove».

Sempre acompanhado pelo coordenador do PCP/Açores, José Deça Mota, e pelos camaradas Mário Abrantes, Duarte Melo e Francisco Sacouto, Jerónimo de Sousa foi sucessivamente recebido na manhã do dia 20 pela Direcção da Associação Agrícola de S. Miguel, por representantes da CGTP-IN/Açores e pelas Direcções do Sindicato dos Pescadores e da Cooperativa de pesca «Porto de Abrigo».

Estes encontros permitiram ao candidato obter um retrato muito fiel dos graves problemas económicos, sociais e laborais que afectam hoje a Região Autónoma.

Assumiu especial relevo o Encontro mantido com os pescadores, representados pelas direcções do Sindicato e da Cooperativa, porquanto está em curso uma activa luta que visa a criação de um fundo de compensação dos rendimentos para a pesca artesanal, luta essa com a qual o candidato Jerónimo de Sousa se solidarizou plenamente.

Durante a tarde, Jerónimo de Sousa apresentou cumprimentos ao Presidente do Governo Regional, em exercício, concedeu uma entrevista à RTP/Açores, participou num encontro com o presidente da Câmara do Comércio e Indústria dos Açores, com a Direcção da Câmara do Comércio de Ponta Delgada e apresentou cumprimentos ao director do «Açoriano Oriental», o mais

antigo jornal português em publicação.

A culminar o programa, realizou-se um participado Encontro com apoiantes no qual usaram da palavra o mandatário por S. Miguel, João Jacinto Mota, e o candidato presidencial.

O mandatário aproveitou para recordar os procedimentos centralistas de Cavaco Silva, que «enfraqueceram objectivamente as virtualidades próprias do sistema constitucional da autonomia».

João Mota manifestou-se contra «as teses que agora começam a surgir segundo as quais haverá que reduzir as competências atribuídas constitucionalmente às Regiões Autónomas». Segundo disse, «há sim que clarificar algumas questões, nomeadamente no que respeita ao poder legislativo regional e ao relacionamento financeiro entre a Região e o Estado, mas sem que haja diminuição de competências nem de áreas de intervenção».

Afirmado que o sistema constitucional da autonomia é «um bom sistema», João Mota sublinhou que, pelo contrário, «a política realizada pelo poder regional do PSD/A é uma má

política» que não resolve os problemas regionais.

As graves carências sentidas no arquipélago resultam assim das políticas nacionais e regionais que a direita tem conduzido: «O hoje candidato Cavaco Silva foi o pior primeiro-ministro para os Açores que já existiu no País depois do 25 de Abril», considerou João Mota enumerando a seguir uma longa lista de «actos e omissões centralistas» do antigo governante.

«Cavaco Silva foi o primeiro-ministro que não quis actualizar o relacionamento financeiro entre o Estado e a Região; não se associou, pessoalmente, às comemorações do centenário da autonomia; não quis resolver a questão do NAVII de forma favorável aos interesses dos Açores; fechou todas as portas a medidas específicas para resolver vários graves problemas económicos regionais; impediu, através da sua maioria absoluta, a concretização da última Revisão do Estatuto, aprovada unanimemente na Assembleia Regional».

Por tudo isto, «o centralista Cavaco Silva nunca seria um presidente defensor da Autonomia», concluiu o mandatário.

Com os trabalhadores da Torralta

Durante um encontro, ontem realizado, com trabalhadores da Torralta, Jerónimo de Sousa, fez questão de sublinhar que a sua «total solidariedade» com a luta corajosa pela «viabilização desta empresa».

Mais adiante, o candidato comunista recordou que o Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português tomou já a iniciativa de «reclamar a presença do Ministro da Economia na Assembleia da República para que seja clarificada com urgência a disposição do novo Governo quanto ao futuro desta empresa, na medida em que a evolução recente das negociações para a viabilização da empresa conduziu a novas incertezas e indefinições».

Jerónimo referiu-se depois ao significado da empresa «não apenas para os seus 440 trabalhadores e suas famílias, mas para o distrito de Setúbal e para o nosso país»:

«Temos consciência de que estamos perante uma empresa de importância estratégica para o turismo nacional, que representa 40% da capacidade de oferta turística do distrito de Setúbal e 5% a nível nacional. Temos consciência de que estamos perante uma empresa que envolve um universo de 26 mil pequenos e médios accionistas e que, apesar do seu enorme passivo de 32 milhões de contos acumulado ao longo dos anos, possui um património vastíssimo, que rondará os 40 milhões de contos, em infraestruturas turísticas do mais diverso tipo.

«Basta olhar à nossa volta aqui em Tróia, olhar para esta magnífica península e para o belíssimo estuário do Sado, olhar para o conjunto de infraestruturas turísticas aqui existentes, para acreditar que este empreendimento tem de ser viável.

«Estão em causa os postos de trabalho de centenas de trabalhadores e está também em causa um projecto de que é inegavelmente de interesse nacional. Todos perderiam se esta empresa não fosse viabilizada.

«Sendo o Estado português de longe o maior credor da Torralta, com cerca de 83% dos créditos sobre a empresa, o Governo tem responsabilidades que não pode alienar na procura de uma solução viabilizadora para este projecto. O anterior Governo, do PSD, escamoteou as suas responsabilidades e deixou que se gorassem as várias perspectivas de viabilização que se abriram. Quero acreditar, sob pena de serem defraudados os justos anseios de mudança que se manifestaram em 1 de Outubro, que o novo Governo não seguirá pelo mesmo caminho. Pela nossa parte, nem um só momento deixaremos de lutar, ao lado dos trabalhadores, pela viabilização deste importante empreendimento.

«Os trabalhadores da Torralta têm razões de sobra para se sentirem revoltados com a forma como têm sido tratados ao longo deste processo. As adversidades por que têm passado são consequências dramáticas de uma política que tem espezinhado os direitos dos trabalhadores e tem destruído sectores estratégicos da economia nacional.

«É uma política com que não nos resignamos. E precisamente porque tenho vindo a afirmar como um dos objectivos centrais da minha candidatura a luta por uma nova política, e porque tenho assumido o propósito de trazer ao debate sobre as eleições presidenciais os reais problemas do nosso país, atribuo particular significado a este encontro convosco no âmbito desta pré-campanha eleitoral.

«Todos vós sereis chamados a decidir da eleição do Presidente da República no próximo dia 14 de Janeiro. Decerto não deixareis de reflectir sobre as responsabilidades que cada um dos candidatos assumiu neste últimos anos no nosso país e de identificar no candidato Cavaco Silva o grande responsável pela política que nos últimos anos foi tão nefasta para o nosso país e em especial para os trabalhadores».



Sessão no Couço

Na passada sexta-feira, Jerónimo de Sousa participou numa sessão pública realizada na Casa do Povo do Couço (na foto). Estiveram na mesa, para além do candidato, os camaradas Diamantino Ramalho, membro da Assembleia Municipal de Coruche e da Comissão Concelhia do PCP, Luís Alberto Ferreira, presidente da AF do Couço, António Teles, presidente da AM e membro da Concelhia de Coruche, (que interveio na sessão), Joaquim José Dias, presidente da Junta de Freguesia e o deputado António Filipe.

No distrito de Setúbal

«Não chegámos agora às preocupações sociais»

A digressão pelo distrito de Setúbal (quinta-feira da passada semana) começou em Alhos Vedros, onde Jerónimo de Sousa participou num almoço-convívio. Seguiu-se uma visita ao Centro de Dia da Terceira Idade, na Baixa da Banheira e, depois, um jantar com apoiantes, em Alcochete. O dia terminaria com uma sessão pública, realizada no Salão Nobre da Câmara Municipal do Montijo. No dia seguinte, o candidato comunista voltaria ao distrito, desta vez para estar num almoço-convívio com membros de Comissões de Trabalhadores e delegados sindicais do concelho de Sines.

No Montijo, Jerónimo de Sousa observou que, talvez devido à época natalícia «os problemas sociais são mais mediatizados e ganham maior importância na intervenção política que se vai ouvindo nesta campanha eleitoral».

«Para nós, Partido Comunista Português, e particularmente para a minha candidatura, as grandes questões sociais têm sempre integrado a primeira das causas da nossa intervenção e da luta que travamos.

«Não chegámos agora às grandes preocupações sociais e não fazemos com elas nem "caridadezinha", nem "foguetório político".

«Não andamos a espalhar por todo o país cartazes gigantes de "Boas Festas", que, em vez de trazerem ao nosso povo recordações e estímulos positivos dos grandes problemas sociais resolvidos ou em vias de o serem, ostentam a face do principal responsável por dez anos de política anti-social.

«Esse cartaz traz à memória os gravíssimos problemas que o consulado cavaquista não resolveu, deixou aprofundar e, em muitos casos, são resultado directo da sua política a favor do grande capital, de exploração dos trabalhadores, de rasteira submissão às exigências de Maastricht.

«Esse cartaz traz à recordação a sua política de isenção fiscal às grandes fortunas, de abaixamento do nível e qualidade de vida de largos estratos da população, de destruição do tecido produtivo nacional, de desemprego e precarização, de mão baixa sobre as empresas estratégicas do sector empresarial do Estado e de delapidação das grandes conquistas sociais constitucionalmente garantidas.

«Esse cartaz traz à boca as grandes lutas travadas pelo trabalho justamente remunerado e com direitos, pelo desenvolvimento integrado, pela saúde para todos, pelo ensino democratizado, pela garantia da segurança social, em defesa dos direitos,

liberdades e garantias dos cidadãos e da nossa Lei fundamental.

«Esse cartaz traz ao presente a consciência de que a minha candidatura está no terreno certa-

Progressivamente, o "canto da sereia" cavaquista, assente num arrazoado de equívocos sobre a "estabilidade", a "leitura comedida dos poderes presidenciais", a "governabilidade" e o "respeito pela Constituição", vai dando lugar à torrente de anticomunismo seródio.

«A melodia da hipocrisia não desapareceu, mas impera agora o ataque soez às candidaturas da área democrática, com uma caterva de pseudo-argumentos repescados da investigação quase paranoica do passado, como só o SIS poderia ter reunido nos tempos em que era um mero instrumento do PSD.

«Cavaco, enquanto, para iludir hesitantes, usa e abusa da teo-

Jerónimo de Sousa na passagem de ano

A convite da Comissão Concelhia de Setúbal do PCP, Jerónimo de Sousa vai estar presente na Passagem de Ano que aquela organização promove no Pavilhão do Comércio e Indústria.

Embora esta participação não surja integrada no programa da campanha para as presidenciais, a Comissão Concelhia não deixa de atribuir particular significado político ao convívio com Jerónimo de Sousa, tendo em conta que o desenvolvimento da luta de muitos trabalhadores de empresas do concelho mereceu da sua parte uma grande atenção, enquanto deputado e membro da Comissão Política do Partido.

Registe-se, aliás, que no espaço de uma semana, antes e depois da passagem de ano, o candidato do PCP à Presidência da República encontra-se com trabalhadores da Torralta e da Renault, no concelho de Setúbal.

«Se é certo que, a 31 de Dezembro, tem início oficial a campanha eleitoral para a Presidência da República, não é menos certo que, no ano de 1996, comemoramos o 75º aniversário do PCP», afirmam os camaradas de Setúbal: «neste aspecto não podíamos começar melhor. Em festa e pela luta. A festa, essa, será animada pelo agrupamento musical "Contágio"».

mente não para agradar a Cavaco, mas para contribuir, com a intervenção e o voto dos comunistas, para a derrota da candidatura da direita em 14 de Janeiro e para lutar pela mudança, por uma política de esquerda para Portugal»

O anticomunismo de Cavaco

Cavaco Silva tem vindo a falar cada vez mais grosso nesta campanha eleitoral.

ria dos ovos e dos cestos, como se fosse candidato a uma associação de avicultura, revela-se tal e qual o definimos. O candidato da desforra política da direita derrotada em 1 de Outubro.

«Pelo discurso grosso deste "neo-cavaquismo", a quem vai estalando o verniz da recauchutagem, perpassa o "julgamento do 25 de Abril", como se a democracia tivesse nascido da costela marcelista do PSD, como se o próprio Cavaco fosse o seu "farol", como se fossem diabólicas as opções progressis-

PRESIDENCIAIS



Jerónimo de Sousa



Sessão pública no Montijo

tas e o PCP não tivesse direito à sua própria candidatura e a juntar vontades e votos para derrotar a direita.

(...) Para a minha candidatura, derrotar Cavaco nas eleições presidenciais não é uma questão menor ou circunstancial, é uma questão essencial na defesa do projecto democrático constitucional herdado do 25 de Abril, é um objectivo essencial na luta por uma política de esquerda para o nosso país.»

As divergências com Sampaio

(...) «Como sempre dissemos, divergimos em aspectos relevantes das posições de Jorge Sampaio.

Divergimos desde logo na nossa perspectiva do exercício das competências constitucionais do Presidente da República, que no nosso entender, no quadro do nosso regime misto parlamentar-presidencial, não podem ser alienadas, nem mitigadas, em nenhum aspecto da defesa do articulado constitucional.

Divergimos relativamente à legislação eleitoral, sendo que, no nosso entendimento, não é aceitável qualquer projecto de alteração que, em nome duma fantástica aproximação dos deputados aos eleitores, mais não faça que restringir o pluralismo e a proporcionalidade da nossa democracia, em benefício da bipolarização artificial imposta administrativamente.

Divergimos quanto ao envio de tropas portuguesas para a Bósnia, de que não vemos qualquer utilidade em termos nacionais, nem qualquer imperatividade em termos da nossa parti-

pação na NATO, nem sequer legitimidade em termos de Aliança Atlântica. Os soldados portugueses sabem como vão para a Bósnia, vamos ver como é que de lá saem.

Divergimos quanto ao desenvolvimento do processo de integração europeia. Aliás, hoje em dia, o próprio Presidente da República, Mário Soares, certamente insuspeito de simpatias pela posição do PCP nessa matéria, questiona o modelo neo-liberal prosseguido.

Divergimos quanto à chamada cimeira de Madrid, que, por imposição do eixo franco-alemão, impôs a marcha forçada para a moeda única à custa de graves consequências para o emprego, o nível e condições de vida dos trabalhadores portugueses e para o aparelho produtivo nacional.

A minha candidatura pronuncia-se contra a oligarquia financeira que pressiona o nivelamento por baixo dos direitos, prestações sociais e salários dos trabalhadores e, a pretexto do alargamento da Comunidade, prepara uma

nova PAC contra os interesses dos agricultores.

Reafirmamos a nossa frontal oposição às políticas de Maastricht e recusamos que a economia portuguesa tenha de ser subalterna, subcontratada e apendicular.

Não estamos de acordo com a transformação das políticas externa, de defesa e de segurança interna em "políticas comuns", com um exército comum e uma intervenção supranacional em questões de justiça e de polícia.

Opomo-nos frontalmente a qualquer alienação da independência nacional.

Reafirmamos que há outro caminho para construir uma Europa de paz e cooperação, de desenvolvimento integrado e de verdadeira coesão económica e social.

Reafirmamos a imperatividade de de que a revisão dos Tratados de União Europeia seja sujeita a um grande debate nacional e que o povo português deve ser chamado a pronunciar-se pelo referendo sobre todas estas matérias. (...)

CGTP-IN desmente Cavaco Silva

Em comunicado, que a seguir transcrevemos, a CGTP-IN desmente uma afirmação de Cavaco Silva, proferida no debate de quinta-feira passada na SIC. A Central começa por citar as palavras do candidato - «Quem conseguiu trazer a Intersindical à mesa da Comissão Permanente da Concertação Social fui eu» -, comentando a propósito:

«O deslante da afirmação só pode ter uma explicação: Cavaco Silva, sabendo que, com a política económica e social que seguiu durante duas décadas, prejudicou profundamente os trabalhadores portugueses, procura agora confundir-los, na tentativa desesperada de ganhar alguns votos.

«A decisão de participar na Concertação Social foi nossa e tomámo-la quando nos pareceu mais conveniente. Entrámos quando entendemos que o interesse dos trabalhadores mandava que o fizéssemos.

«Aliás, como é do conhecimento público, Cavaco Silva e o seu Governo sempre tentaram instrumentalizar e governamentalizar a concertação social. A CGTP-IN foi a primeira a denunciar esse facto, bem como o autoritarismo, a arrogância e a ausência de diálogo que Cavaco Silva sempre evidenciou dentro e fora da Concertação Social.

«O candidato Cavaco Silva não pode, agora, apresentar-se como campeão do diálogo, quando o seu procedimento foi sempre o contrário do que quer fazer crer aos portugueses».



Jantar com apoiantes em Alcochete



Na Baixa da Banheira

Reunidos os eleitos autárquicos de Lisboa «Estão lançados os alicerces de uma cidade voltada para o futuro»

Em conferência de imprensa, realizada no passado dia 18, os eleitos autárquicos do PCP na Câmara Municipal de Lisboa, Assembleia Municipal e Juntas de Freguesia fizeram um balanço muito positivo do trabalho desenvolvido pela coligação «Com Lisboa» ao longo dos últimos anos. No entanto, entendem que é necessário proceder a alguns ajustamentos que imprimam uma maior dinâmica ao trabalho, de forma a corresponder integralmente a todas as expectativas geradas nos cidadãos lisboetas.

«Mas, se é preciso fazer mais e melhor, também é igualmente importante valorizar a obra já realizada», afirmam, considerando que «é bom lembrar a estagnação e o marasmo reinantes na cidade quando pela primeira vez a Coligação assumiu a direcção do município e a grande viragem que desde então se processou. Estão lançados os alicerces de uma cidade voltada para o futuro. É esta a linha de actuação que o PCP quer aprofundar, dando agora particular importância à requalificação dos pequenos espaços, à resolução de problemas de menor escala mas fundamentais para a qualidade de vida dos cidadãos. A par de algumas grandes obras já executadas e em curso, pretendemos tornar Lisboa uma cidade de vivência cada vez mais humanizada».

Nesta linha, a estreita ligação às freguesias, consolidada através da criação do pelouro da Intervenção Local, visa a des-

centralização de mais competências e correspondentes verbas, para uma maior eficácia e prontidão na resolução dos pequenos problemas do quotidiano.

A canalização de mais meios financeiros para a reabilitação dos núcleos históricos, ambiente, espaços verdes e higiene e limpeza urbana é apontada pelos comunistas como medida prioritária, bem como o prosseguimento de pequenas obras, em habitações degradadas, nos espaços públicos e no parque escolar.

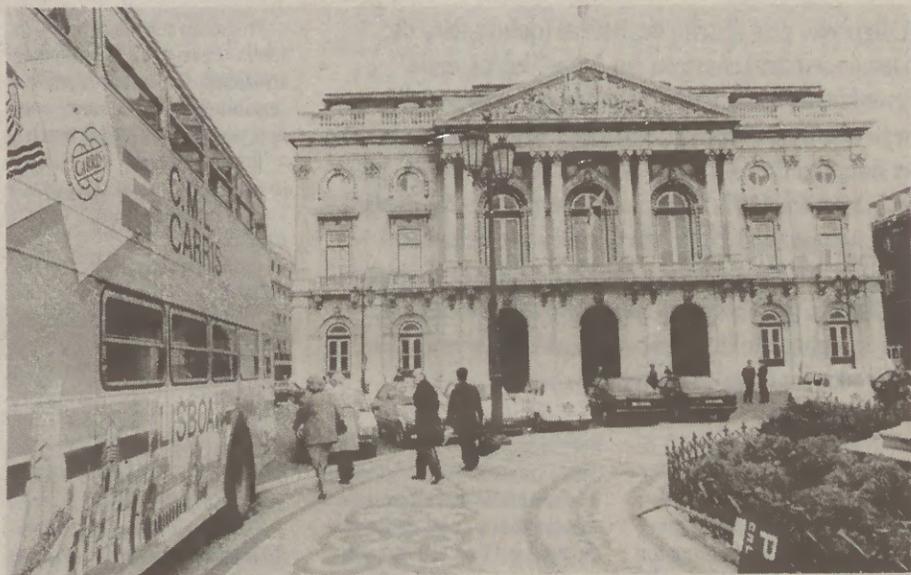
No ponto de vista dos eleitos autárquicos, os trabalhadores do município ocupam um lugar muito importante na concretização destas medidas, «o que pressupõe ir ao encontro das suas reivindicações relativamente às condições de trabalho, quadro de pessoal, concursos e reclassificações».

A tomada de posse de um novo Governo pelo PS terá de traduzir-se na satisfação das rei-

vindicações desde há muito feitas pelos vereadores comunistas e socialistas de Lisboa. Entre elas, conta-se o cumprimento integral da Lei das Finanças Locais, dotando as autarquias dos meios adequados ao prosseguimento das suas responsabilidades e competências, e a consagração, em lei, de medidas que permitam uma maior eficácia das Juntas de Freguesia, permitindo-lhes, por exemplo, dispor de eleitos a tempo inteiro. A atribuição às Câmaras de poderes decisórios quanto às áreas não afectas a actividades portuárias nas zonas ribeirinhas e o acompanhamento da Expo 98 e dos processos urbanísticos que a envolvem são outras das reivindicações, bem como a reformulação do Plano de Erradicação das Barracas, de forma a que os financiamentos cubram não apenas a construção de habitação, mas também dos respectivos equipamentos colectivos e a adopção de um regime especial e de emergência na área de reabilitação.

Quanto à candidatura de Jorge Sampaio à Presidência da República e as alterações decorridas na Câmara na sua sequência, os autarcas comunistas defendem que estas não afectam as linhas de orientação que vêm sido seguidas. «A equipa que dirige o município prosseguirá o seu trabalho assente numa prática de responsabilidades repartidas», declaram.

Para isso, o PCP continuará a desenvolver uma acção própria de esclarecimento e mobilização da população, através da realização de semanas autárquicas em cada freguesia e encontros abertos para debate de questões como habitação, ambiente, espaços verdes, limpeza urbana, planeamento e gestão e modernização dos serviços, que irão culminar num encontro de eleitos pelo PCP em Maio de 1996.



PS adia desenvolvimento de Cascais

Numa nota à imprensa, a Comissão Concelhia de Cascais do PCP manifesta a sua oposição quanto às soluções contidas no Plano Director Municipal, que, consideram, «abrem campo à arbitrariedade e à discricionariedade», registando-se um «enorme peso demagógico».

Cinco pareceres de entidades são desfavoráveis ao Plano, entre elas a da Comissão Técnica de Acompanhamento e a da Comissão Permanente, e quinze são favoráveis, embora dez destas emitissem condicionantes.

Os comunistas sublinham que «há efeitos negativos para o acréscimo de áreas urbanizáveis previstas no PDM para o sistema de Tratamento de Águas Residuais da Costa do Estoril. Uma vez que se prevê em 2010 uma população não superior a 830 mil habitantes, os parâmetros urbanísticos propostos no Plano ultrapassam o valor admissível para o sistema». A Direcção Regional do Ambiente e Recursos Naturais de Lisboa e Vale do Tejo referiu já o seu receio quanto a um previsível colapso do sistema.

Por outro lado, a Concelhia refere que «para 1996, um Plano de Actividades e Orçamento que ronda os 22 milhões de contos representa por parte do PS uma ambição irrealista, demagógica e claramente eleitoralista. O PS, ao assumir todos os Pelouros e responsabilidades directas, é, sem dúvida, o único responsável pela má gestão dos últimos dois anos.»

Considerando que existe uma clara intenção de desresponsabilização da Câmara em relação a seis áreas muito importantes como são o Ambiente e Espaços Verdes, Desporto, Higiene e Limpeza, Património Municipal e Bairros Ilegais, os comunistas defendem que este plano não respeita uma gestão financeira rigorosa, nem os dinheiros públicos.

Incompetência na Câmara de Setúbal

«O Plano e Orçamento da Câmara e Serviços Municipais de Setúbal para o próximo ano não contempla obras fundamentais, como infra-estruturas des-

portivas ou a estação de tratamento de águas residuais, necessidades básicas e promessas eleitorais de há dez anos, mas reiniciam numa política despesista sem controlo nem contenção, acumulando ao anterior endividamento, de forma encapotada, cerca de 2 milhões de contos», defende a Comissão Concelhia de Setúbal do PCP.

Tal como os eleitos da CDU na Câmara haviam denunciado, o Plano «é um documento fictício construído na base da necessidade de mostrar trabalho, sabendo que não será realizável» e constitui «um novo agravamento para o exercício das Juntas de Freguesia, não contemplando as transferências de verbas necessárias para fazer face às reivindicações locais».

A somar a esta situação, a Câmara vem recorrendo continuamente e sistematicamente a formas ilegais de pagamento a credores e subsídios a entidades através de letras e operações financeiras de *factoring*, no menosprezo total das leis das finanças locais e fazendo tábua rasa do limite da capacidade de endividamento do município, ultrapassado há muito.

CAMARADAS FALECIDAS

Henrique Machado

Faleceu, com 81 anos, Henrique Machado. Militava na Freguesia da Graça, tendo feito parte da Comissão de Moradores do Quintalão

Júlio Carvalho e Silva

Faleceu, no passado dia 2 de Dezembro, com 77 anos de idade, Júlio Carvalho e Silva. Natural da freguesia Santos-o-Velho, de Lisboa, residia há vários anos no Livramento, freguesia do Estoril, a cuja organização pertencia.

Manuel Martins Marques

Faleceu, no passado dia 5 de Dezembro, Manuel Martins Marques, que contava 63 anos de idade, e estava organizado na célula do Bairro da Encarnação na freguesia dos Olivais.

Nicolau Lopes Caselas

Faleceu, com 81 anos, Nicolau Lopes Caselas, membro da Organização de Freguesia da Verderena. Serralheiro de profissão, adere em 1929 à Juventude Comunista Portuguesa, passando depois pelas organizações da Zona 4 de Lisboa e do Barreiro, cuja Comissão Concelhia integra a partir de 1936.

Foi membro do Secretariado Regional Sul do Socorro Vermelho, organização ligada à Internacional Comunista. Participa nas greves do Barreiro em 1943, e em 1947, na sequência das lutas no sector da construção naval é forçado a emigrar para França, onde fica durante um ano. Ultimamente era membro da Direcção da URAP (Barreiro)-União de Resistentes Anti-fascistas.

Carlindo Pereira Bastos

Faleceu no passado dia 14 de Dezembro, com 73 anos, Carlindo Octávio Mora Pereira Bastos. Colaborou na SIP da DORP e militava activamente na Comissão de Freguesia de Cedofeita, onde desempenhava tarefas ligadas aos fundos e, nomeadamente, tinha a responsabilidade da difusão da Imprensa do partido.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Falta rigor no orçamento da CM Porto

Em conferência de imprensa, realizada quinta-feira da passada semana, a Organização da Cidade do Porto do PCP denunciou a falta de rigor do plano e orçamento do Município, onde é visível o empolamento de receitas e dos investimentos e a inscrição de projectos com verbas insignificantes, «só para alimentar a imagem do Presidente da Câmara e preparar as próximas eleições autárquicas».

No encontro com os jornalistas (em que participaram a vereadora Ilda Figueiredo, Jorge Sarabando, eleito da Assembleia Municipal, Joaquim Nascimento, eleito na freguesia de Miragaia, e Albino Pinto, do Organismo do PCP da Direcção da Cidade), foi ainda afirmado que o plano e orçamento arrasta projectos e reduz verbas em áreas significativas como a educação, acção social, recuperação de bairros e mercados.

Assim na área da Educação regista-se uma redução para cerca de metade das verbas inscritas no ano anterior; na Acção Social os investimentos são reduzidos a menos de 200 mil contos; nos Mercados o montante a investir é limitado a 100 mil contos, o que só por si significa a paralisação do projecto de renovação do Bolhão.

Os programas de classificação dos restaurantes e similares e

promoção da qualidade da alimentação foram privados de verbas o que inviabiliza a sua continuação. O panorama é igualmente desolador na área da habitação e na erradicação de barracas, onde as verbas não são sequer suficientes para pagar os projectos de alguns núcleos habitacionais.

Durante debate realizado na Câmara Municipal, a CDU propôs o reforço de verbas para investimento nas áreas consideradas como as mais carenciadas, caso da Educação, Acção Social, Mercados, Recuperação de Bairros e apoio às actividades de reclassificação e qualidade dos restaurantes e similares. Contudo, a maioria PS não aceitou qualquer alteração, pelo que não restou à CDU outra solução que não fosse votar contra o plano e orçamento para 1996.

Já no final da conferência, o camarada Jorge Sarabando apelou para que a Câmara, correspondendo aos interesses da cidade e ao significativo movimento de opinião criado, reclamasse junto do Governo a reinstalação no Porto da Delegação do Ministério da Cultura e fosse reconsiderada a utilização do edifício da Cadeia da Relação, entretanto atribuída à Misericórdia e à Universidade Católica.

CANDIDATURA ACABA PROFESSORES VENCEM

«Após 6 anos de uma luta que a Fenprof liderou e que assumiu as mais diversas formas, os professores ganharam decisivamente esta guerra», afirma a Federação Nacional dos Professores numa nota de imprensa distribuída logo depois de, na semana passada, o Ministério da Educação ter anunciado a decisão de revogar a prova de candidatura para acesso ao 8º escalão da carreira docente.

Na nota sindical recorda-se que «contra a candidatura, a Fenprof organizou os professores em manifestações, em concentrações, em abaixo-assinados; centenas de professores escreveram para jornais e revistas contra a candidatura; em várias greves a palavra de ordem "contra a candidatura" figurou em plano destacado; finalmente, e ainda esta semana, a Fenprof fulminou todas as hesitações do actual Governo, ao congregando em escassos 10 dias 31 mil assinaturas contra a candidatura». Reconhecendo a necessidade de esclarecer ainda alguns aspectos práticos da medida anunciada dia 20, a federação expressa o seu regozijo e saúda os docentes pela vitória alcançada. Manifesta «total empenhamento», agora, na revisão do Estatuto da Carreira Docente e, nomeadamente, na definição das regras da avaliação de desempenho dos professores.

MANTER O TREM MÉDIO

Os sinais da preocupante desindustrialização que afecta o País, reconhecidos recentemente pelo secretário de Estado da Indústria, representam um alerta que «deve ter consequências práticas», afirma a Comissão de Trabalhadores da Siderurgia Nacional-Produtos Longos, num comunicado em que manifesta a sua solidariedade com o pessoal do Trem Médio e exige que o Governo assegure as condições para a laboração daquele sector, pois «não existem razões de mercado para a sua desactivação».

A posição da CT foi divulgada em comunicado aos trabalhadores, por ocasião da exoneração de Silva Carneiro, que «foi, durante 10 anos, o ponta-de-lança do Governo de Cavaco Silva para desmantelar a Siderurgia e inviabilizar a constituição em Portugal de um grupo siderúrgico moderno de base nacional». A Comissão de Trabalhadores nota que, «no essencial, a política em que estava empenhado foi concretizada (divisão e privatização com entrega a grupos estrangeiros)», prevê que «a recompensa deve estar a caminho» (Silva Carneiro poderá ser nomeado para a SN-Planos, ao serviço da Hoogoovens e da Sollac, associadas na Lusosider) e lamenta «que o actual Governo não tenha tido suficiente determinação política para corrigir» a política anterior.

Ao mesmo tempo que diz aguardar as conclusões das auditorias à gestão da Siderurgia anunciadas pelo Ministério da Economia, a CT reage aos resultados da primeira Assembleia Geral da SN-Longos com novos accionistas, encarando «com apreensão a sujeição da empresa à estratégia da Riva, o maior grupo siderúrgico europeu».

ELEIÇÕES NA RENAULT

Com a participação de 80 por cento dos inscritos no caderno eleitoral, foi eleita no dia 15 a comissão sindical representativa dos trabalhadores da fábrica de Cacia da Renault, associados no Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas de Aveiro e Viseu. A única lista concorrente recolheu 257 votos, dos 263 que entraram na urna - revelou a direcção do sindicato.

BANCÁRIOS NÃO DESISTEM

Os eleitos unitários nos sindicatos bancários do Norte e do Sul e Ilhas manifestaram o seu desacordo relativamente à nova cedência das direcções sindicais na reunião de conciliação para revisão da tabela salarial. As direcções aceitaram um aumento salarial de 4,5 por cento, a vigorar durante 14 meses (de 1 de Novembro passado, até ao final de 1996), e um aumento de 85 escudos no subsídio de almoço (de 1125 para 1210 escudos) - resultado que carece de ratificação em Conselho Geral de cada sindicato. Os eleitos da corrente unitária no SBN e SBSI reafirmam a exigência de aumentos salariais de 6 por cento para um ano (ou 7 por cento, no caso da abdicação de novos aumentos até ao final de 1996) e sublinham que continuar a luta é o caminho para obter condições favoráveis a um acordo melhor para os bancários.

LEGALIZAR OS IMIGRANTES

Deve ser aberto rapidamente um novo processo de legalização extraordinária dos imigrantes que ainda estão em situação ilegal no nosso país, reclamou a CGTP numa reunião recente com o secretário de Estado adjunto da Administração Interna. Para a central, este novo processo representará «o principal sinal da vontade do Governo de promover uma nova política de imigração, privilegiando o respeito pela cultura e pela identidade das diferentes comunidades». Na nota divulgada dia 20, a *Inter* afirma ter registado «com agrado» a informação que lhe foi dada por aquele responsável, de que o Governo tenciona abrir em Janeiro um novo processo de legalização dos imigrantes e que valorizará a vertente da integração das comunidades.

Sindicatos exigem Semana de 40 horas já a partir de Janeiro

A CGTP exige a redução do horário máximo de trabalho para 40 horas semanais já a partir de Janeiro e critica as associações patronais por, nas negociações da concertação social, não mostrarem «sentido de responsabilidade».

Manuel Lopes, da Comissão Executiva da central, disse à Agência Lusa que a CGTP considera vital aprofundar e dinamizar a negociação colectiva e defendeu um aumento significativo dos salários em 1996, aproximando-os dos praticados nos demais países da União Europeia.

Estas foram algumas das grandes linhas saídas do Plenário de Sindicatos da CGTP-IN, que se realizou em Lisboa no passado dia 21 e foi, como habitualmente, antecedido de uma reunião do Conselho Nacional.

O Plenário aprovou o regulamento do 8º Congresso da *Inter*, marcado para os dias 31 de Maio e 1 de Junho, em Lisboa.

Os sindicalistas analisaram também a situação que se vive na Europa e concluíram que os protestos contra as políticas sociais «ultrapassam em muito os limites que por vezes aparentam», disse Manuel Lopes.

O Plenário - adiantou ainda este dirigente - pronunciou-se pela necessidade de Cavaco Silva ser derrotado nas eleições presidenciais, deixando para mais tarde, «mas em tempo útil», a definição do apoio a um dos candidatos.

Para a conferência intergovernamental do próximo ano, a CGTP quer que a União Europeia atribua mais dignidade às políticas sociais, altere a política económica e dê maior importância ao factor emprego.

A CGTP reafirmou as exigências da actualização do salário mínimo de 52 para 57 contos, a partir de Janeiro, de um aumento significativo do abono de família e de uma discussão aprofundada sobre a política de saúde, entre outras matérias.

Apoio dos metalúrgicos

A consagração legal da semana de 40 horas logo no início de 1996 é considerada uma prioridade pela Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal, que anunciou já terem sido recolhidas no sector «milhares de assinaturas reclamando da Assembleia da República a aprovação do único projecto até agora apresentado» naquele sentido (2/VII, do PCP).

De acordo com um balanço feito na última reunião da direcção da federação, também «já foram aprovados inúmeros pareceres de apoio a este projecto, continuando a decorrer no sector a recolha de assinaturas e a aprovação de pareceres, sendo unânime a convicção de que o projecto vai ser lei da República a partir do próximo dia 17 de Janeiro».

Os dirigentes da FSMMP analisaram a simetralidade laboral na metalurgia e nas minas,

identificando as suas causas a partir de um levantamento feito a nível nacional e a partir do qual foi elaborado um projecto de proposta para discussão na estrutura sindical e posterior apresentação às associações patronais, reclamando medidas para prevenir e reparar os acidentes de trabalho.

Acusando o patronato de persistir em continuar a política derrotada nas eleições de 1 de Outubro, a federação diz esperar que o Governo «não se deixe enlevar nesta teia». Ao mesmo tempo que reafirma o empenhamento no diálogo e na negociação «para encontrar soluções», a resolução divulgada após a reunião prevê: «Não contem com a federação e os sindicatos do sector para um diálogo amortecedor das justas reivindicações e aspirações dos trabalhadores e sem resultados práticos e positivos».

A direcção da federação aprovou uma moção expressando «total e incondicional apoio» à luta dos trabalhadores franceses.

Médicos denunciam clientelismo no Garcia de Orta

O Sindicato dos Médicos da Zona Sul acusou a administração do Hospital Garcia de Orta, em Almada, de «clientelismo», de «favorecimento pessoal» e de «perseguir e sanear» vários clínicos daquela unidade.

Em conferência de imprensa realizada dia 21 em Lisboa, o SMZS solicitou à ministra da Saúde a instauração de um rigoroso inquérito e a imediata suspensão dos administradores Rui de Freitas e Inácio de Oliveira. A Agência Lusa diz ainda que as acusações à administração, presidida por Rui

Freitas, foram feitas pelo vice-presidente do sindicato, João Proença, a quem os responsáveis do Hospital colocaram um processo disciplinar por, no usufruto dos seus direitos, não ter comparecido ao trabalho para desenvolver trabalho sindical. O mesmo clínico acabaria por ser alvo de novo processo, desta vez por delito de opinião, com base em declarações que fez a jornalistas no exterior do Hospital.

Outra situação que viria a agravar o diferendo foi o facto de os responsáveis do Garcia de

Orta não terem autorizado uma reunião sindical no Hospital convocada pelo SMZS no passado dia 25 de Outubro.

O SMZS acusa a administração de ter saneado sete médicos por não aceitarem a sua política «autoritária e arrogante». Saliem o caso de um médico que trabalhava na África do Sul, a quem a administração convidou para trabalhar no Garcia de Orta mas que acabaria por despedir, por ele não concordar com os processos de trabalho que lhe foram impostos.

O «clientelismo» da adminis-

tração é fundamentado no facto de serem desconhecidos concursos públicos para a aquisição de material hospitalar e no facto de haver «indícios de favorecimento pessoal nos concursos de provimento de carreira médica, consubstanciados em perfis identificados com os candidatos beneficiados».

Perante esta situação, João Proença defendeu que «só a demissão da administração na sua totalidade» poderá pôr fim às «anomalias antidemocráticas» no Hospital Garcia de Orta.

STAL expressa «grandes apreensões»

O Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local manifestou «grandes apreensões quanto ao futuro do presente processo negocial», numa nota de imprensa emitida após a reunião de dia 19, entre o Governo e a Frente Comum de Sindicatos da Administração Pública.

Apesar do desafio expresso dos sindicatos, o executivo «não assumiu quaisquer compromissos» sobre o nivelamento do salário mínimo da Função Pública pelo valor do salário mínimo nacional, nem sobre a integração na escala indiciária do adicional de 2 por cento.

A proposta de aumentos salariais apresentada pelo Governo (aumentos salariais de 3,7 por cento, ou seja, mais 0,2 por cento que a proposta anterior, e 540 escudos de subsídio de refeição, o que representa uma alteração de um escudo sobre a proposta inicial) é considerada «ridícula e totalmente desajustada dos princípios que sustentam a proposta da Frente Comum de Sindicatos».

O STAL afirma a sua disposição de, na nova reunião marcada para amanhã, insistir em obter «soluções concretas para as questões em discussão», nomeadamente para as reivindicações específicas dos trabalhadores das autarquias.

Provedor tolera privatização ilegal

A Comissão de Trabalhadores da CP chamou a atenção da comunicação social para o facto de o Provedor de Justiça não ter pedido ao Tribunal Constitucional a reprovação do decreto-lei 116/92, que abriu à iniciativa privada a exploração do transporte ferroviário em várias linhas e retirou à CP a exploração da ligação fluvial Lisboa-Barreiro.

No parecer emitido em resposta a uma reclamação da CT dos Caminhos de Ferro Portugueses, o Provedor reconhece que, «ao publicar-se o decreto-lei em causa sem qualquer audição da Comissão de Trabalhadores por forma a permitir a sua intervenção, violou o Governo o preceito constitucional que confere o direito de intervenção na reorganização das unidades produtivas». No entanto, Meneres Pimentel conclui que factores como «o período já decorrido desde a publicação do diploma», a «forte perturbação que a eventual declaração de inconstitucionalidade poderia acarretar» e «o mero formalismo do procedimento em causa»... «desaconselham» a sua intervenção junto do Tribunal Constitucional.

«Bem podem os governos dormir descansados», comenta a CT.



Loures mantém preço da água

A Câmara Municipal de Loures decidiu, na sua reunião da semana passada, não aumentar o preço da água em 1996, mantendo os valores aplicados no ano que agora termina. A Câmara assume os encargos, de cerca de 5 por cento, pelos novos preços que vão ser praticados no fornecimento de água pela EPAL.

Uma nota de imprensa do executivo municipal informa ainda que, além desta deliberação «norteadora por preocupações de natureza social», foi deliberado ainda que, também no próximo ano, sejam isentados do pagamento de tarifa de conservação todos os consumidores que residam em habitação própria, para o que «a curto prazo, serão adoptadas novas e progressivas soluções e desencadeados mecanismos com vista às necessárias alterações regulamentares».

Moita aprova plano para 1996

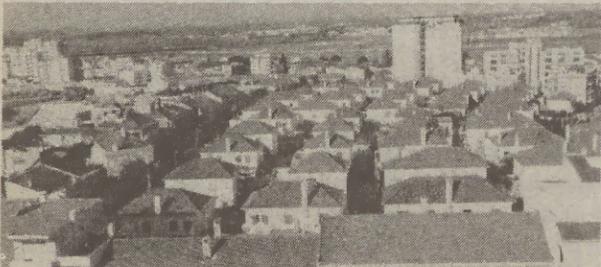
A Assembleia Municipal da Moita aprovou na sua última sessão o Plano de Actividades e o Orçamento para o próximo ano, propostos pelo executivo - revelaram na semana passada as Relações Públicas municipais. Segundo a nota divulgada dia 21, o plano tem um valor total de 3722 mil contos, assenta em princípios que visam reforçar a melhoria da qualidade dos serviços a prestar à população e contém um conjunto de investimentos de grande impacto social e cultural.

Das acções a levar a cabo em 1996 são destacadas: o início da construção de 72 fogos no Vale da Amoreira (PER 1 e 2), a conclusão da Biblioteca Municipal, a aquisição da base cartográfica em formato digital, a continuação das acções de educação e sensibilização na área do ambiente e o prosseguimento dos investimentos no âmbito da Limarsul. Está ainda prevista a abertura de uma nova delegação municipal no Vale da Amoreira e a implantação de um serviço móvel para as freguesias do Gaio-Rosário e de Sarilhós Pequenos e para zonas periféricas do concelho.

CDU na Marinha Grande recusa cheque em branco

Os vereadores da CDU votaram contra a proposta de Plano e Orçamento do executivo municipal da Marinha Grande, pois «a sua elaboração não assenta em critérios de rigor». Na sua declaração de voto, os vereadores da CDU denunciam «um exagerado empolamento das receitas» que «revela claros propósitos de deixar à maioria do executivo a definição das prioridades de investimento», pelo que recusam «um Plano e Orçamento que significa um autêntico cheque em branco».

Além de incluir inúmeras obras insuficientemente dotadas e que não poderão ser concretizadas em 1996, o Plano contempla prioridades que são contrárias às defendidas pela CDU.



Inquérito em Portimão aprovado pela AM

Ao aprovar uma proposta para a criação de uma comissão de inquérito e a realização de uma investigação pela Polícia Judiciária sobre possíveis casos de corrupção no departamento técnico de Obras e Urbanismo da CM de Portimão, a Assembleia Municipal desta cidade veio dar razão à posição da CDU e do seu vereador, Rui Sacramento, que viu inviabilizada pelos vereadores do PS e do PSD uma proposta no mesmo sentido.

Comentando esta decisão da AM, a coordenadora concelhia da CDU considera preocupante que continue a ser pouco transparente a posição da maioria socialista no município e salienta a profunda divisão que grassa no PSD (enquanto os vereadores se aliaram ao PS no executivo, os deputados municipais tomaram posição diferente e concordaram com o aprofundamento das investigações).

Matosinhos

A reclamação de mais meios e competências para as autarquias locais, de passos efectivos para iniciar o processo de criação de regiões administrativas e de medidas para a melhoria das condições de vida das populações, contida numa moção apresentada pela CDU na Assembleia de Freguesia de Matosinhos, foi aprovada com os votos contra do PSD e de um eleito do PS. O eleito da CDU absteve-se na votação do Plano de Actividades e Orçamento para 1996, considerando-os «documentos de acomodamento a uma situação que o executivo sibilamente, mas não frontalmente, denuncia na sua introdução».

Congresso, Timor-Leste, Bósnia JCP pronuncia-se sobre temas quentes

A Direcção Nacional da Juventude Comunista Portuguesa divulgou na semana passada, na sequência da sua última reunião, as seguintes notas:

1. «O V Congresso da JCP, marcado para os dias 18 e 19 de Maio de 1996, para a Cidade de Lisboa, no Pavilhão Carlos Lopes, sob o lema "Sonhar, Viver, Intervir, Construir!" marcará decididamente a actividade da Juventude Comunista Portuguesa para os próximos meses, pela grande Campanha de afirmação que, no seu quadro preparatório, será lançada sob o lema "Viver a transformar a Vida!", e pelo contributo ao nível da reflexão colectiva e da acção prática que dará para uma JCP ainda mais forte, ainda mais capaz de dar resposta diária à luta pela resolução dos problemas da

juventude e pela conquista das suas aspirações».

2. «A Direcção Nacional destaca as muito significativas demonstrações de solidariedade da juventude portuguesa para com a luta do povo timorense que se realizaram no passado dia 7 de Dezembro em praticamente todos os distritos do país. Destaca igualmente o sucesso da Campanha lançada pela FMJD (Federação Mundial da Juventude Democrática) à propósito dos 20 anos de invasão-indonésia de Timor-Leste, que culminou em acções de luta em mais de 30 países».

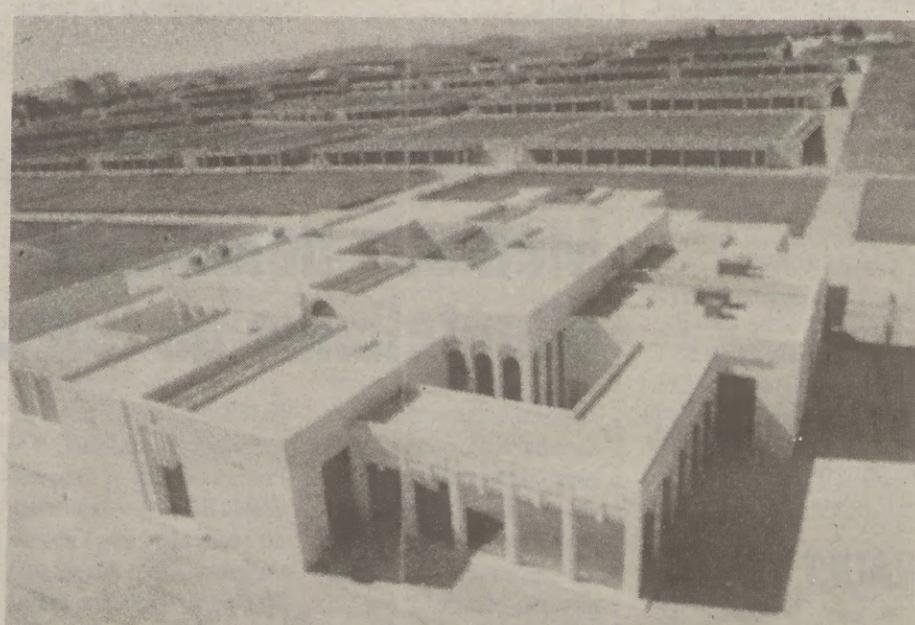
Perante a hipocrisia da comunidade internacional e a teia de cumplicidade que se engendra ao nível dos diferentes governos no quadro da dominação imperialista do planeta, a juventude, portuguesa e a de todo o mundo, continua a assumir-se como baluarte da solidariedade com os povos em luta, no quadro do combate mais global por um planeta livre da opressão e exploração, onde imperem as relações de cooperação entre os diferentes povos.»

3. «A Direcção Nacional condena veementemente a decisão do Governo de António Guterres e do Partido Socialista de enviar tropas portuguesas para a Bósnia, e chama a atenção para os seguintes pontos:

— Esta operação vem dar razão acrescida às críticas oportunamente realizadas contra as alterações introduzidas pelo PSD (e apoiadas pelo PS) no Serviço Militar, tornando ainda mais claro que a transformação de umas Forças Armadas assentes no Serviço Militar Obrigatório em Forças Armadas profissionalizadas, corresponde não às necessidades de Defesa Nacional, mas à intenção de engajamento do nosso país nas operações militares externas da NATO no quadro da defesa dos interesses políticos, estratégicos e económicos das grandes potências que a dominam.

— Esta operação, apesar da cobertura total que tem recebido por parte dos *media*, não é uma operação de solidariedade, por muito que assim a tentem apresentar, mas sim a consumação da ingerência imperialista nos Balcãs, e a tentativa de imposição aos povos dos Balcãs da sua partilha pelos eixos de influência que aí confluem. É a expressão mais directa de uma agressão imperialista continuada, que contribuiu decididamente para o despoletar da guerra e para a sua continuação durante estes três anos. E este «acordo de paz», associado ao fim do embargo de armas à região e ao envio de 60 000 militares da NATO, é mais um passo na escalada do conflito e não o oposto.

— Ainda não é tarde para inverter o caminho belicista imposto, haja vontade para tal, pois a única e verdadeiramente duradoura solução para o conflito nos Balcãs, é a do estabelecimento de bases sérias de cooperação entre os diferentes povos da região, possível apenas se a comunidade internacional nisso se empenhar, pelos meios políticos, num clima de imparcialidade, e através das Nações Unidas e não de uma estrutura militar como a NATO.»



Este é o primeiro espaço cemiterial construído na capital desde que, há mais de um século, foi inaugurado o cemitério de Benfica

Carnide tem o primeiro cemitério-jardim de Lisboa

A Câmara Municipal de Lisboa apresentou na semana passada à comunicação social as novas instalações do cemitério-jardim de Carnide, numa visita guiada em que participaram o presidente da CML, João Soares, e o vereador comunista Rui Godinho, responsável pelo pelouro do Ambiente e Espaços Verdes.

Entrando em funcionamento a partir de 2 de Janeiro, após mais de um século em que não se construiu um único espaço cemiterial em Lisboa, o cemitério-jardim de Carnide ocupa uma área de 23 hectares e «foi concebido em moldes inteiramente inovadores, privilegiando os espaços verdes e paisagísticos, marcando em Lisboa a passagem da imagem romântica dos cemitérios do século XIX para um espaço igualmente respeitoso e digno, mas mais moderno e natural», como refere uma nota de imprensa do vereador. Sali-

ta ainda o documento que «inovador é igualmente o conceito em que assentam todas as estruturas de apoio a este equipamento, permitindo a realização de todos os cultos fúnebres-pró-

prios de cada sensibilidade cultural, social e religiosa que convivem na cidade de Lisboa, no respeito integral pela visão ecuménica que caracteriza a sociedade dos nossos dias».

APD congratula-se com exoneração de Charana

A Associação Portuguesa de Deficientes congratulou-se sexta-feira com a recente exoneração de António Charana do cargo de secretário Nacional de Reabilitação, acusando-o de ter prestado um mau serviço ao sector.

A APD refere, num comunicado citado pela Agência Lusa, que «durante o período em que (António Charana) exerceu esta função a política nacional de reabilitação sofreu considerável retrocesso». «A APD foi alertando durante os últimos anos para a degradação das condições de vida dos deficientes portugueses a todos os níveis, para o crescimento intolerável da marginalização e discriminação contra estes cidadãos e para a subalter-

nização a que foi sujeito o papel das organizações de deficientes», lê-se no documento.

Para a APD, o secretário Nacional de Reabilitação serviu fielmente os propósitos do anterior executivo e demonstrou ser «fiel paladino da política prepotente e anti-social do Governo do PSD». A associação «aguarda expectante que o actual Governo acolha as propostas das organizações de deficientes, garantindo a sua participação, ao mais alto nível, na definição, elaboração e aplicação da Política Nacional de Reabilitação, como única forma de promover a igualdade de oportunidades dos deficientes portugueses», conclui o comunicado.

Centro de Controlo Oceânico

Parlamento aprova manutenção nos Açores

O Parlamento aprovou, por unanimidade, uma proposta da Assembleia legislativa Regional dos Açores que mantém o Centro de Controlo Oceânico (CCO) na Ilha de Santa Maria. Trata-se da confirmação, no plano legislativo, de uma decisão política já adoptada no sentido de instalar o Projecto Atlântico na Ilha de Santa Maria e, nessa medida, manter o referido Centro na Região Autónoma dos Açores.

Com esta aprovação, esperase agora que estejam demovidos todos os obstáculos até aqui levantados pelo conselho de gerência da ANA (Aerportos e Navegação Área) com vista a impedir a manutenção daquele Centro na Ilha de Santa Maria. Depois de tudo fazer para que se operasse a transferência do Centro Oceânico para Lisboa, aquela entidade tem vindo, com efeito, mais recentemente,

mesmo depois do anúncio da decisão governamental de instalar o projecto NAV II em Santa Maria, a desenvolver manobras em ordem a inviabilizar esta decisão.

O deputado comunista Lino de Carvalho, no decorrer do debate, classificou-as mesmo de "bloqueios", alertando para o facto de tais manobras da ANA - "avançando para soluções de implantação no terreno de duvidosa correcção técnica" - terem em vista "tornar inoperacional" a decisão do Governo.

Nesse sentido, como sublinhou Lino de Carvalho, "o Governo tem o dever de tomar todas as medidas para que as sucessivas decisões tomadas no sentido de manter o CCO em Santa Maria sejam executadas, e bem executadas".

Recorde-se que o referido conselho de gerência da ANA - contra a vontade da popula-

ção de Santa Maria, dos órgãos autárquicos e da própria Assembleia da República - encetou um processo de transferência do Centro de Controlo Oceânico daquela ilha para Lisboa, processo este marcado desde o início por uma forte contestação e pela acusação de que estariam "obscuros interesses" em jogo.

Nota de registo merece ainda o facto de ter sido o Grupo Parlamentar do PCP o primeiro a animar, quer no plano do debate, quer no capítulo das iniciativas parlamentares, o movimento com vista à manutenção do Centro de Controlo Oceânico na Ilha de Santa Maria.



Dos bloqueios às atitudes persecutórias

Facto revelador de como o conselho de gerência da ANA não se conforma com a decisão de manter na Ilha de Santa Maria o Centro de Controlo Oceânico foi a decisão por si tomada de demitir de funções o responsável pelo desenvolvimento do estudo mandado prosseguir em vésperas de eleições pelo anterior ministro Ferreira do Amaral.

Ao que tudo indica a demissão teve exclusivamente a ver com a circunstância de o referido estudo, elaborado por uma equipa dirigida pelo então director de Exploração da Navegação Aérea para a Região Atlântica (DENATL), se encaminhar no sentido de confirmar que nada havia a obstar a que o Centro de Controlo Oceânico se mantivesse em Santa Maria e que, neste contexto, a Organização Internacional da Aviação Civil - contrariamente ao defendido pelo conselho de gerência da ANA - iria confirmar que a «locali-

zação física» das instalações do CCO não comprometia a estrutura de controlo do espaço aéreo delegado a Portugal.

Não satisfeito com o rumo do diagnóstico feito no estudo, o conselho de gerência não é de modas e vai de demitir o responsável pela sua elaboração, abrindo-lhe inclusivamente um inquérito, numa atitude indigna que o deputado comunista Lino de Carvalho considera testemunhar um "claro carácter persecutório".

A propósito desta matéria, o deputado do PCP manifesta em requerimento dirigido ao Governo o seu repúdio por estas atitudes persecutórias, inquirindo-o sobre eventuais medidas a adoptar, nomeadamente sobre a possibilidade de mandar suspender ou revogar a deliberação do conselho de gerência da ANA que exonera João Sequeira do cargo de director de Exploração da Navegação Aérea para a Região Atlântica.

Regime de exclusividade



Em proposta de lei, a apresentar ao Parlamento em Janeiro próximo, o Governo prevê que os

membros dos gabinetes ministeriais sejam também abrangidos pelo regime de exclusividade, a exemplo dos directores e subdirectores gerais, permitindo-se apenas a acumulação do cargo com funções de docência e investigação. O anúncio foi feito na passada semana pelo ministro Adjunto, Jorge Coelho, em reunião da Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias. Em nome do Grupo Parlamentar do PCP - que apresentou no início da Legislatura um projecto de lei versando esta matéria - , o deputado João Amaral sublinhou na ocasião ter sido precisamente a sua bancada a tomar a iniciativa política neste capítulo, lembrando, por outro lado, a recusa do PSD em aceitar a proposta dos partidos da oposição, aquando do debate do "pacote da transparência", que visava introduzir esta norma de exclusividade.

das reuniões plenárias e das Comissões parlamentares.

Ainda aprovada, por unanimidade, foi uma proposta da Assembleia legislativa Regional dos Açores que mantém o Centro de Controlo Oceânico na Ilha de Santa Maria.

Aprovado, mas com a abstenção dos restantes partidos com assento parlamentar, foi ainda o pedido apresentado pelo PS de recusa de ratificação do decreto-lei que alterou a Lei Orgânica do Banco de Portugal.

As presidenciais e o desmoramento do PSD



O líder da formação comunista, Octávio Teixeira, afirmou na passada semana no Parlamento ser "lógico, normal e natural que o período político seja marcado pelas eleições presidenciais". Para o presidente do Grupo Parlamentar do PCP, que falava no período antes da ordem do dia, "o PSD não quer que se fale das presidenciais, porque já sabe que a candidatura de Cavaco Silva vai ser derrotada". Esta posição foi expressa na sequência de uma intervenção sobre o mesmo tema produzida por Jorge Lação (PS), que criticou a "oposição descontrolada" feita pelo PSD ao Governo, a quem acusou de estar suspenso pelo resultado das presidenciais. "O PSD persiste em navegar em águas totalmente contraditórias, ao sabor dos desacertos de uma campanha presidencial e das indefinições de orientação da sua própria direcção política", sublinhou o líder da bancada socialista, para quem uma tal postura é simultaneamente reveladora de "um partido em rota de colisão consigo próprio", o que, observou, torna "inevitável o risco de estilhaçar-se numa total falta de credibilidade".

Votações no Parlamento



A Assembleia da República aprovou, faz hoje oito dias, por unanimidade, o primeiro Orçamento

Suplementar da Assembleia da República para 1995. Também por unanimidade foi aprovado um projecto de deliberação que veda o uso dos telefones celulares no espaço do plenário e das Comissões parlamentares, no decurso das respectivas reuniões. Da iniciativa do Presidente da Assembleia da República, Almeida Santos, esta proposta visa eliminar o ruído dos telemóveis no decorrer

Programa nacional televisivo Alargar cobertura aos Açores e Madeira

Apreciados numa das sessões plenárias da semana finda, baixaram à Comissão respectiva os dois diplomas relativos à difusão televisiva nas Regiões Autónomas. Trata-se de concretizar a cobertura dos Açores e Madeira por um programa nacional, mantendo-se as coberturas regionais, objectivo pelo qual desde 1994 - data em que despoletou o proces-

so na Assembleia Regional dos Açores - o PCP se vem batendo.

Encontrando sempre a obstinada oposição do PSD (que chumbou anteriores iniciativas do PCP e do PS), este processo parece agora conhecer um novo capítulo que permitirá concretizar, como assinalou o deputado comunista Rúben de Carvalho, "um legítimo anseio dos portu-

gueses das Regiões Autónomas", cumprindo simultaneamente "um claro ditame constitucional".

Pese embora a aproximação agora feita pelo PS no articulado do seu projecto à solução sempre defendida pelo Grupo comunista (o PS defende agora, tal como o PCP sempre preconizou, uma cobertura televisiva nacio-

nal e não duas), Rúben de Carvalho entende que subsistem alguns aspectos que devem ser ponderados em sede de Comissão, resultantes quer da necessidade de adaptar as Leis sobre o Serviço Público de Televisão e sobre a RTP, SA, quer das "imposições para o fim em vista derivadas da criação da Portugal Telecom".

Na Torralta

De novo a ameaça dos salários em atraso

O Grupo Parlamentar do PCP solicitou na semana transacta a presença do ministro da Economia, Daniel Bessa, na Comissão Parlamentar de Economia, Finanças e Plano para esclarecer a situação da empresa Torralta.

Na carta em que formaliza o pedido, assinada pelo seu presidente, Octávio Teixeira, o Grupo comunista manifesta as suas preocupações quanto à "indefinição" que subsiste sobre o futuro da empresa, preocupações que torna extensivas à ameaça de, em Janeiro, regressarem os salários em atraso.

Na missiva, Octávio Teixeira deixa ainda um alerta para o facto de a evolução do processo em curso poder significar "o espectro da degradação económica, financeira e laboral" da Torralta.



Portugal palmado na guerra da palmeta

A repartição da quota europeia de palmeta da Terra Nova, de 11 mil toneladas, por Portugal, Espanha e Alemanha, decidida na madrugada da passada sexta-feira, em Bruxelas, é altamente lesiva para os interesses nacionais, não respeita os direitos históricos portugueses e não honra o compromisso anteriormente assumido pela Comissão Europeia de ter em conta as capturas efectuadas pelos Estados-membros num período suficientemente longo para reproduzir fielmente o comportamento das frotas nacionais. Ao atribuir uma quota de 28,2 por cento a Portugal e uma de 68 por cento à Espanha, a Comissão Europeia demonstrou uma vez mais que tem dois pesos e duas medidas e que a actual Política Comum de Pescas está mais interessada em estabelecer acordos com países terceiros.

A distribuição de quotas da palmeta apresentou-se desde o início como um jogo viciado, uma vez que as reivindicações dos três Estados-membros directamente implicados - Portugal, Espanha e Alemanha - ultrapassavam em 40 por cento o total de capturas outorgadas à União Europeia, para 1996, pela organização que supervisiona as pescas no Atlântico Norte - NAFO.

Portugal, que também tem interesses a defender quanto a mais três espécies - pescada,

carapau e sarda - defendeu a necessidade de se ter em conta as capturas de palmeta efectuadas pelos Estados-membros num período suficientemente longo para reproduzir fielmente o comportamento das frotas nacionais, considerando que uma série cronológica de dez a doze anos era a que mais fielmente reproduzia o que é a realidade da pesca.

Uma repartição justa só poderia ser feita tendo como base o período de referência

com que a União Europeia negociou com o Canadá, ou seja, 1982-1992, e não os últimos anos, em que Portugal foi o país da UE que mais reduziu o seu esforço de pesca (entre 1986 e 1994, Portugal destruiu 37 por cento da sua frota, contra 10 por cento da Espanha e 7 por cento da UE).

Numa fase inicial, a Comissão Europeia mostrou-se aparentemente sensível a esta argumentação, chegando mesmo a afirmar, em resposta dada em 31 de Julho último a um deputado ao Parlamento Europeu, que se comprometia "a ter em conta todos os factores relevantes, nomeadamente as capturas históricas realizadas pelos Estados-membros". A realidade veio a revelar-se completamente diferente.

Na impossibilidade de chegar a um consenso, a UE poderia ter optado por adiar temporariamente a repartição das quotas, suspendendo ao mesmo tempo as pescas para evitar a situação arbitrária do "pesque quem puder" até ao limite das 11 mil toneladas (o que prejudicaria ainda mais os pescadores

portugueses, sem capacidade de concorrer em semelhantes condições com a poderosa frota espanhola). Ao optar por impor as quotas segundo o figurino inicial, contra o voto português - sem qualquer efeito prático, diga-se de passagem -, a UE optou por uma solução que não é justa nem equitativa, deixando claro que quem dita as regras do jogo nesta matéria são os países para quem a pesca não é um sector particularmente importante e que estão mais interessados em estabelecer acordos com países terceiros, mesmo que sacrificando os interesses de um Estado-membro para quem, como Portugal, o sector tem um importante peso económico.

As reacções

As reacções de protesto à decisão da UE não se fizeram esperar. Pedro França, presidente da ADAMI - Associação Portuguesa dos Armadores de Pesca Industrial, classificou de "inqualificável e vergonhoso" a atribu-

ição de 28 por cento à frota portuguesa relativamente à pesca da palmeta.

Em declarações à agência Lusa, Pedro França considerou a decisão da Comissão Europeia de conceder 68 por cento a Espanha, "como uma decisão arbitrária e prepotente, visto que Portugal pescava mais e a Espanha menos quantidade".

"A Comissão fez tábua rasa aos nossos direitos históricos e beneficiou quem andou a fazer irresponsabilidades", comentou o presidente da ADAMI, numa alusão a Espanha.

Pedro França sublinhou que o problema das pescas é de "natureza política e não técnica", acusando a diplomacia portuguesa de "passividade", nomeadamente "o Ministério dos Negócios Estrangeiros que não trabalhou o suficiente" e o Comissário Europeu, João de Deus Pinheiro, que "tem tido sempre posições pacíficas".

O presidente da Associação dos Armadores de Pesca Industrial tornou extensivas as suas críticas a Almeida Serra, director-geral de Pescas em Bruxelas

(da DG-14), "interrogando-se" sobre o que aquele alto funcionário tem feito sobre a matéria.

Relativamente ao facto de o Governo português ter votado contra, Pedro França adiantou que tal posição não resolve nada e que apenas se apresenta como um voto simbólico".

O presidente da ADAMI considera que "a nossa pesca anda à deriva", encarando duas hipóteses como soluções: "ou o Governo toma uma forma e posição eficazes, ou então Portugal deve questionar-se sobre a sua presença na política comum de Pescas". Uma posição partilhada pelo PCP, que em nota distribuída pelo seu Gabinete de Imprensa, reproduzida em separado, considera ser "absolutamente justo questionarem-se as vantagens de Portugal continuar a integrar a Política Comum de Pescas".

Recorda-se que o sector de pesca industrial envolve em Portugal mais de 20 mil trabalhadores e movimenta anualmente 150 milhões de contos, ou seja, 1,0 por cento do Produto Interno Bruto (PIB).

Nota do Gabinete de Imprensa do PCP

1. Face às notícias hoje divulgadas sobre a distribuição de quotas para a pesca da palmeta, ontem debatidas no Conselho Europeu de Pescas, o PCP confirma as apreensões já anteriormente manifestadas através dos seus deputados no Parlamento Europeu.

A repartição da quota de 11 mil toneladas de acordo com a chave proposta pela comissão Emma Bonino (28,2% para Portugal) é inaceitável e prejudicial aos interesses do nosso país.

Incidindo sobre um sector que envolve um importante contingente de mão-de-obra e regista um elevado valor acrescentado, tal medida reveste-se de maior gravidade se considerarmos que o valor desta distribuição vincula a quota-parte a atribuir a Portugal em futuras repartições.

2. Dadas as circunstâncias, teria sido preferível que o Governo português concentrasse todos os seus esforços para que esta distribuição de quotas, que nos é extremamente desfavorável, fosse suspensa e também suspensa a actividade piscatória até que se encontrasse uma repartição mais justa para os interesses nacionais.

Neste contexto, o voto contrário do ministro português da Agricultura e Pescas não teve nem tem qualquer eficácia prática.

3. Em Janeiro de 1996, Portugal e Espanha passaram a integrar, por inteiro, a Política Comum de Pescas. Esta plena integração arrasta consequências que continuam a ser desconhecidas para os agentes que operam neste sector económico. Prevendo-se, pelo pouco que se conhece, a imposição a Portugal de mais fortes restrições ao exercício da pesca, tudo exigiria, quanto antes, uma detalhada informação sobre as implicações da integração plena.

4. É uma evidência que o actual quadro da Política Comum de Pescas é definido, no essencial, para salvaguardar interesses de países para os quais a pesca pouco representa e estão mais interessados em estabelecer acordos com países terceiros, sacrificando assim esta actividade de importância para outros países como Portugal. Daí resulta que este importante sector nacional tem perdido peso económico, tem implicado a perda de postos de trabalho e conduzido ao agravamento de situações sociais de vastas populações ribeirinhas que em muito dependem da actividade piscatória.

Neste quadro é absolutamente justo questionarem-se as vantagens de Portugal continuar a integrar a Política Comum de Pescas.

22.12.95

O Gabinete de Imprensa do PCP

Mercado comum do arroz Uma OCM sem muita espiga

O Parlamento Europeu aprovou na sessão plenária de Dezembro o relatório sobre a proposta de Regulamento do Conselho que estabelece a organização comum do mercado do arroz (OCM), após alterações que eliminaram alguns dos aspectos mais negativos do projecto inicial. Em causa estiveram, em particular, o esquema para encontrar a superfície garantida por país e o nível de rendimento por hectare daquele produto.

A proposta inicial da OCM resulta da necessidade de reformar o sector do arroz após as alterações registadas no Uruguay Round, no âmbito das quais a União Europeia concordou em substituir os direitos niveladores agrícolas neste sector por um direito aduaneiro fixo e uma redução progressiva de 36 por cento deste último até ao ano 2000. Simultaneamente, a UE comprometeu-se a reduzir progressivamente os subsídios à exportação.

A reforma em curso conta à partida com problemas de aceitação por parte dos EUA, que é um dos principais exportadores de arroz descascado, produto por sua vez essencial para a indústria transformadora dos países do Norte da UE (ver caixa).

Para além de outros aspectos, o regulamento apreciado pelo PE propõe a redução em cerca de 15 por cento dos preços de intervenção durante três fases: 1997/98, 1998/99 e 1999/2000. Para compensar esta perda de rendimentos está prevista uma ajuda compensatória por hectare baseada nos valores médios e históricos do rendimento por

hectare diferenciada para cada país. Para além disso, será criada uma superfície máxima garantida, igualmente baseada nas respectivas produções históricas. Para desincentivar o desrespeito pela "quota" nacional, todo o Estado-membro que a ultrapasse em 5 por cento terá uma redução das ajudas com-

pensatórias de cerca de 6 por cento.

Na proposta do Conselho, o esquema para encontrar a superfície garantida tinha por base as campanhas de 1992, 1993 e 1994, com excepção de Portugal e Espanha, em que se consideravam os anos não afectados pela seca (1990-1992 para a Espanha e 1989-1991 para Portugal). O esquema proposto, se não prejudicava os interesses portugueses ao nível da superfície (no período em questão registou-se um aumento da ordem dos 8000 hectares), era já lesivo para os interesses nacionais no respeitante ao nível do rendimento por

hectare, dado abranger os anos de menor produtividade e não contar com os progressos obtidos em 1994/95, prejudicando assim Portugal no cálculo dos subsídios compensatórios.

Alterações aprovadas no PE permitiram ultrapassar o problema. Da média foi retirado o ano de 1992 e incluído o de 1995. Por outro lado, foi introduzido num dos considerandos a questão do respeito pela preferência comunitária. Das alterações consta ainda uma cláusula que acelera a redução dos preços de intervenção para as campanhas até 1999, o que beneficia os interesses italianos.

Norte da Europa «dá-nos» o arroz

Existem dois tipos de arroz principais: o Japónica e o Indica. O primeiro é mais consumido nos países do Sul da União Europeia, enquanto o segundo é mais consumido no Norte. A Europa é exportadora líquida do Japónica e importadora líquida do Indica. O consumo deste último tem vindo a crescer no espaço comunitário, ao contrário do que sucede com o primeiro, estando a UE a apoiar actualmente programas específicos de reconversão da sua produção para o Indica.

A medida beneficia em particular os países do Norte que, além de consumirem mais deste produto, têm uma indústria transformadora baseada no seu branqueamento. Acresce que este tipo de arroz é muito específico ao nível das condições climáticas, não se dando em Portugal e Espanha.

No presente, a Itália é o maior produtor de arroz da União Europeia, detendo 60 por cento da produção; segue-se a Espanha, com 22 por cento e

a França, Portugal e Grécia com seis por cento cada.

Portugal é o terceiro produtor de arroz da UE, produzindo essencialmente do tipo Japónica. A área de produção por excelência é a Beira Litoral. Na campanha 94/95 o país produziu 76 mil toneladas de arroz Japónica e 4 mil toneladas de Indica, numa área de 23 mil hectares, com um rendimento médio por hectare de 6,5 toneladas. Portugal, que importou cerca de 65 mil toneladas de arroz para fazer face a um consumo de cerca de 145 mil toneladas, é o país da UE onde se consome mais quilos de arroz por habitante/ano (14,5kg).

A nível mundial, a produção de arroz branqueado foi de cerca de 350 milhões de toneladas; destas, 14 a 15 foram comercializadas a nível internacional, sendo os principais exportadores os EUA, a Tailândia e o Vietname.

Estima-se que o consumo de arroz aumente cerca de 5 por cento até ao ano 2000.

Palestina

Seis cidades libertadas

Inicia-se um novo período no controverso processo de autonomia palestina. A libertação de Belém, onde Arafat foi entusiasticamente recebido em vésperas de Natal, marca o início da preparação das eleições para o Conselho Palestino, que deverão decorrer a 20 de Janeiro.

No discurso proferido na Praça da Manjedoura, o dirigente palestino referiu uma das grandes questões não resolvidas, lembrando que os palestinos reivindicam a metade oriental de Jerusalém e os lugares sagrados muçulmanos nesta cidade, ao arripio das pretensões de Israel, que pretendem esta cidade para sua capital. Um dos múltiplos problemas que o processo de paz comporta, mercê do próprio jogo de forças que o foi moldando.

Belém foi a última cidade a ser evacuada, num total de seis cidades, conforme o previsto nos acordos de Setembro passado. Um processo que teve o seu início em 25 de Outubro, com a libertação de Jenin, cidade de 35 000 habitantes, no extremo norte da Cisjordânia. A situação de Hebron, conhecida pelas provocações e agressões por parte dos colonos judeus em relação à população palestina (400 colonos e 130 mil palestinos), fica suspensa até Março.

O acordo, que abriu caminho à libertação destas seis cidades palestinas, divide a Cisjordânia em três zonas. A primeira, englobando as cidades, que ficará sob controlo palestino. Uma segunda, englobando umas doze regiões rurais, espalhadas por todo o território, que incluem a maioria das vilas e aldeias palestinas, mantém-se sob controlo misto. A terceira zona - sob controlo israelita -

abarca todos os colonatos judeus, civis e militares, e deverá ser objecto de debate nas próximas conversações israelo-palestinas.

As cidades agora libertadas, bem como as zonas rurais sob controlo misto, Hebron e Jericó, abarcam cerca de 90% da população palestina da Cisjordânia, correspondendo apenas a 30% do seu território.

A zona sob controlo israelita - no fundamental destinada à utilização militar pelos israelitas, aos colonatos e à construção de estradas a serem utilizadas pelos colonos - estende-se por 70% do território. Desde Setembro de 1993, o Estado israelita tem vindo a intensificar os trabalhos de construção de infra-estruturas, com o objectivo claro de criar uma situação irreversível, nomeadamente através de uma rede de estradas que ligue entre si os colonatos, abarcando toda a Cisjordânia.



Tropas israelitas em Hebron. Um dos muitos problemas por resolver

Uma divisão que em si contém sérios obstáculos à edificação de um futuro Estado palestino.

As eleições que deverão decorrer no próximo dia 20 - com a participação dos palestinos da Cisjordânia, Gaza e Jerusalém oriental - destinam-se a eleger um Conselho de Autonomia cujo mandato deverá prolongar-se até Maio de 1999, o fim do período transitório do processo de autonomia. Uma Autoridade executiva emanará deste Conselho. O presidente da Autoridade será eleito directamente pelo povo, através de um escrutínio paralelo e simultâneo.

De par dos múltiplos obstáculos político-militares que se têm vindo a levantar neste processo de autonomia, as grandes questões colocam-se ao nível da economia.

Dois anos após a assinatura dos acordos a economia palestina mantém-se em estagnação, por falta da prometida ajuda, que deveria contribuir para o necessário impulso inicial.

Dos dois mil milhões de dólares que os países industrializados e as instituições financeiras internacionais tinham prometido para um período de cinco anos, apenas uma ínfima parte acabou por chegar de facto aos territórios palestinos.

Simultaneamente Israel avançou com medidas que objectivamente correspondem a um cerco dos territórios palestinos, e de que resultou um desemprego em massa. Actualmente, 50% da população activa palestina está desempregada. Antes de 1993, 31% dos trabalhadores palestinos trabalhavam em Israel. Entretanto, foram

sendo substituídos por imigrantes turcos, tailandeses, romenos (num total não inferior a 70 000).

Coloca-se ainda - e de forma determinante para o futuro - a questão dos recursos. Os acordos subscritos em Setembro estipulam o compromisso de Israel aumentar em 28 milhões de metros cúbicos as quotas de água atribuídas à população da Cisjordânia. Entretanto, nada ficou então definido no que respeita à energia eléctrica. Em geral teme-se que Israel acabe por ficar com o controlo de zonas economicamente determinantes, o que criaria sérias dificuldades à viabilidade do próprio Estado da Palestina, tanto mais que se calcula que a população palestina deverá duplicar até ao ano 2010, atingindo então, incluindo Gaza, os 4 milhões de habitantes.

Turquia

Vitória islamista

O Partido islamista da Prosperidade (Refah), de Necmettin Erbakan, venceu as eleições legislativas de domingo passado, para a câmara única do Parlamento turco, num escrutínio que a maioria dos cerca de 35 milhões de eleitores optou por ignorar.

Uma vitória que - não abrindo as portas do governo aos islamistas - directamente se prende à degradação da situação social, à marginalização de sectores maioritários da população, empurrados para um quotidiano de miséria.

O partido de Erbakan, com 21,32 por cento dos votos, que correspondem a quase seis milhões de eleitores, garantiu 158 lugares, constituindo assim o grupo parlamentar mais numeroso.

Em segundo lugar na votação, coloca-se o Partido da Justa Vida (DYP), de direita, da primeira-ministra Tansu Çiller, com 135 deputados e 19,02 por cento dos votos. Segue-se um outro partido de direita - o Partido da Mãe Pátria (ANAP), dirigido por Yılmaz, com 132 lugares e 19,5 por cento dos votos.

Tudo indica que estes dois partidos de direita virão a constituir uma coligação. Mas a nova distribuição de forças políticas - de par dos imensos problemas que sucessivas políticas de direita têm gerado a todos os níveis - tenderá a criar uma situação de instabilidade.

De referir que no Sudeste do país, onde se concentram 10 a 14 milhões da minoria curda, alvo de sistemática perseguição, o Partido pró-curdo da Democracia do Povo obteve bons resultados, alcançando mesmo 54 por cento dos votos na província de Hakkari, junto à fronteira com o Iraque.

Alemanha

O número de objectores de consciência atingirá, no final deste ano, um nível recorde na Alemanha. No final do ano, mais de 155 mil jovens terão recusado pegar em armas, contra 125 765 em 1994. O recorde anterior (151 mil) datava de 1991 e da guerra do Golfo. Em 1995, as autoridades aceitaram 88 por cento dos "dossiers" de jovens que alegaram objecção de consciência para não fazer o serviço militar. A objecção de consciência faz parte dos direitos fundamentais inscritos na Constituição.

Refugiados

O Alto Comissariado da ONU para os Refugiados (ACNUR), preocupado com o regresso previsto para o próximo ano de metade dos 1,7 milhões de refugiados ruandeses, lançou um apelo para a obtenção de 288 milhões de dólares.

O Zaire, que acolhe mais de um milhão de refugiados, comprometeu-se com o Ruanda a acelerar o ritmo dos regressos, que actualmente se processa a uma média de 100 por dia.

O ACNUR, que assiste aos refugiados nos campos, anunciou que a sua actividade em 1996 irá centrar-se no seu repatriamento e consequente reintegração nos países de origem. O sucesso das operações de regresso voluntário "dependerá, no entanto, da vontade dos governos envolvidos de respeitar os compromissos" tomados em Genebra no decurso de diferentes encontros, para criar as condições para o regresso voluntário, afirmou o ACNUR.

A hipótese de trabalho "realista", disse um porta-voz, prevê que 820 000 refugiados ruandeses regressem no próximo ano aos seus países, provenientes do Zaire, da Tanzânia e do Burundi. Por outro lado, estima-se que cerca de 900 000 pessoas permaneçam nos campos, continuando a necessitar de ajuda humanitária.

Os projectos de ajuda aos repatriados implicam o fornecimento de meios de transporte e de condições para o seu acolhimento, uma vez que no momento da chegada têm necessidade de cobertores, alimentos, ferramentas e sementes suficientes para um período de dois meses.

Moçambique

A Assembleia da República de Moçambique aprovou o Plano Económico e Social e o Orçamento do Estado para 1996, com os votos contra da RENAMO.

O controlo da inflação e a redução dos desequilíbrios macro-económicos são o principal objectivo do governo moçambicano para 1996, que prevê um crescimento económico de cerca de 5 por cento, de acordo com o Plano aprovado.

O executivo de Maputo comprometeu-se a aumentar a sua participação no financiamento do Orçamento do Estado de 45 por cento em 1995 para 50 por cento em 1996, fazendo reduzir a parte da ajuda externa.

A pobreza mata um milhão e meio de pessoas por ano na América Latina, o continente onde é maior a disparidade de rendimentos, afirmou à imprensa, em Caracas, um especialista do Instituto Interamericano para o Desenvolvimento social.

No decurso dos anos 80 o número de pobres na região aumentou em cerca de 60 milhões. Metade da população total da América Latina vive numa situação de pobreza.

Por outro lado, 44% dos latino-americanos sofre de mal-nutrição e cerca de 40 milhões de crianças vivem na rua.



■ Henrique Custódio

Limpeza em Lisboa

O trabalho de Sísifo na cidade de Ulisses

Limpar - e manter limpa - uma cidade como Lisboa significa enfrentar os resíduos urbanos produzidos diariamente por um milhão de residentes e quase outro tanto de utentes diários, tarefa agravada pela produção interminável, para não dizer infinita, de resíduos decorrentes das actividades de uma capital sempre em movimento. É um trabalho de Sísifo, mas enquanto este foi condenado pelos deuses a uma tarefa improfcua - transportar um enorme penhasco até ao cimo duma montanha que, chegado lá, rolava de novo para a base, obrigando o desgraçado a repetir eterna e inutilmente o suplício -, a limpeza de Lisboa, em cada dia que se repete, obtém resultados tão fundamentais que só se dá por eles na sua circunstancial ausência: *tout court* a habitabilidade, o funcionamento e a própria sobrevivência da cidade enquanto tal. Trata-se, evidentemente, de um problema comum a todos os núcleos urbanos do País. Numa cidade como Lisboa - gigantesca à escala nacional e em permanente expansão como todas as capitais modernas - esse problema exige estratégias avisadas e respostas de grande envergadura. É o que o município tem feito nos últimos anos ao dotar Lisboa «com um dos mais evoluídos sistemas de remoção hermética de resíduos sólidos a nível europeu», na afirmação autorizada de Rui Godinho, o vereador responsável, desde o início, pelo que a Coligação com Lisboa tem feito nesta área fundamental da actividade autárquica, modernizando e fazendo evoluir os serviços - mau grado a escassez de verbas - no confronto com o que de mais avançado se pratica na Comunidade Europeia. Aliás, menos não esperava uma cidade com fundação atribuída a Ulisses...

Para o ano há mais!

O vereador Rui Godinho é, desde o princípio, o responsável directo de toda a política da Coligação com Lisboa na vasta área da Limpeza, Higiene Urbana e Saneamento, onde, aliás, é um dos especialistas nacionais, razão que levou a própria gestão Abecasis a solicitá-lo para esse pelouro. Tem, obviamente, ideias claras e projectos definidos nesta matéria e diz que no ano de 1996, que começa dentro de dias, serão aprofundadas, através de acções concretas, as linhas de orientação definidas para o mandato 1993/1997. E exemplifica.

Na área de Remoção e Transporte dos Resíduos Sólidos Urbanos e da Higiene e Limpeza Urbana será feito o alargamento da recolha selectiva de vidro e papel e o início da experiência-piloto com pilhas, estando igualmente prevista outra novidade: a instalação e o desenvolvimento de um sistema de informação *on line* que permita obter, a cada momento, elementos sobre os principais indicadores de gestão de todo o Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos.

Serão aprofundados os projectos de Educação e Sensibilização Sanitária em curso e alargados com novos programas, onde merecem destaque as acções já desenvolvidas em todas as escolas primárias de Lisboa, as dirigidas à população em geral no sentido de a sensibilizar para uma participação cívica mais empenhada na limpeza da cidade ou as que se farão em torno da aplicação do Regulamento Municipal, de

Antes dos pormenores, uma pesada referência: recolhe-se hoje e diariamente na capital qualquer coisa como 1100 toneladas de resíduos sólidos urbanos, a que também há que dar um destino final ambientalmente correcto.

Genericamente, a limpeza da cidade de Lisboa assenta num sistema de remoção hermética de resíduos sólidos urbanos, que se operacionaliza em três grandes subsistemas: o da remoção dos resíduos sólidos, propriamente dita, o do tratamento e destino final desses resíduos e o da limpeza urbana.

Começemos pela remoção, identificada por «remoção hermética de resíduos sólidos urbanos e industriais». Realiza-se todos os dias, à excepção de domingos e feriados, através de 102 circuitos que cobrem toda a cidade. Cada circuito é servido por um condutor de máquinas e veículos especiais e dois cantoneiros de limpeza, que aumentam para três nos dias subsequentes a domingos e feriados. É este serviço que, a partir das 11 da noite, recolhe os resíduos deixados às portas de cada município e o resultante de todas as actividades da cidade.

Removidos os resíduos sólidos urbanos há que lhes dar um destino final, o que em Lisboa se concretiza na Estação de Tratamento de Beirolos e no Aterro Sanitário de Vale do Forno, aguardando-se a construção da incineradora de S. João da Talha, projecto intermunicipal que, através da mais moderna tecnologia, tratará todos os resíduos sólidos urbanos produzidos nos concelhos de Lisboa, Amadora, Loures e Vila Franca de Xira.

Tudo isto custa actualmente ao município de Lisboa um milhão e 830 mil contos/ano (66% dos quais se relacionam com custos de pessoal), ficando cada tonelada recolhida a 5871\$00 ou, calculado de outra maneira e considerando a população residente, a um custo habitante/ano na ordem dos 2761\$00.

Sublinhe-se aqui um pormenor significativo: estes custos, embora elevados dada a dimensão do trabalho realizado pelos serviços da

Resíduos Sólidos Urbanos (RSU), nomeadamente dejectos de animais e entulhos.

Entretanto prosseguirão as acções de renovação da frota de remoção de limpeza mecânica e de apoio à limpeza urbana, de forma a continuar a baixar a idade média dos equipamentos em serviço, rentabilizar custos de exploração e melhorar a prestação do serviço.

Dados os bons resultados obtidos na 1ª fase, desenvolver-se-á o protocolo de cooperação com o Ministério da Justiça para colocação de reclusos na limpeza urbana.

Quanto ao tratamento e destino final dos RSU, merecem destaque o arranque da construção, em S. João da Talha, da Central de Tratamento de RSU dos municípios de Lisboa, Loures, Amadora e Vila Franca de Xira e a implementação do POGIRSU (Programa Operacional de Gestão Integrada dos Resíduos Sólidos Urbanos dos quatro municípios).

Relevo, também, para a execução, através da Ambelis (municipal) e em cooperação com as empresas que operam na cidade, do projecto de reutilização de materiais presentes nos entulhos recolhidos e a sua concretização. Prosseguirão, entretanto, de forma ajustada as explorações da ETRS de Beirolos (até ao seu encerramento no final do ano) e do aterro sanitário de Vale do Forno (com expansão até 1998).

Outros projectos e obras relevantes para o ano de 1996 serão a construção do novo Canil/Gatil em Monsanto, o desenvolvimento de acções no âmbito do projecto do controlo de aves e a continuação da recuperação e conservação de instalações, tendo em vista conferir melhores condições de trabalho aos trabalhadores do Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos (DHURS)

Câmara Municipal de Lisboa, continuam imbatíveis pois correspondem a cerca de metade do cobrado por empresas privadas a quem tem sido concessionada a recolha dos resíduos sólidos urbanos noutras cidades, tanto portuguesas como da Comunidade...

Disciplinar, regulamentando

Completando o sistema, há os serviços de limpeza pública urbana, executados na base de percursos de varredura manual e dos chamados «giros de lavagem». No primeiro caso a cidade está dividida em «cantões», classificados em três grupos consoante a periodicidade com que são varridos; para o segundo, estão definidos circuitos de lavagem em toda a cidade que completam a acção de varredura manual (ver peça ao lado).

Paralelamente, o município tem-se empenhado a fundo na sensibilização dos municípios e na regulamentação das obrigações de cada um. Para isso foi criado o Regulamento de Entulhos da Cidade de Lisboa, em vigor desde Janeiro de 1995, que disciplina o exercício da actividade de deposição e remoção dos entulhos da cidade e, recentemente, o Regulamento de Remoção de Dejectos Caninos, a entrar em vigor no próximo dia 16 de Janeiro, que responsabiliza os

proprietários ou acompanhantes de animais pela limpeza e remoção imediata dos dejectos por estes produzidos na via pública.

A Divisão da Higiene e Limpeza Urbana da Câmara Municipal de Lisboa participa ainda no Serviço de Protecção Civil, no apoio às Festas da Cidade e outros grandes eventos culturais e desportivos, no apoio logístico à realização de eleições (nestas últimas, por exemplo, a remoção de 73 000 pendões de propaganda custou 10 000 contos ao município), na remoção da publicidade afixada clandestinamente, no apoio à limpeza dos mercados fixos e de levante, além de assegurar a limpeza das sarjetas da cidade.

Da sensibilização à recolha selectiva

O sistema de limpeza da cidade de Lisboa está apoiado por uma Divisão de Sensibilização e Educação Sanitária, que promove acções permanentes viradas para a generalidade dos municípios e apostando no crescente envolvimento de todos na tarefa de melhorar a qualidade de vida na capital.

Mas não só. A par dos grandes serviços accionados diariamente para a limpeza, a remoção e o destino final dos resíduos, outros estão à disposição dos municípios para responder a necessidades várias. É o caso das recolhas selectivas de vidro, papel e cartão, para reciclagem e reutilização, e das recolhas diferenciadas para objectos domésticos de grandes dimensões - os chamados «monstros».

Este último - grátis como todos os outros - permite ao município lis-

boeta livrar-se de todos os trastes que quiser (frigoríficos, camas, guarda-fatos, etc.) com um simples telefonema para uma linha exclusiva, marcando com os serviços o dia e a hora em que quer deixar os «monstros» à porta para serem recolhidos. O sucesso deste serviço está patente nas 3000 chamadas/mês actualmente recebidas.

Quanto às recolhas selectivas para reciclagem e reutilização, o seu crescente sucesso já vai nas 60 toneladas/semana para o vidro que os municípios depositam nos vidrões, e nas 20 000 toneladas/semana para o papel e cartão entregue nos 31 centros de recolha espalhados pela cidade, resultados que o município regista com agrado, pois confirmam a boa estratégia de sensibilização seguida para mobilizar os lisboetas para a reciclagem e reutilização dos materiais.



Os modos e os meios

Já se disse e viu que são diversificados os modos de limpar e manter limpa (o que não é exactamente a mesma coisa...) a cidade de Lisboa. O que não se disse foi que este trabalho está a ser feito com 66% da dotação oficialmente prevista no Quadro de Pessoal de 1995, como nos assinalou o vereador responsável, Rui Godinho, o que se traduz,

por um lado, em qualquer coisa como 330 vagas por preencher e, por outro, como também assinalou Rui Godinho, num redobrar de esforços do pessoal no activo.

A partir do «Estudo de Análise de Custos dos Sistemas de Remoção dos RSU e de Limpeza Urbana da Cidade de Lisboa», realizado

pela FTC/UNL, concluiu-se que a admissão de novos cantoneiros está perfeitamente enquadrável dentro de uma política de racionalização de meios e de contenção com despesas de funcionamento e que a admissão, por exemplo, de 250 trabalhadores representa apenas 1,6% do total de «Despesas de Pessoal» previstas no Orçamento de 1996.



Operações especiais quando a cidade dorme

Quando um lisboeta vê, noite dentro ou até manhã fora, uma grande concentração de máquinas e homens a lavar e limpar em profundidade avenidas, ruas e becos deduzirá, com razão, que se encontra perante uma operação especial de limpeza. O que talvez não saiba é que essas operações especiais de limpeza (é assim mesmo que se chamam) se realizam quinzenalmente desde Novembro de 1990, segundo um plano elaborado para toda a cidade e definindo, com minúcia, tanto a hierarquização das intervenções como o seu escalonamento no tempo. Têm por objectivo reforçar a limpeza da cidade, intervindo zona a zona com grande concentração de meios.

A envergadura destas operações especiais de limpeza avalia-se pela média de 130 trabalhadores envolvidos em cada uma delas. Apenas a título de exemplo, neste ano de 1995 realizaram-se 18 dessas grandes acções, totalizando gastos na ordem dos 40 000 contos.

Cada operação especial de limpeza é articulada com a Junta de Freguesia da área respectiva, numa conjugação de esforços para outro aspecto importante: a informação e sensibilização dos moradores, a quem é previamente distribuído um apelo do próprio vereador responsável, Rui Godinho (que, aliás, acompanha pessoalmente e com regularidade estas intervenções), para que colaborem com gestos simples, mas fundamentais, como o bom acondicionamento dos lixos ou o recurso aos vários serviços à disposição dos municípios, nomeadamente o da recolha gratuita dos «monstros», de modo a melhorar cada vez mais a limpeza da cidade.



Livros & Publicações

Com Festas Felizes

Uma edição de Natal, da Editorial Escritor. Trata-se de **Ciúmes Ficcionais**, de Leonilde Leal, com ilustração de Armada Andrade. Apenas trinta páginas, como uma prenda para saborear devagarinho. Um conto? Uma curta novela? Venha o crítico e decida...

Duas de Cultura...

A Câmara de Lisboa edita. E em boa hora tem lançado alguns livrinhos que são outras tantas iniciativas culturais de importância. Desta vez referimos a saída, promovida pelo Pelouro da Educação e da Juventude, da responsabilidade do

vereador comunista António Abreu, de duas brochuras, bem apresentadas e de grande interesse. Uma delas é nada menos que **A Cultura Integral do Indivíduo**, de Bento de Jesus Caraça, texto de uma conferência que o autor proferiu em 25 de Maio de 1933

e cujo impacte influenciou os anos subsequentes. Concebida como uma homenagem, esta edição pretende que a memória da intervenção de Caraça na cultura portuguesa se não desvaneça. Porque à reflexão que propõe mantém a actualidade. Ainda do mesmo Pelouro, e da autoria de Artur Marques da Costa, uma evocação de Wilhem C. Röntgen comemorando os 150 anos do seu nascimento e o centenário da descoberta dos Raios X.

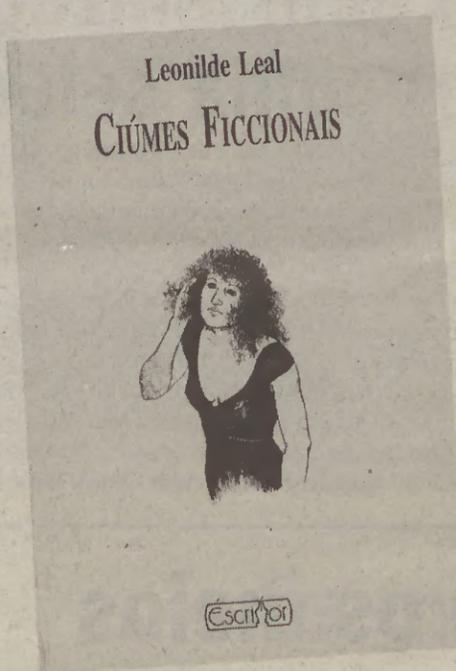
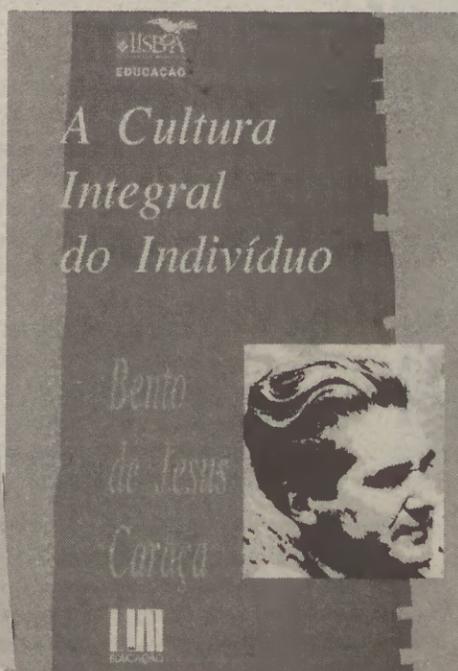
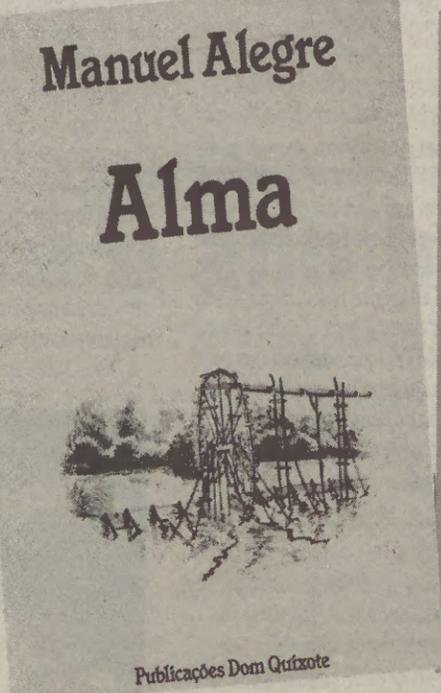
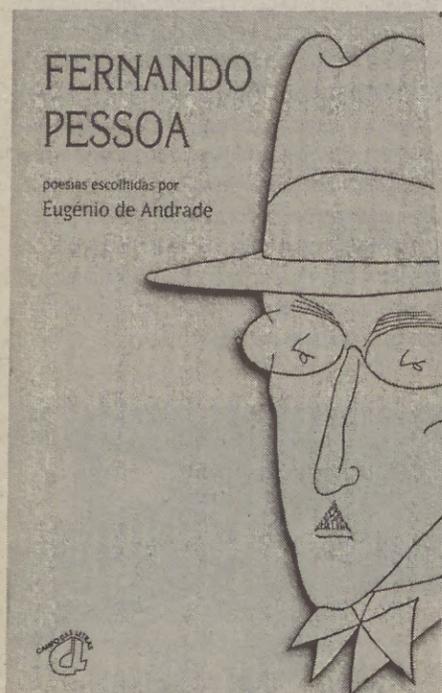
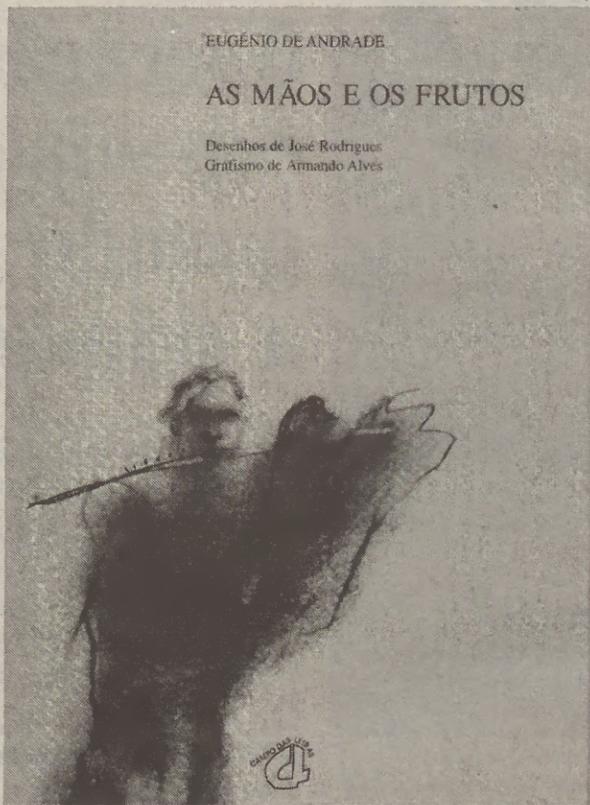
As mãos e os frutos de Eugénio de Andrade

A edição é belíssima. Esmerou-se a «Campo das Letras» neste livro de belos poemas de Eugénio de Andrade, que retoma o prefácio que em 1970 Jorge de Sena escreveu e o texto de 1948 da autoria de Vitorino Nemésio, com desenhos de José Rodrigues e o cuidado grafismo de Armando Alves. Na mesma editora, Eugénio de Andrade publica outro livro. Desta vez os poemas não são dele, mas escolhidos por ele na vasta obra de Fernando Pessoa.

E a Campo das Letras não se fica por aqui, neste final de ano. Destaque ainda para o romance de António Rebordão Navarro, **Parábola do Passeio Alegre**, obra que, com a **Mesopotâmia** e a **Praça de Liège**, constituiu uma trilogia.

Outras colecções da mesma editora também não têm estado paradas. No «Campo da História», lugar de honra para as **Cartas de Fuzilados**, que António Dias Lourenço prefacia, numa edição com desenhos de José Rodrigues. No «Campo da Saúde», um «livro prático da futura mãe», **Calendário da Gravidez**.

E, como não há mãe sem filhos, as crianças têm escolha.



... E uma de presidenciais

Recebemos, também, na nossa Redacção, um oportuníssimo livro, em edição dos autores, a quem agradecemos. Maria de Fátima Abrantes Mendes e Jorge Miguéis compilaram a legislação sobre a **Eleição do Presidente da República**, numa interessante edição. A legislação sobre este importante processo eleitoral, actualizada, anotada e comentada e acompanhada pelos resultados eleitorais registados em 1976, 1980, 1986 e 1991.

Desde uma viagem **A Caminho de Santiago**, de Ana Saldanha, às histórias de **Palmo e Meio** **O Senhor Ovo Gordo e o Senhor Ovo Magro**, de Alberto Vilaça.

Para os mais aventureiros, aventuras exploratórias a antigas civilizações na companhia de... Indiana Jones.

Alma

Desta vez, um romance. Ainda há pouco falávamos de um livro de poemas do autor e agora recenseamos a prosa de Manuel Alegre. Nota de nostalgia apenas? Peregrinação saudosa ao lugar encantado da infância? Não nos parece. Será antes o relembrar de raízes que acabaram dando corpo a uma voz específica nas letras portuguesas. Voz atravessada sempre pela procura do sentido «político» da vida, que é mais do que possa parecer. Um romance que reconstitui a memória dos anos quarenta, tão importantes para os anos que vieram depois. E que só não interessam aos que não têm passado.



viagens
em
Inglaterra

Uma só palavra: camarada

■ Manoel
de Lencastre

As férias do Natal, em Inglaterra, são o que sempre foram – um belo período de reflexão e paz, para muitos, mas também de confusão e tumulto nos espíritos, para bastantes outros. Em Londres, a 24 de Dezembro à noite, suspendem-se os próprios transportes públicos – não há Metro, comboios, autocarros. Nos seus lares, as famílias celebram. Mas, antes de correr-se para casa, vive-se, ainda, o ambiente frenético das compras de última hora, o de certas «festas de rua», o das despedidas com bebidas de todo o género nos locais de trabalho. As empresas começam a encerrar e só reabrem depois do Ano Novo. Corre a cerveja. É véspera de Natal. Multidões enchem os «pubs».

Londres, na véspera de Natal

No «Partners», um «wine-bar» que se localiza a meio da Newman Street, as bebedeiras começam a formar-se às onze horas da manhã. E raparigas bonitas, excitantes e excitadas, parecem colocar limites de alguns minutos, apenas, à própria existência – tal a tensão que as faz tombar no chão sob os efeitos do álcool. O mesmo acontece nas próprias carruagens do Metro onde se vomita e se desfalece.

Às quatro da tarde, a debandada começa. Londres, a grande metrópole, esvazia-se daqueles que são a sua alma e recolhe a casa para lançar-se no processo de viver «directas» de 24 ou 48 horas em contínuos comes e bebes. Chamam a isto a festa das famílias. Mas chegam os estrangeiros. Estes, são novas turbas de europeus, muitos com bases instáveis ou limitadas nos seus países. Pessoas sem família, casais sem filhos, gente que viaja em busca de aventuras e prazeres inesperados, além de alguns milhares que farejam os saldos dos grandes armazéns. Que tem Londres para oferecer a toda esta gente? Que se lhes depara quando surgem, a 24 (Chrisymas Eve) ou a 26 (Boxing Day), nas estações ferroviárias de Victoria e Waterloo ou nos Aeroportos de Heathrow e Gatwick?

A capital inglesa, como já se referiu, está vazia. O seu povo de todos os dias refugiou-se nas festas natalícias e na adoração das crianças para quem ele, no fundo, é feito. Os milhares de indivíduos sem abrigo, companheiros da noite, das ruas, dos jardins, tinham procurado o relativo aconchego temporário das instituições de caridade. Os desalojados do mercado da habitação teriam encontrado soluções temporárias. As imensas bolsas de pobreza que não cessam de crescer e contam muitos milhares de pessoas, são barreiras que defendem da curiosidade internacional os excluídos. Quem vai a Brixton ou a Tottenham?

A política entrou de férias. A Câmara dos Comuns, encerrada. Jonh Major, em Chequers, tenta equacionar os seus intratáveis desequilíbrios e o terrível medo das

próximas eleições. Os trabalhistas fazem contas aos votos que pretendem obter em todos os sectores sociais. E enquanto a cidade se encurta e esconde e os polícias vigiam tentando aparentar a mais inequívoca normalidade, os «home counties» (províncias mais chegadas à capital britânica) afundam-se no tempo pretendendo que as horas passem devagar. Em Essex, Kent, Sussex, Surrey, os Bershire, Buckinghamshire e nas zonas mais afastadas do Middlesex, é onde ainda procura respirar a mais ferida classe média do mundo – aquela que existe e se fragmenta já sem esperanças e se interroga mais ou menos nestes termos: «Se a recessão tinha acabado, qual a razão dos nossos infundáveis problemas?»

Os estrangeiros que vêm às compras, não podem observar a Inglaterra. Muito menos a Grã-Bretanha. Espalham-se pela Oxford Street, vão mirar o «Harrods», em Knightsbridge. Além de americanos e japoneses, são poucos os que procuram o «Fortnum & Mason», o mais selectivo, um oásis da burguesia mundial em pleno Piccadilly, mas junto à zona de St. James. Às vezes, nota-se a passagem de portugueses (e

constitui um prazer. Mas este pessoal não tem qualquer preparação profissional. É colocado a trabalhar porque se oferece no mercado a preços horários baixíssimos e sem qualquer tipo de garantias. A qualidade do serviço, portanto, só pode ser péssima.

A jovem que emigrou da Bósnia é inteligente. Também trabalha no «Partners» e o seu nome é Esbieta. Perguntámos-lhe o que pensa da situação na sua terra. Mas a rapariga surte e respondeu-nos com a afirmação desinibida de que tudo era melhor, antigamente, e pronunciou pesadas palavras como corrupção, ódio, guerra e morte. Disse-nos, igualmente, que o pai fora um comunista que se batera em múltiplas batalhas de classe e lutara contra a invasão das «novas ideias» e dos processos corruptos nas empresas e em todo o aparelho do Estado, ainda no tempo da Jugoslávia. Desabafou: «Olha, meu senhor, os comunistas, apesar dos seus erros, tudo o que faziam era com os olhos postos nos interesses do povo. Agora, estes...»

Mostrámos a Esbieta, com total orgulho, o nosso cartão de membro do Partido Comunista. E vimos, então, que uma inesperada, intensa alegria lhe surgia no rosto, enquanto os olhos se lhe inundavam de irreprimíveis lágrimas. Depois, olhando-nos como se houvésemos ali aparecido vindos de um mundo onde as esperanças podem ser transformadas em certezas, um mundo que ela julgara para sempre extinto, pronunciou uma só palavra: «Kamera!» E ao mesmo tempo que a disse, abraçou-se-nos.

Mergulhos

Temos o direito de gostar do mundo em que vivemos, apesar de pretendermos trabalhar para transformá-lo. «O comunismo foi chão que deu uvas», disse-nos recentemente, alguém que por motivos particulares estimamos mas que não deixa de colocar-se muito perto de Cavaco Silva e com ele trabalha desde há vários anos. Mas esse alguém, encontrámo-lo, agora, vivendo uma considerável angústia,

procurando adaptar-se a uma nova existência sem horizontes, e teme o futuro. Também Walesa tem saudades dos tempos em que dizia lutar pelo pão e pela liberdade dos polacos ao mesmo tempo que o seu movimento recebia milhões de dólares provenientes de Ronald Reagan, Margaret Thatcher, Bill Casey.

Todas estas pessoas, com Mikail Gorbachev, Alexander Yakovliev, Eduard Schevardnadze, nos dão a impressão de se haverem lançado para uma piscina. A meio do salto, contudo, verificaram, com o mais natural alarme, que a mesma não tinha água. Eis porque gostamos do tempo que estamos a viver. Ele traz-nos novas esperanças. Na verdade, estão já também em pleno mergulho todos os que nos diziam que pretendíamos viver num sistema de ilusões ultrapassadas e sem futuro, que julgávamos poder organizar a vida na aplicação de métodos de comando ou de acordo com estilos de trabalho próprios da época de estagnação.

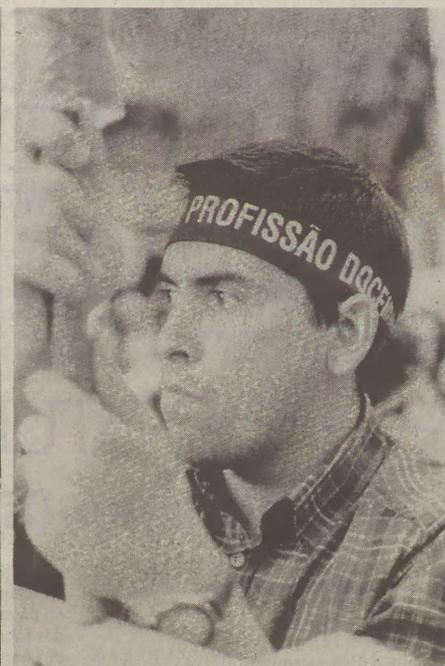
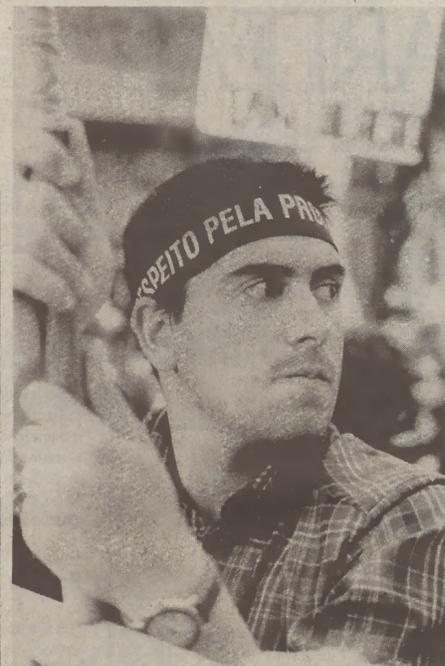
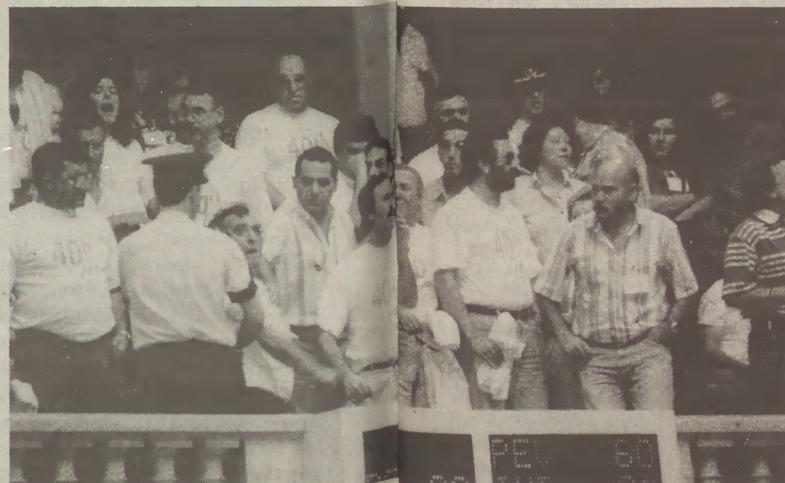
A piscina, meus amigos, está vazia. Ma eles continuam a mergulhar, uns após outros, em Portugal, na Grã-Bretanha, na Rússia, na Polónia. Por muito que nos esforcemos, não nos é possível compreender...



de portuguesas, sempre muito orgulhosas dos sacos das suas compras com destaque para os nomes dos estabelecimentos onde as fizeram. E vê-se que sonham com o momento «histórico» em que exibirão esses embrulhos, esses nomes, essas compras, perante os embaçacados compatriotas. Dirão: «Comprei em Londres», na esperança de ver os outros mordendo-se de inveja.

No fim, ninguém põe os olhos sobre a verdadeira Londres. Como se vive aqui? Quantas pessoas trabalham nos principais centros da grande cidade? Na City, no West End. Quantas fábricas, quantas indústrias deixaram de existir nos últimos 30 anos? Para onde foi a família real? Ninguém sabe. Os principais restaurantes encontram-se fechados. Os turistas são obrigados a comer ou preferem fazê-lo nos hotéis, nos «snack-bars», nos infames «Pizzas», «Burgers», «Prêt-a-Manger». O que se lhes oferece é, na generalidade, simplesmente horrível, lixo, e tudo stupidamente caro. A indústria de hotelaria e restaurantes (catering) vive da exploração dos trabalhadores imigrados ocasionais. Uma pessoa não pode, naturalmente, sentir problemas em ser atendido por um chinês, um espanhol, um etíope, uma brasileira, uma recém-chegada da Bósnia. Às vezes, isso até

...E Cavaco foi para a rua!



«Pelas 40 horas semanais» - uma promessa por cumprir

Portugal foi o único país da UE onde o rendimento dos agricultores voltou a descer em 1995

Trabalhadores das Telecomunicações em defesa dos postos de trabalho

Jornada de Luta da CGTP

Pela dignificação da carreira docente

O ano de 1995 fica assinalado a nível nacional como um dos mais intensos do ponto de vista da luta política e laboral.

Aos sucessivos escândalos protagonizados pelo PSD e respectiva denúncia na Assembleia da República e órgãos de comunicação - tanto quanto a maioria governamental e os seus homens de mão no aparelho de Estado e nos *mass media* o permitiu - correspondeu nas ruas, nas empresas, nas autarquias, nos sindicatos, nas escolas, nos campos, em todos os sectores da vida nacional, enfim, um poderoso movimento de massas clamando pela necessidade imperiosa de um novo governo e uma nova política.

A destruição das principais indústrias do país, o abandono a que foram votadas a agricultura e as pescas, a entrega ao capital privado - nacional e estrangeiro - dos sectores mais rentáveis, a submissão completa aos ditames da União Europeia e aos objectivos de Maastricht em nome de uma coesão económica nominal sem qualquer efectiva coesão social, o aumento do desemprego e do subemprego, consituíram o dramático saldo de dez anos de governação cavaquista a que o povo português disse basta!

A derrota da direita nas eleições de Outubro não-foi fácil. A demagogia, ao compadrio, à corrupção, opuseram os trabalhadores de todos os quadrantes a força da sua luta e da sua razão.

Na breve resenha fotográfica de lutas que marcaram o ano de 1995 - necessariamente incompleta - lembramos a Jornada de Luta da CGTP-IN de 16 de Fevereiro, as reivindicações dos mineiros do Pejão, a exigência pelas 40 horas de trabalho semanal, a luta da Telecom, o protesto dos agricultores, a luta dos professores pela dignificação da carreira docente. Um pequeno exemplo que não desmerece todas as outras, igualmente determinantes para pôr termo a dez de descalabro de governo PSD.

Com todas elas esteve, desde a primeira hora, o PCP. Naturalmente. E, naturalmente, Cavaco foi para a rua!



O «homem» do leme foi o primeiro a abandonar o barco



Mineiros do Pejão em luta pelo trabalho



«Cavaco p'ra rua» - uma exigência nacional

PONTOS CARDEAIS

O passado sem memória

O passado tem importância. A memória identifica-o. Do passado se tem falado a propósito das candidaturas presidenciais. Do lado de Cavaco Silva o passado tem sido reconstruído sem memória. O passado só existe se for arma de arremesso contra o adversário. O passado não tem vida, pessoas, emoções, combates, circunstâncias. O tempo do passado de Cavaco Silva não é o

tempo em que o passado aconteceu. O passado para Cavaco Silva tem datas mas não a marca do tempo. É uma cronologia, não é uma história. O passado para Cavaco Silva conta com a falta de memória. Sobre si próprio, Cavaco conta com o esquecimento. Quando diz: «os portugueses conhecem-me», Cavaco não está à espera que esses portugueses se lembrem de quem foi Cavaco Silva. Cavaco espera que os portugueses achem, somente, que ele é...

Quando Cavaco relembra ter sido Chefe do Governo, não pretende que as pessoas se lembrem do que ele fez. Pretende apenas que as pessoas se lembrem que ele foi. Teve um posto, uma dignificação, um estatuto, uma posição na vida. Cavaco aguarda o esquecimento e pretende a admiração: «este senhor até já foi primeiro-ministro!». E só.

«Não gostam de mim»

Cavaco Silva até gosta de recordar «aqueles que não gostam de mim mas sabem que...». É um truque: se a memória afinal vier ao de cima iludimo-la com a falta de memória. Dizer «eles não gostam de mim» pretende ser uma espécie de queixume infantil, o

mesmo da criança mimada e feia da escola primária, ostracizada pela maldade dos outros. Cavaco transforma o passado e quer ser vítima. Não quer recordar quem vitimou. «Eles sabem que...» completa a ilusão. Para Cavaco «eles sabem» o que Cavaco quiser. «Eles» não estão lá para dizer o que realmente sabem. «Eles» não podem dizer o que Cavaco foi. «Eles» não podem desmentir o que Cavaco disse. «Eles» não podem explicar porque não gostaram e não gostam de Cavaco. «Eles» fazem parte do esquecimento de Cavaco. Cavaco Silva não tem reminiscências. Por que não tem alternativa. Está no carácter. É a massa do seu sangue: o seu tempo, se bem se recordam, foi um tempo sem memória.

Pobreza

Mas a memória pode atraiçoar. Cavaco Silva brinca com o passado dos outros, manipula-o, usa-o, atropela-o ao sabor das conveniências do presente. A arma tem dois gumes. E quando se pergunta - «afinal, qual é o passado de Cavaco?» - um dos gumes fere o agressor: o passado do homem tem apenas quinze anos! E da prestidigitação sobre os dias mais recentes, passa-se à busca de uma existência, de uma prova de vida, de uma certidão de nascimento, de uma identidade. Busca difícil para quem não tem reminiscências. Cavaco Silva noticia uma breve nota do seu registo notarial: em 1969 terá votado na CEUD o que talvez fosse um glorioso acto de afirmação política antifascista se, pelos vistos, não fosse único antes do 25 de Abril e, ainda por cima, secreto. Pobreza.

«Esqueci-me»

Segundo o mandatário nacional da candidatura, Augusto Lopes Cardoso, tal voto na lista que representaria a oposição nas eleições manipuladas pelo marcelismo, teria um duplo significado: «era considerado divisionismo pelos comunistas», ou seja, era um voto contra os comunistas. O útil e o agradável. Esqueçamos a contradição com o discurso de hoje, tipo «presidente de todos os portugueses», inevitável na campanha eleitoral. Cavaco Silva e os seus homens confirmam: o ex-primeiro-ministro não mudou, tudo bem. Voltemos antes à falta de memória: Lopes Cardoso é interrogado pelo «Expresso»: «Votou em quem em 1969 e 1973?» «Votei na oposição, na CEUD, o que era considerado divisionismo pelos comunistas.» «Mas a CEUD concorreu em 1973?» «Bom, isso já não me lembro. Teria de fazer um esforço de memória.» Confirma-se: deste lado não há memória. A CEUD não concorreu a eleições em 1973. Partidas que o passado nos (vos) prega.

FRASES da SEMANA

«(...) o direito de propriedade nunca deve exceder-se em detrimento do bem comum (...) Deus destinou a terra e tudo o que nela existe ao uso de todos os homens e povos.»

☛ (da mensagem natalícia da Comissão Diocesana Justiça e Paz da Arquidiocese de Évora, citada em «Expresso», 23.12.95)

«Separado simultaneamente do poder e da obra feita, Cavaco deixa de fazer sentido.»

☛ (José António Saraiva, «Política à Portuguesa» - «Expresso», 23.12.95)

«Será um Presidente da República que muito pouco terá a aprender, tendo em conta o capital de saber que detém, podendo assumir com plenitude, e de imediato, as responsabilidades e as funções inerentes a esse alto cargo. Cavaco Silva merece indubitavelmente o reconhecimento internacional que tem e goza de uma credibilidade que ninguém pode negar. Por tudo isto, Cavaco é indispensável a Portugal.»

☛ (Ludgeres Marques, Presidente da Associação Industrial Portuense - «Público», 26.12.95)

«Os portugueses podem não gostar de mim mas sabem que nos momentos difíceis eu estarei lá.»

☛ (Cavaco Silva, no Debate sobre as Presidenciais - «SIC», 21.12.95)

«Antes do 25 de Abril eu trabalhei afincadamente para estudar. Era de famílias pobres.»

☛ (idem)

«Falta um «clic» de emoção à campanha.»

☛ (Lopes Cardoso, mandatário nacional de Cavaco Silva - «Expresso», 23.12.95)

«Cavaco reage e assusta todos»

☛ (título - «Público», 23.12.95)

«Foi um bom negócio.»

☛ (Torres Campos, Presidente da BRISA - «Expresso», 23.12.95)

«(...) não se preocupem porque vamos reduzir o «hardware» e promover o «software»»

☛ (fontes próximas do Executivo, a propósito da anunciada redução em 10% do orçamento para a Cultura, citadas em «Semanário», 23.12.95)

«Guterres é muito bom, mas já há deslizes no Governo.»

☛ (Victor Melícias - «Semanário», 23.12.95)

«Todos os membros do Governo têm a minha confiança pessoal.»

☛ (Narciso Miranda - «Semanário», 23.12.95)

«Democratas russos, uni-vos»

☛ (título interpretando apelo do secretário de Estado Warren Christopher aos «reformadores» russos, após as eleições legislativas - «Público», 22.12.95)

PONTOS NATURAIS

Do meu Diário

Dia, Dialéctica

Marx pode não ter razão. Sinceramente o digo, porque o próprio me ensinou a discutir.

Marx pode pois não ter razão.

Mas se o capitalismo a tem porque não a demonstra? Por que é que dia a dia se entretém a dar razão a Marx?

Admitindo, claro, que Marx pode não ter razão...

Augusto Cabrita

a luz chegou montada num cavalo de fogo

chegou e tu não estavas cá para atirar-lhe o laço e guardá-la no bolso

teus olhos oh memória do território do instante: deitai a vossa bênção para as palavras que quiseram aprender convosco.

Sermão

Guardai vossa caridade para vós mesmos

oh antropófagos do sistema
oh ignorantes da hora
oh passantes distraídos das fábricas fechadas dos barcos na areia dos frutos sem árvore!

A Palavra não está nos dedos mutilados de anéis nem nas palavras santas com sabor a mentol.

Hipócritas, vós tendes na boca o nome do menino mas continuais com Herodes e só não habitais o deserto porque sois o deserto oh deserdados do coração!

E eu que vos não amo por que raio ainda tenho de vos gramar na televisão?

1996

Minúscula versão do calendário para o ritual das flores novas.

Ao medir-se o tempo humanizou-se para poder sentar-se à nossa mesa onde o pão continua a estar sonhando.

Mário Carrius



PRESIDENCIAIS



Jerónimo de Sousa

Iniciativas com a participação do candidato do PCP

Quinta-feira, dia 28

DISTRITO DE SANTARÉM

SANTARÉM

Encontro com dirigentes sindicais do distrito na sede da União de Sindicatos, às 16h30

ALPIARÇA

Sessão pública no Centro de Trabalho do PCP, às 21h

Sexta-feira, dia 29

DISTRITO DE LISBOA

SANTA IRIA DA AZÓIA

Encontro com a população na Sociedade Recreativa de Pirescoxe, às 19h

Sessão pública na Soc. 1º de Agosto, às 21h30

Sábado, dia 30

MARINHA GRANDE

Sessão pública na sociedade Império Marinhense, às 17h

Domingo, dia 31

LISBOA

VISITA A ALFAMA

(a partir do Largo do Chafariz de Dentro, às 12h)

Almoço e encontro com a Comunicação Social no Grupo Sportivo Adicense, às 13h

Domingo, dia 31

SETUBAL

Passagem de Ano promovida pela DORS do PCP no Pavilhão do Comércio e Indústria

Segunda-feira, dia 1

LISBOA

Declaração sobre Portugal no Contexto Internacional no Hotel Plaza, às 17h

Terça-feira, dia 2

VIANA DO CASTELO

Visita aos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, a partir das 10h30
Almoço com os trabalhadores dos Estaleiros

Terça-feira, dia 2

DISTRITO DE BRAGA

FAMALICÃO

Jantar de apoiantes no restaurante "O Presuntinho", às 19h

BARCELOS

Sessão pública na Academia de Música, às 21h30

Quarta-feira, dia 3

LISBOA

Declaração sobre As Funções Sociais do Estado e o Serviço Público no Centro de Trabalho Vitória, às 18h30

Tempos de antena na televisão

- Domingo, dia 31: na RTP-1 (cerca das 20.37); na TV2 (cerca das 21.45) e na TVI
- Segunda-feira, dia 1: na RTP-1 (cerca das 19.50); na TV2 (cerca das 21.40) e na TVI (cerca das 21.45)
- Terça-feira, dia 2: na RTP-1 (cerca das 19.50) e na TV2 (cerca das 21.45)
- Quarta-feira, dia 3: na RTP-1 (cerca das 19.50); na TVI (cerca das 21.45)
- Quinta-feira, dia 4: na TV2 (cerca das 21.40) e na TVI (cerca das 21.50)



Passagem de ano com o PCP

Em Setúbal

no Pavilhão do Comércio e Indústria.
Com o agrupamento musical «Contágio»

Informações:

CT do PCP / Edifício Arrábida - Tel. (065) 522273

No Montijo

no Monte Alentejano.

Com música e convívio até de madrugada

Inscrições:

CT do PCP - Tel. (066) 26367 / 26502

Na Amadora

no Centro de Trabalho da Brandoa.

Informações e reservas de mesas:

Cam. Mendes ou Joaq. António, tel. 4741928 (20 às 22h30)

Em Alpiarça

no restaurante da Alpiarga.

Com jantar, baile até de madrugada

com o grupo musical "Madeira", de Almeirim.

Marcações até ao dia 28, tel. (043) 54268

No Couço

no Centro de Trabalho do PCP.
Baile com o grupo "Apokalipse"

Inscrições:

CT do Couço

Tel. (043) 65181



Da JCP no Porto

CT da Boavista
Música e
surpresas a
partir das 22h

Inscrições:

CT da

Boavista

Tel. (02)

609565118

**SEGUE
O CONSELHO
DUM VELHO
CAMARADA...**



TEATRO

AUDITÓRIO CARLOS PAREDES

Lisboa, R. Gomes Pereira, 17 (JF de Benfica). Tel. 7154565. de 3ª a sáb. às 22, dom. às 17h. **INTERSECÇÃO**, multimedia sobre a vida e obra de Fernando Pessoa, pelo Grupo Óptico (*até 7 de Jan.*)

COMUNA

Lisboa, Pç. de Espanha. Tel. 7271818. De 5ª a sáb. às 21.30, dom. às 17.00. **AQUI!**, de Michael Frayn, encenação de Alfredo Brissos

OFICINA DE TEATRO DE ALMADA

Almada, Pragal, Estrada Nacional, 377 (SPRUPragalense). Tel. 2247266. Sexta-feira às 21.45: **GRANDES SUCESSOS DE SHAKESPEARE**, original do grupo Sheer Madness, adaptado e encenado por Fernando Rebelo

TEATRO ABC

Lisboa, Pq. Mayer. Tel. 3462001. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **AMAR LISBOA** (revista à portuguesa)

TEATRO DO BAIRRO ALTO

Lisboa, R. Ten. Raúl Cascais, 1-A. Tel. 3961515. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **SPLENDID'S**, de Jean Genet, encenação de Luís Miguel Cintra.

TEATRO CINEARTE

Lisboa, Lg. de Santos. Tel. 3965360. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 17h.

PARABÉNS A VOCÊ, texto e encenação de Hélder Costa, por A Barraca; De 5ª a sáb. às 23h. **MARLY - A VAMPÍRA DE OURINHOS**, de Carlos Queirós Teles, encenação e interpretação de Maria do Céu Guerra.

TEATRO MARIA MATOS

Lisboa, Av. Frei Miguel Contreiras. Tel. 8497007. De 5ª a dom. às 22.00: **SALAZAR - DEUS, PÁTRIA, MARIA**, de Maria do Céu Ricardo, encenação de Miguel Abreu. - Sábados, domingos e feriados, às 16.00: **ALIBABA E OS QUARENTA LADRÕES**, encenação de Fernando Gomes, pelo TIL.

TEATRO MUNICIPAL S. LUIZ

Lisboa, R. Ant. Maria Cardoso. Tel. 3471279. À 6ª, sáb. e 2ª às 21.45, dom. às 17.00. **UMA COMÉDIA ÀS ESCURAS**, de Peter Shaffer, encenação de Mário Viegas, pela Companhia Teatral do Chiado.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Lisboa, Rossio. Tel. 3422210. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **O CAMINHO PARA MECA**, de Athol Fugard, encenação de João Lourenço.

TEATRO POLITEAMA

Lisboa, R. Portas Sto. Antão. Tel. 3431200. **DE AFONSO HENRIQUES A MÁRIO SOARES**, de Filipe La Féria.

BANCAS DE NATAL

Bragança

No CT do PCP

Artesanato • Livros
Lembranças para todos os gostos - Rum genuíno
«Havana Club»
De 2ª a sáb. das 15 às 19 h

Odivelas

No CT do PCP

Artesanato (colab. da Assoc. de Artesãos do Conc. Loures)
Pequenas ofertas
Brinquedos • Livros
Mostra de Poesia organizada pelo colectivo da JCP de Odivelas
Até 31 de Dezembro

Porto

No CT do PCP da Av. da Boavista

Mercearias finas
Artesanato de diferentes regiões do País
de 2ª a 6ª das 15 às 19 h, até fins de Dezembro



O COURAÇADO POTEMKINE

Realização: Serguei Eisenstein

Preto e branco: 1925 - 75 min.

Esta é a história épica de um heróico motim de soldados em Junho de 1905, uma revolta, que é a primeira acção revolucionária de massas dos soldados russos.

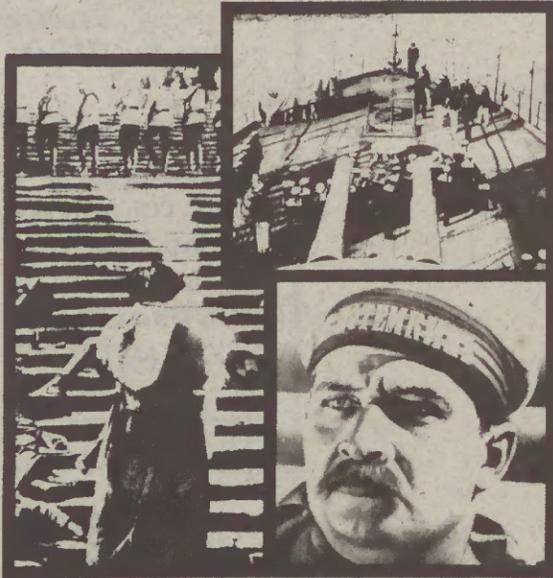
A operação dos marinheiros de espírito revolucionário pela tirania dos oficiais, é a causa próxima da tomada de consciência no Couraçado Potemkine.

A tripulação recusa-se a comer a sopa feita com carne estragada. O capitão do navio dá ordens para que os chefes do tumulto sejam fuzilados.

As suas ordens, contudo, não são cumpridas, e o marinheiro Vakulinchuk inicia o motim.

Uma bandeira vermelha é hasteada e ondula durante onze dias. Mas o Potemkine não é apoiado pelos outros navios e é compelido a ir para a costa romena e a render-se às autoridades romenas.

O filme dá-nos o retrato vivo do heroísmo dos marinheiros, a sua solidariedade, disciplina e inseparáveis laços com o povo.



SÉRIE FILMES SOVIÉTICOS

- 001 - O COURAÇADO POTEMKINE
- 002 - A MÃE
- 003 - ESCRAVA DO AMOR
- 004 - A BALADA DO SOLDADO
- 005 - AMOR EM TEMPO DE GUERRA
- 006 - A GREVE

Preço Unitário: 3500 escudos
Pacote de 3 filmes: 10 000 escudos

Cinema de qualidade
em sua casa

Via CTT À cobrança (Zona Grande Lisboa)

Faça os seus pedidos para:

crac serviços, CRL
VIDEO cracfilmes
Apartado 90
Queluz Ocidental
2746 QUELUZ CODEX

FILMES

QUINTA, 28

Chaplin

«Chaplin» (EUA/1992). Real: Richard Attenborough. Int.: Robert Downey, Jr., Dan Akyroyd, Geraldine Chaplin, Kevin Dunn, Anthony Hopkins. Cor, 139 min. Ver Destaque. (22.15, TV1)

O Anjo Azul

«Der Blaue Engel» (Ale/1930). Real: Joseph von Sternberg. Int. Emil Jannings, Marlene Dietrich, Kurt Gerron, Roda Valetti. P/B, 103 min. Ver Destaque. (22.50, TV2)

Trágico Destino

«Voyager» (Ale/1990). Real: Volker Schlöndorff. Int. Sam Shepard, Julie Delpy, Barbara Sukowa, Dieter Kirchlechner. Cor, 119 min. Ver Destaque. (01.25, Canal 1)

Bom Dia Babilónia

«Good Morning Babilonia» (It./Fr./1987). Real: Paolo e Vittorio Taviani. Int. Vincent Spano, Joaquim de Almeida, Greta Scacchi. Cor, 122 min. Ver Destaque. (01.45, TV1)

SEXTA, 29

O Piano

«The Piano» (Nova Zelândia/1993). Real: Jane Campion. Int.: Holly Hunter, Harvey Keitel, Anna Paquin, Sam Neill, Kery Walker. Cor, 120 min. Ver Destaque. (22.15, TV1)

Marius

«Marius» (Fr./1931). Real: Alexander Korda. Int.: Raimu, Pierre Fresnay, Charpin, Alida Rouffe, Orane Demazis. P/B, 125 min. Ver Destaque. (23.55, Canal 2)

Drácula de Bram Stoker

«Bram Stocker's Dracula» (EUA/1992). Real: Francis Ford Coppola. Int.: Gary Oldman, Winona Ryder, Anthony Hopkins, Keanu Reeves. Cor, 123 min. Ver Destaque. (01.10, TV1)

Brigada de Homicídios

«Homicide» (EUA/1991). Real: David Mamet. Int.: Joe Mantegna, William H. Macy, Natalia Nogulich, Ving Rhames, Rebecca Pidgeon. Cor, 98 min. Ver Destaque. (01.15, Canal 1)

O Fogo do Ódio

«Eye of the Storm» (Ale/EUA/1991). Real: Yuri Zeltser. Int.: Craig Sheffer, Bradley Gregg, Lara Flynn Boyle, Dennis Hopper. Cor, 89 min. «Thriller». (02.55, Canal 1)

Ritmos da Broadway

«Lullaby of Broadway» (EUA/1951). Real: David Butler. Int.: Doris Day, Gene Nelson, S. Z. Sakall, Billy De Wolfe, Gladys George. Cor, 92 min. Comédia Musical. (03.20, TV1)

Por Muitos Anos e Bons

«Lunga Vita Alla Signora!» (It./1987). Real: Ermano Olmi. Int.: Marco Edposito, Simona Brandalise, Stefania Buserello, Simone Dalla. Cor, 101 min. Ver Destaque. (04.55, TV1)

SÁBADO, 30

Uma Mulher de Armas

«One Against the Wind» (EUA/1991). Real: Larry Elikann. Int.: Judy Davis, Sam Neill, Denholm Elliott, Anthony Higgins. Cor, 95 min. Telefilme. (16.30, SIC)

História Interminável I

«The Neverending Story» (RFA/1984). Real: Wolfgang Petersen. Int.: Barret Oliver, Noah Hathaway, Tami Stronach, Moses Gunn. Cor, 91 min. Ver Destaque. (16.35, Canal 1)

Uma Leoa Chamada Elsa

«Bom Free» (EUA/1966). Real: James Hill. Int.: Virginia McKenna, Bill Travers, Geoffrey Keen, Peter Lukoye. Cor, 96 min. Ver Destaque. (17.40, TV1)

As Aventuras de Fanfan

«Fanfan La Tulipe» (Fr./1951). Real: Christian-Jaque. Int.: Gérard Philipe, Gina Lollobrigida, Noël Roquevert, Marcel Hermand. P/B, 98 min. Ver Destaque. (19.15, TV2)

E Tudo O Vento Levou

«Gone With the Winds» (EUA/1939). Real: Victor Fleming. Int.: Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard, Olivia de Havilland. Cor, 205 min. Ver Destaque. (22.00, TV1)

Caçador Branco, Coração Negro

«White Hunter, Black Heart» (EUA/1990). Real: Clint Eastwood. Int.: Clint Eastwood, Jeff Fahey, Charlotte Cornwell, Norman Lumsden. Cor, 108 min. Ver Destaque. (00.50, TV 2)

Arma Infrutífera

«National Lampoon's Loaded Weapon 1» (EUA/1993). Real: Gene Quintano. Int.: Emilio Estevez, Samuel L. Jackson, Jon Lovitz. Cor, 80 min. Comédia. (01.30, Canal 1)

Sexo, Mentiras e Video

«Sex, Lies and Videotape» (EUA/1989). Real: Steven Soderbergh. Int.: James Spader, Andie MacDowell, Peter Gallagher. Cor, 96 min. Ver Destaque. (01.40, SIC)

Gigi

«Gigi» (EUA/1958). Real: Vincent Minnelli. Int.: Leslie Caron, Maurice Che-

valier, Louis Jourdan, Hermione Gingold, Eva Gabor. Cor, 116 min. Ver Destaque. (02.20, TV1)

Warlock: Conflito Total

«Warlock: The Armageddon» (EUA/1993). Real: Anthony Hickox. Int.: Julian Sands, Chris Young, Paula Marshall, Steve Kahan. Cor, 95 min. «Thriller»/Fantástico. (02.50, Canal 1)

DOMINGO, 31

História Interminável II

«The Neverending Story II: The Next Chapter» (RFA/1990). Real: George Miller. Int.: Jonathan Brandis, Kenny Morrison, Clarissa Burt. Cor, 86 min. Aventuras/Infantil. (15.45, Canal 1)

O Menino de Ouro

«Golden Child» (EUA/1986). Real: Michael Ritchie. Int.: Eddie Murphy, Charlotte Lewis, Charles Dance, Victor Wong, Randall «Tex» Cobb. Cor, 96 min. Comédia. (17.20, SIC)

A Bela Mentirosa

«Die Schöne Lügnerin» (Fr./RFA/1959). Real: Axel von Ambesser. Int.: Romy Schneider, Jean-Claude Pascal, Charles Regnier. Cor, 91 min. Melodrama. (17.40, TV1)

A Vingança da Pantera

«The Revenge of the Pink Panther» (Gr.Br./1978). Real: Blake Edwards. Int.: Peter Sellers, Herbert Lom, Robert Webber. Cor, 95 min. Comédia. (19.20, TV 2)

A Feira do Riso

«Funny People I» (Áfr. Sul/1983). Real: Jamie Uys. Apanhados. (20.10, TV1)

O Feitiço do Tempo

«Groundhog Day» (EUA/1993). Real: Harold Ramis. Int.: Bill Murray, Andie MacDowell, Chris Elliott, Stephen Tobolowsky, Brian Doyle-Murray. Cor, 97 min. Comédia Fantástica. (21.50, TV1)

Na Cama com Madonna

«Truth or Dare: In Bed With Madonna» (EUA/1991). Real: Alek Keshishian. Documentário. Ver Destaque. (00.20, TV 2)

Curto-Circuito 2

«Short Circuit 2» (EUA/1988). Real: Kenneth Johnson. Int.: Fisher Stevens, Michael McKean, Cynthia Gibb, Jack Weston. Cor, 105 min. Comédia/Ficção Científica. (00.45, TV1)

Lar, Doce Lar

«Parenthood» (EUA/1989). Real: Ron Howard. Int.: Tom Hulce, Rick Moranis, Keanu Reeves, Martha Plimpton, Jason Robards. Cor, 115 min. Ver Destaque. (01.30, SIC)

O Caminho das Estrelas

5: A Última Fronteira
«Star Trek 5: The Last Frontier» (EUA/1989). Real: William Shatner. Int.: William Shatner, Leonard Nimoy, DeForest Kelley. Cor, 85 min. Ficção Científica. (03.30, SIC)

O Órfão Perdido

«Meet Me at the Fair» (EUA/1953). Real: Douglas Sirk. Int.: Dan Dailey, Diana Lynn, Hugh O'Brian, Carole Matthews, Rhys Williams. Cor, 85 min. Musical. (05.10, SIC)

SEGUNDA, 1

Casamento Atribulado

«Saved by the Bell - Wedding in Las Vegas» (EUA/1994). Real: Jeff Melman. Int.: Mark-Paul Goselaar, Tiffany Amber Thierssen. Cor, 86 min. Comédia. (17.45, TV1)

O Turista Acidental

«The Accidental Tourist» (EUA/1988). Real: Lawrence Kasdan. Int.: William Hurt, Kathleen Turner, Geena Davis, Amy Wright, Bill Pullman. Cor, 121 minutos. Ver Destaque. (18.00, Canal 1)

Caça-Fantasmas II

«Ghostbusters II» (EUA/1989). Real: Ivan Reitman. Int.: Bill Murray, Dan Akyroyd, Harold Ramis, Sigourney Weaver, Rick Moranis. Cor, 108 min. Comédia/Terror. (22.00, TV1)

Assalto ao Aeroporto

«Die Hard 2» (EUA/1990). Real: Renny Harlin. Int.: Bruce Willis, Bonnie Bedelia, William Atherton, Reginald VelJohnson, Franco Nero. Cor, 120 min. Ver Destaque. (22.30, SIC)

Quigley, Um Profissional de Elite

«Quigley Down Under» (EUA/1990). Real: Simon Wincer. Int.: Tom Selleck, Laura San Giacomo, Alán Rickman, Chris Haywood. Cor, 119 min. Drama/Policial. (02.15, Canal 1)

TERÇA, 2

Uma Dupla de Classe

(EUA) Real.: Randall Miller. Int.: Christopher Reid, Christopher Martin, Alysia Rogers. Comédia. (22.15, Canal 1)

Eddie, O Incrível Sedutor

(01.05, Canal 1)

QUARTA, 3

A Inquilina

«Single Room Furnished» (EUA/1968). Real: Matteo Ottaviano. Int.: Jayne Mansfield, Dorothy Keller, Fabian Dean, Billy M. Greene. Cor, 93 min. Drama. (01.00, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

...ENTRA
NO
NOVO
ANO
COM O PÉ
ESQUERDO



PROGRAMAÇÃO

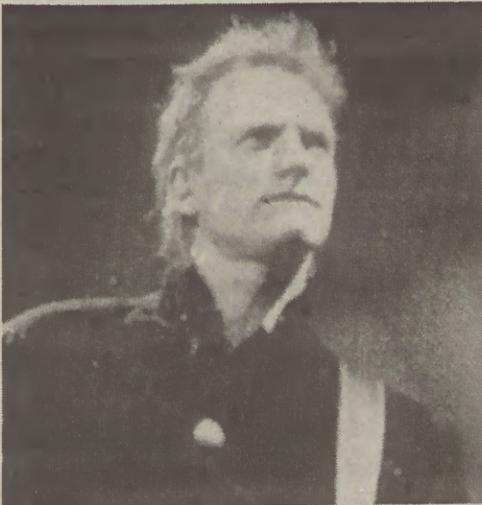
Quinta, 28

CANAL 1

00.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
08.55 Notícias
09.05 Táxi
09.35 O Show de John Larroquette
10.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
11.45 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Caminhos Cruzados
14.35 Malha de Intrigas
15.00 Especial Disney
15.45 Férias em Festa
16.45 Os Dias Úteis
17.50 Pantanal
19.30 Golo!
20.00 Telejornal
20.50 Casados de Fresco
22.15 A Idade da Loba
22.55 Malta Gira
00.05 Murphy Brown
00.35 24 Horas
01.05 Remate
01.25 Trágico Destino
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

16.30 Desporto
17.40 Rua Sésamo
18.05 Um, Dó, Lí, Tá
19.00 Batman
19.30 Musical: "Beat Special" (I)
20.20 Uma Vida Perigosa
21.20 Dinheiro em Caixa
21.45 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.35 Acontece
22.50 O Anjo Azul



Sting entre os participantes do concerto de fim de ano em Sarajevo: um "tributo à paz" que a TVI transmite parcialmente

(ver «Filmes na TV»)
00.35 Ver Artes
01.05 Musical: "Jelly Roll Monton"

SIC

09.00 Felizes para Sempre
09.30 O Rapaz do Quimono de Ouro
11.00 Dias Felizes
11.40 As Receitas do Dia
12.10 Felicidade
13.00 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.00 Os Imigrantes
15.10 Os Donos do Jogo
15.40 Buéréré
17.10 Notícias
17.20 Praça Pública
17.55 Sinhá Moça
19.00 Cara e Coroa
20.00 Jornal da Noite
20.45 Os Trapalhões
21.20 A Próxima Vítima
22.15 Surprise Show
23.15 A Noite da Má Língua
00.25 Último Jornal
00.40 A Primeira Sessão de Cinema do Mundo
00.55 O Cinema Americano

TVI

10.00 Jornal do Mundo
10.30 Morena Clara
11.30 Clube da Manhã
13.00 Quem Sai aos Seus...
13.30 Jornal da Uma
14.15 Primeira Mão
14.35 Parker Lewis
15.00 A Escolha É Sua
16.05 A Hora do Recreio
17.25 Notícias
17.45 A Fúria do Destino
18.30 O Jogo da Vida
19.30 Novo Jornal
20.30 O Justiceiro
22.00 Fora de Jogo
22.15 Chaplin
(ver «Filmes na TV»)
00.15 TVI Jornal
01.15 Revista do Ano - Política Nacional
01.45 Bom Dia, Babilónia
(ver «Filmes na TV»)

Sexta, 29

CANAL 1

08.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
08.55 Notícias
09.05 Táxi
09.35 O Show de John Larroquette
10.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
11.45 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Caminhos Cruzados
14.35 Malha de Intrigas
15.00 Infantil: Especial Disney
15.45 Férias em Família
16.45 Os Dias Úteis
17.50 Pantanal
19.30 Golo!
20.00 Telejornal
20.45 Futebol: Benfica-Leiria
22.45 Isto É o Agildo
23.35 A Idade da Loba
00.25 24 Horas
00.55 Remate
01.15 A Brigada de Homicídios
(ver «Filmes na TV»)
02.55 O Fogo do Ódio
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

16.30 Motociclismo
17.55 Rua Sésamo
19.25 Um, Dó, Lí, Tá
19.40 Clip Art (I)
20.10 Artes e Letras: «Cinema Europe: The Other Hollywood» (III)
21.15 Irmãs
21.30 Planeta Terra
22.00 TV2 Jornal

SIC

09.00 Felizes para Sempre
09.30 O Rapaz do Quimono de Ouro
11.00 Dias Felizes
11.40 As Receitas do Dia
12.10 Felicidade
13.00 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.00 Os Imigrantes
15.10 Os Donos do Jogo
15.40 Buéréré
17.10 Notícias
17.20 Praça Pública
17.55 Sinhá Moça
19.00 Cara e Coroa
20.00 Jornal da Noite
20.55 Os Malucos do Riso
21.35 A Próxima Vítima
22.35 Luna Parque
00.35 Os Donos da Bola
01.50 Último Jornal
02.05 Playboy

TVI

10.00 Caixa de Perguntas
10.30 Morena Clara
11.30 Clube da Manhã
13.00 Quem Sai aos Seus...
13.30 Jornal da Uma
14.15 Primeira Mão
14.35 Parker Lewis
15.35 A Escolha É Sua
16.05 A Hora do Recreio
17.25 Jornal Nacional
17.45 A Fúria do Destino
18.30 O Jogo da Vida
19.30 Novo Jornal
20.30 Babylon 5
22.00 Fora de Jogo
22.15 O Plano
(ver «Filmes na TV»)
00.30 TVI Jornal
01.10 Drácula de Bram Stoker
(ver «Filmes na TV»)
03.20 Rítmos da Broadway
(ver «Filmes na TV»)
04.55 Por Muitos Anos e Bons
06.40 Preminger: Anatomia de um Cineasta

Sábado, 30

CANAL 1

08.00 Programa Infantil/Juvenil
10.55 Clube Disney
12.25 Cybermaster
13.00 Jornal da Tarde
13.15 Top +
14.15 Jornal Jovem
14.45 Polícias do Futuro
15.35 Emmys 1995
16.35 História Interminável (I)
(ver «Filmes na TV»)
18.05 Retrato Intimo de Diana
19.00 Clube dos Totalistas
20.00 Telejornal
20.45 Futebol: Chaves-Sporting
22.45 Parabéns
00.55 24 Horas
01.30 Arma Infrutífera
(ver «Filmes na TV»)
03.10 Warlock: Conflito Total
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.30 Forum Musical
13.30 Euronews
14.30 Jornada na 2
17.30 Jogo Falado
18.00 Circo
18.30 Para Além do Ano 2000
19.15 As Aventuras de Fanfan La Tulipe
(ver «Filmes na TV»)
20.55 Terra X
22.00 TV2 Jornal
22.35 Tribunal de Polícia
23.00 Jornada na 2
00.50 Caçador Branco, Coração Negro
(ver «Filmes na TV»)

SIC

09.00 Buéréré
12.30 Portugal Radical
13.00 Especial Chimpanzés
14.00 Top Sic
15.30 Dra. Quinn
16.30 Uma Mulher de Armas
18.30 Número Um
20.00 Jornal da Noite
21.10 História de Amor
22.30 Big Show Sic
01.25 Último Jornal
01.40 Sexo, Mentiras e Vídeo
(ver «Filmes na TV»)
03.30 O Expresso de Xangai



"Irmãs": na TV2 à sexta-feira, como habitualmente

(ver «Filmes na TV»)
04.50 Sabotagem
(ver «Filmes na TV»)

TVI

08.30 Bucha e Estica
(ver «Filmes na TV»)
10.00 Animação
11.30 As Histórias mais Bonitas
12.00 Visto Isto
12.30 Novos Ventos
13.00 Jornal da Uma
13.25 Contra-Ataque + Revista Desportiva do Ano
15.00 A Hora do Recreio
15.50 A Grande Aposta
17.40 Uma Leoa Chamada Elsa
(ver «Filmes na TV»)
19.30 Telejornal
20.15 Diagnóstico: Crime
22.00 E Tudo o vento Levou
(ver «Filmes na TV»)
02.00 Últimas Notícias
02.20 Gigi
(ver «Filmes na TV»)

"O Feiticeiro do Vento" - comédia musical inspirada numa lenda da ilha do Corvo - vem dos Açores com a assinatura de José Medeiros. Dia 1 à noite, na TV2

Domingo, 31

CANAL 1

08.00 Programa Infantil / Juvenil
12.30 Sem Limites
13.00 Jornal da Tarde
13.15 Made In Portugal
13.55 86-60-86
14.45 Circo
15.45 História Interminável - II
17.10 A Festa dos Preços
18.00 Futebol: Boavista-Guimarães
20.00 Telejornal
20.30 Presidenciais 96
21.00 Casa Cheia
21.50 Marco Paulo com Música no Coração
23.20 Transmissão do Exterior
00.15 24 Horas
00.50 Espectáculo com Fernando Pereira

TV 2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 70 x 7
10.30 Missa
11.25 A Terra e os Homens
12.00 Regiões
13.00 Vida por Vida
13.10 Euronews
14.10 Terra X
15.00 Golo Europa
15.30 Jornada Desportiva
18.00 O Homem e a Cidade
19.20 A Vingança da Pantera
(ver «Filmes na TV»)
20.55 Bailado: "Pedro e o Lobo"
21.45 Presidenciais 96
22.20 TV2 Jornal
22.50 Espectáculo na "Tropicana", de Havana
23.50 Transmissão do Exterior
00.20 Na Cama com Madona
(ver «Filmes na TV»)

SIC

06.40 Ama-me Esta Noite
(ver «Filmes na TV»)
08.15 Gala "Noche de Rumbas"
09.00 Buéréré
13.00 Vida Selvagem
14.00 Prémio Mozart
14.15 Uma Mulher de Armas
(ver «Filmes na TV»)
17.20 O Menino de Ouro

TVI

10.00 Clube da Manhã
11.00 Missa
12.00 O 8º Dia
13.15 Patinagem Artística
15.30 Olho Popular!
17.40 A Bela Mentirosa
(ver «Filmes na TV»)
19.30 Telejornal
20.10 A Feira do Riso
(ver «Filmes na TV»)
21.50 O Feiticeiro do Tempo
(ver «Filmes na TV»)
23.30 Concerto: "Tributo a Sarajevo" (T.D.)
00.45 Curto Circuito
(ver «Filmes na TV»)



Segunda, 1

CANAL 1

08.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
09.15 Táxi
10.00 O Show de John Larroquette
11.30 Culinária
11.45 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Caminhos Cruzados
14.30 Infantil/Juvenil
17.15 Os Dias Úteis
18.00 O Turista Acidental
(ver «Filmes na TV»)
20.00 Telejornal
21.00 Mensagem do Presidente da República
21.15 Nico d'Obra Especial
22.30 Noite de Reis
24.00 24 Horas
00.30 Remate
00.40 Rally Grã-Bretanha/Dakar
01.00 Rolling Stones
02.15 Quigley, um Profissional de Elite
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

11.00 Missa e Mensagem do Papa
12.30 Televidas
13.30 Infantil
14.30 Do Céu Caiu uma Estrela
(ver «Filmes na TV»)
17.30 Rua Sésamo
18.05 UM, Dó, Lí, Tá
19.15 Infantil/Juvenil
20.15 Concerto de Ano Novo
21.30 A Roda do Mundo
22.00 TV2 Jornal
22.35 Acontece
22.45 O Feiticeiro do Tempo
00.05 Bailado

SIC

07.20 Yanni ao Vivo na Acrópole
09.00 Felizes para Sempre
10.00 Circo do Futuro
11.00 O Rapaz do Quimono de Ouro
12.10 Felicidade
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Vida Selvagem
15.30 Circo Scott
16.55 Uma Mulher de Armas
19.00 Cara e Coroa
20.00 Jornal da Noite
20.50 A Próxima Vítima
21.45 Ponto de Encontro
22.30 Assalto ao Aeroporto
(ver «Filmes na TV»)
00.05 Último Jornal
00.50 Os Mais Divertidos Comerciais do Mundo
(ver «Filmes na TV»)

TVI

08.30 Bailado: «A Christmas Carols», pelo Northern Ballet
10.00 Clube da Manhã
11.30 Revista do Ano - Vida Religiosa
12.00 Missa
13.30 Mensagem do Papa
14.00 Jornal da Uma
14.35 Um Anjo na Terra
16.20 A Hora do Recreio Especial
17.45 Casamento Atribulado
(ver «Filmes na TV»)
19.30 Novo Jornal
20.30 Mensagem do Presidente da República
21.05 Revista do Ano
21.40 Campanha Eleitoral
22.00 Caça Fantasmas II
(ver «Filmes na TV»)
24.00 TVI Jornal + Primeira Fila
01.00 Cesária Évora (Concerto)



Peças clássicas de bailado com cenários de Picasso: terça na TV2

Terça, 2

CANAL 1

08.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
09.00 Notícias
09.05 Táxi
09.30 O Show de John Larroquette
10.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
11.45 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Caminhos Cruzados
14.35 Malha de Intrigas
15.55 Infantil/Juvenil
17.30 Os Dias Úteis
18.30 Pantanal
19.20 Golo!
19.50 Presidenciais 96
20.00 Telejornal
20.45 Roseira Brava (Telenovela portuguesa - apresentação)
21.00 A Mulher do Sr. Ministro
21.30 A Idade da Loba
22.15 Uma Dupla de Classes
(ver «Filmes na TV»)
24.00 24 Horas
00.30 Remate
00.50 Eddie, o Incrível Sedutor
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

16.40 Golo Europa
17.30 Rua Sésamo
18.05 Um, Dó, Lí, Tá
19.10 Terra X
20.00 Programa Discovery
21.15 Lendas e Narrativas
21.45 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.35 Acontece
22.50 Bailado: "Picasso and Dance"
00.30 A Par e Passo

SIC

11.00 Dias Felizes
11.40 As Receitas do Dia
12.10 Felicidade
13.00 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.00 Os Imigrantes
15.10 Os Donos do Jogo
15.40 Buéréré
17.10 Notícias
17.20 Praça Pública
17.55 Sinhá Moça
19.00 Cara e Coroa
20.00 Jornal da Noite
20.55 Barba e Cabelo
21.25 A Próxima Vítima
22.25 Casos de Polícia
23.30 Minas e Armadilhas
00.45 Último Jornal
01.00 Toda a Verdade

TVI

10.00 Animais em Acção
10.30 Morena Clara
11.30 Clube da Manhã
13.00 Quem Sai aos Seus...
13.30 Jornal da Uma
14.15 Primeira Mão
14.35 Um Anjo na Terra
15.10 A Escolha É Sua
16.30 A Hora do Recreio
17.25 Notícias
17.50 A Fúria do Destino
18.35 O Jogo da Vida
19.30 Novo Jornal
20.30 O Justiceiro
21.30 Fora de Jogo
21.40 Campanha Eleitoral
22.00 Models
23.00 Especial Informação: Jorge Sampaio (Entrevista)
00.40 TVI Jornal
01.10 Diário de Campanha
01.25 Jornal do Mundo
01.30 Rua Jump, 21

Quarta, 3

CANAL 1

08.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
09.00 Táxi
09.30 O Show de John Larroquette
10.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
11.45 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Caminhos Cruzados
14.35 Malha de Intrigas
15.45 Infantil/Juvenil
17.30 Os Dias Úteis
18.30 Pantanal
19.20 Golo!
19.50 Presidenciais 96
20.00 Telejornal
20.45 Roseira Brava (Apresentação)
21.00 Nico d'Obra
21.30 A Idade da Loba
22.30 Prova Oral
00.30 24 Horas
01.00 Remate
01.15 A Inquilina
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

16.30 Motores
17.35 Rua Sésamo
18.05 Um, Dó, Lí, Tá
19.00 Desafios
19.35 O Bicho Homem
20.25 Irei para Longe
21.25 Planeta terra
21.50 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.35 Acontece
22.50 O Mundo de Audubon
23.45 Marginalidades

SIC

11.00 Dias Felizes
11.40 As Receitas do Dia
12.10 Felicidade
13.00 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.00 Os Imigrantes
15.10 Os Donos do Jogo
15.40 Buéréré
17.10 Notícias
17.20 Praça Pública
17.55 Sinhá Moça
19.00 Cara e Coroa
20.00 Jornal da Noite
20.55 Barba e Cabelo
21.25 A Próxima Vítima
22.25 Casos de Polícia
23.30 Minas e Armadilhas
00.45 Último Jornal
01.00 Toda a Verdade

TVI

10.00 O 8º Dia
10.30 Morena Clara
11.30 Clube da Manhã
13.00 Quem Sai aos Seus...
13.30 Jornal da Uma
14.15 Primeira Mão
14.35 Um Anjo na Terra
15.10 A Escolha É Sua
16.30 A Hora do Recreio
17.25 Notícias
17.50 A Fúria do Destino
18.35 O Jogo da Vida
19.30 Novo Jornal
20.35 O Justiceiro
21.30 Fora de Jogo
21.40 Campanha Eleitoral
22.00 Models
23.00 Especial Informação: Jorge Sampaio (Entrevista)
00.40 TVI Jornal
01.10 Diário de Campanha
01.25 Jornal do Mundo
01.55 Rua Jump, 21

Por isto e por aquilo...

Chaplin (Quinta, 22.15, TVI)

Sem dúvida insinuante enquanto capaz de tirar vistoso partido dos incomensuráveis e luxuosos meios de produção, esta biografia de Charles Chaplin realizada por Sir Richard Attenborough desilude pela confrangedora incapacidade em transmitir-nos a dimensão do génio do grande actor e realizador - ideia central que não pode deixar, obviamente, de ter presidido ao projecto. Resta a excelente composição de Robert Downey, Jr., no papel do homenageado, sobretudo pelo talento demonstrado na recriação da personagem inesquecível de Charlot.

O Anjo Azul (Quinta, 22.50, TV2)

Thomas Mann dizia, com malícia, que o êxito deste filme se devia exclusivamente as pernas de Marlène Dietrich... Não liguemos: o filme de Joseph Sternberg é, sem qualquer dúvida, uma das maiores obras-primas de todo o Cinema, constituindo um quadro sem concessões (e intensamente erótico) de uma pequena cidade alemã e, em particular, dos seus notáveis, de que se destaca um velho professor que, apaixonando-se por uma artista de cabaret, acaba a ser cruelmente desdenhado pelos seus colegas e pelos alunos que tanto havia perseguido. Marlène é inesquecível na sua postura e nas suas maravilhosas canções. Mas, que dizer do dramatismo patético de Emil Jannings? A não perder.

Trágico Destino (Quinta, 01.25, Canal 1)

Esteve programado para a semana passada mas, pelos vistos, não chegou a ser transmitido: um engenheiro americano, afastado de tudo e de todos, que um acaso faz com que venha a recordar os seus tempos de estudante na Europa, antes da II Grande Guerra, é envolvido numa história que o leva ao encontro de uma jovem muito bela à qual se liga amorosamente sem saber que se trata da sua própria filha. Momentos de grande cinema (os flash-backs a sépia) alternando com um confrangedor estatismo da encenação.

Bom Dia Babilónia (Quinta, 01.45, TVI)

Este primeiro filme rodado em inglês pelos irmãos Taviani transporta-nos ao princípio do século e ao Novo Mundo para onde imigram, em busca da fortuna, dois jovens italianos especialistas em restauro de obras de arte religiosas os quais, após um caminho tortuoso feito de humilhações e sofrimento, passam por S. Francisco onde encontram trabalho no pavilhão italiano da Exposição Panamá-Pacífico de 1915, acabando por chegar a Hollywood para construírem os elefantes a utilizar no cenário da Babilónia para *Intolerância*, a obra-prima de D. W. Griffith (!). Um argumento extremamente original para uma história profundamente humana e sensível de onde desprende uma incontável paixão pela magia do cinema e que, para nós, apresenta a particular curiosidade de, entre os intérpretes principais, se encontrar o actor português Joaquim de Almeida.

O Piano (Sexta, 22.15, TVI)

Filmado de forma admirável uma história de intenso dramatismo onde se cruzam os sentimentos da paixão, da solidão, da introspecção e da repressão, a realizadora neo-zelandesa Jane Campion surpreendeu tudo e todos neste sexto filme da sua carreira, arrebatando o Óscar do Melhor Argumento para o Cinema em 1993. E, no campo da interpretação, tanto Holly Hunter como Harvey Keitel e Sam Neill estão à altura das exigências dos seus respectivos papéis.

Marius (Sexta, 23.55, TV2)

Primeira obra da célebre «trilogia de Marselha» (*Marius, Fanny e César*), do autor teatral Marcel Pagnol, *Marius* viu a sua adaptação ao cinema ser realizada por Alexander Korda, naquela que foi considerada a primeira obra-prima do cinema falado francês, onde a poética do imaginário do autor é servida maravilhosamente (embora com um estatismo que hoje poderá chocar) pelo talento do realizador e, sobretudo, pela emoção e o humor do intérprete principal, Raimu. Isto, se for este o filme que a RTP indica no seu Boletim de Programação, embora sem dar quaisquer indicações suplementares!

Drácula de Bram Stoker (Sexta, 01.10, TVI)

Pela primeira vez transmitido na televisão portuguesa - mas num horário que, independentemente das transgressões próprias da época festiva, lhe não faz mínima justiça - esta versão do *Drácula* é uma das mais brilhantes jamais transpostas para o cinema, arrebatando, em 92, nada menos do que três Óscares: Guarda-Roupa, Caracterização e Efeitos Sonoros. Embora cuidando mais da espectacularidade quase-operática da encenação do que da coerência narrativa da história (preferida que é ao simples relato cronológico dos acontecimentos, num intenso vai-e-vem entre Londres e a Transilvânia) o filme é um dos que de forma mais excessiva e fascinante nos faz participar da imaginação visual do seu realizador (Francis Ford Coppola), aqui deixando-se apaixonar pela famosa personagem pela primeira vez trazida à luz do dia (melhor dizendo, às trevas da noite!), em finais do século XIX, por Brian Stocker.

Brigada de Homicídios (Sexta, 01.15, Canal 1)

Escrito e realizado por David Mamet, *Brigada de Homicídios* é um dos mais estranhos e absorventes filmes deste cineasta e escritor, com diálogos que trazem a sua inconfundível marca e com um brilhante e eficaz elenco, de que se destaca Joe Mantegna no papel de um detective que é afastado de um caso importante para passar a investigar um caso aparentemente sem importância e acaba envolvido numa história estranhíssima que o leva a interrogar-se sobre as suas origens.

Por Muitos Anos e Bons (Sexta, 04.55, TVI)

Os pormenorizados e demorados preparativos de um banquete realizado num castelo-hotel-de-luxo em honra da *Signora* são o pano de fundo para este filme misterioso realizado por um dos mais destacados cineastas

do moderno cinema italiano - Ermanno Olmi - onde são denunciadas a corrupção e a submissão à *Signora* por parte dos seus convidados. Pena é que a moral do filme seja um pouco eclipsada pelos rituais (embora fascinantes) da preparação do banquete.

História Interminável I (Sábado, 16.35, Canal 1)

Típica aventura cinematográfica para os espectadores mais pequenos, *História Interminável* veio revelar internacionalmente um realizador alemão que, mais tarde (nos EUA, claro) resolveu fazer substituir o seu natural talento pelo brilhantismo rotineiro das grandes produções do cinema comercial.

Uma Leoa Chamada Elsa (Sábado, 17.40, TVI)

Também um «clássico» das épocas festivas, nas televisões, esta é a conhecida história de *Elsa*, uma leoa-bébé que é criada, no Quênia, como animal doméstico. Seguiu-se uma sequência e, também, uma série televisiva. Para a família e, sobretudo, p'ró menino e p'rá menina.

As Aventuras de Fanfan La Tulipe (Sábado, 19.15, TV2)

Numa semana excepcional em que o bom cinema abunda em todas as televisões (abençadas Festas!), destaca-se a grande altura este *Fanfan La Tulipe*, herói de aventuras na corte de Louis XIV, interpretado com o seu habitual e comunicativo entusiasmo por um grande actor entre os maiores



«O Piano», de Jane Campion, esta semana em estreia na TVI

- Gérard Philpé - inteiramente adequado a esta brilhante e incontornável «coreografia cinematográfica» filmada com grande imaginação e elegância. A não perder.

E Tudo o Vento Levou (Sábado, 22.00, TVI)

Este filme (mais uma vez repetido pela TVI) continua a ser, sem dúvida, um dos monumentos do cinema de grande espectáculo, não só pelos impressionantes meios de produção envolvidos e pelo prolongado tempo da sua rotação, como, sobretudo, pelo impacte absolutamente anormal que provocou no público. Não se tratando de uma obra-prima (e pese embora o reacção da sua visão sobre a Guerra Civil Americana), o filme ficou ainda naturalmente marcado por algumas sequências admiráveis para a época e pelas escaldantes interpretações de um par-culto do cinema de então - Vivien Leigh e Clark Gable.

Caçador Branco, Coração Negro (Sábado, 00.50, TV2)

No início dos anos 90, Clint Eastwood leva a cabo o seu antigo projecto de adaptar ao cinema a obra de Peter Viertel (argumentista final de *A Rainha Africana*, de John Huston) num filme em que ele próprio se coloca na pele do realizador, uma empresa tão aliciante e apaixonante quanto recheada de escolhos e dificuldades. O resultado final, embora algo desigual e irregular, recheado de bons e menos bons momentos de cinema, não pode deixar de interessar e apaixonar o espectador cinéfilo, sobretudo aquele que nutre pela riquíssima e controversa personalidade de John Huston uma admiração sem limites - como é visivelmente o caso de Eastwood.

Sexo, Mentiras e Vídeo (Sábado, 01.40, SIC)

Jovens liberais americanos, cheios de angústias existenciais (entre os quais uma jovem que adora os prazeres do amor e sobre isso trocar intensas impressões; a sua sofisticada irmã que, em relação a este aspecto, prima pela reserva; o marido desta que, lúbrico, não desdenha atraí-la com a primeira; e um antigo colega da universidade que, incapaz de isto fazer, tudo prefere filmar em vídeo) são a gente que povoa este filminho com ar de «novidade», realizado por Steven Soderbergh, e que parece ter caído no goto, controversamente arrebatando a *Palma de Ouro* no Festival de Cannes de 1989.

Gigi (Sábado, 02.20, TVI)

Uma presença garantida e habitual nas quadras festivas das televisões. Um filme dos tais que não custa nada rever, já que este musical, livremente baseado no romance homónimo de Collette e passado na Paris-do-virar-do-século, é uma encenação brilhante de Vincent Minnelli e um desfile de canções e de interpretações excelentemente adequadas à temática da história e premiadas com uma mão-cheia de Óscares.

Na Cama com Madonna (Domingo, 00.20, TV2)

Este documentário, filmado durante uma série de espectáculos (a «tournée» *Blonde Ambition*) realizados por Madonna no Japão, Estados Unidos e Europa, na temporada de 90/91, fez furor no *Festival de Cannes*



Paul Rhys, Geraldine Chaplin e Robert Downey, Jr., intérpretes principais de «Chaplin», um filme de Richard Attenborough



A admirável Marlène Dietrich, num fotograma de «O Anjo Azul», obra-prima de Joseph von Sternberg



Gary Oldman, o «Drácula» de Francis Ford Coppola, outra estrela da TVI



Um fotograma de «Gigi», uma comédia musical de Vincent Minnelli, com Leslie Caron e Louis Jourdan

de 91. Alek Keshishian, o realizador, teve sobretudo o talento de saber fazer contrabalançar as «cenas de palco», propriamente ditas, com as «cenas de bastidores» - o principal elemento do filme. Quanto a *Madonna... é amá-la ou deixá-la*: aqui, ela está como peixe na água, num tipo de perversa relação com a câmara e os que a rodeiam, entre a verdade e a mentira, entre a realidade e a ficção que, nos tempos que correm, alimenta muito do que desfila perante os nossos (atónitos) olhos...

Lar, Doce Lar (Domingo, 01.30, SIC)

Uma assinalável comédia dramática, cujo êxito comercial justificou a produção de uma série de TV, e cujo argumento se debruça sobre uma série de casos que afligem as várias gerações de uma família, sobretudo quanto ao «choque de mentalidades» envolvendo o aborto ou a paternidade. Uma mão-cheia de boas interpretações, em que avultam as de Tom Hulee (*Amadeus*) e Steve Martin, dão corpo à história.

O Turista Acidental (Segunda, 18.00, Canal 1)

Um tímido autor de guias turísticos, atormentado pela morte de um filho de doze anos e pelo abandono da mulher, decide viver sozinho com o seu não menos neurótico cão, após uma experiência frustrante em casa dos seus irmãos. É então que encontra uma jovem excêntrica, treinadora de canídeos, que dá uma completa reviravolta na sua vida, a tal ponto que, regressada a mulher, ele lhe declara ser impossível voltarem a viver juntos. Uma comédia engenhosa e sensível fazendo lembrar os grandes clássicos do género, encenada com mão de autor por Kasdan, e na qual, mais ainda do que em relação a William Hurt e Kathleen Turner, os louros da interpretação vão para Geena Davis.

Assalto ao Aeroporto (Segunda, 22.30, SIC)

Um agente de polícia já nosso conhecido (Bruce Willis) vê mais uma vez o seu Natal estragado pelas terríveis e violentas ocorrências que o surpreendem, desta vez, no Aeroporto de Washington: um grupo de temíveis terroristas pretende criar uma situação de chantagem que leve à libertação de um ditador latino-americano. Com argumento tão ou mais inverosímil do que *Assalto ao Arranha-Céus* (de que é uma espécie de sequência), o filme é sobretudo um espectáculo de acção e entretenimento para o grande público.

■ Correia
da Fonseca

Um boticário no Natal

Já vivi Natais bastantes para ter arrecadados na memória alguns antigos sinais que por esta altura me revisitam, por reencontro ou porque sempre os transporto comigo, invisíveis mas fiéis. A lembrança da primeira árvore de Natal que os meus olhos viram, ainda sem então impossíveis luzinhas eléctricas mais inesquecivelmente deslumbrante. Um antigo e ignorado poemeto do comunista Mário Castrim que já o próprio autor há muito esqueceu («Passado o Natal / quem é o que era / negou-se à Primavera / quem em si tem. / Não reverdeceu, / ficou pequenino. Perdeu-se no caminho.»). O som daquela canção que um professor primário alemão escreveu algures no século XIX e que se tornou agora, felizmente, presença certa em todos os Natais. Dois versos de Sidónio Muralha: «Hoje é Dia de Natal/Mas quando Será de todos?»

Esta é a boa bagagem de Natal que transporto comigo. Mas há também uma outra bagagem, diferente e pior. Alguma dela remonta aos tempos anteriores a 74. Entre a mais recente, receio que venha tomar lugar a péssima ideia da RTP em impingir-me pelo seu Canal 1, em plena consoada, à hora do perú ou do bacalhau, o incomparável Marco Paulo, de que aliás tivemos todos muitas e compactas doses ao longo do ano que agora termina. Dir-se-á talvez, e com razão, que a RTP ainda podia servir-nos pior prato, que entre Marco e o ribombante Baião que a SIC transmitira na véspera vá o Calino e escolha. É certo, mas a data era outra. Além de que, mais que Baião e a recente geração dos pimba e afins, Marco Paulo é o ex-líbris da mediocridade convencida e triunfante que a RTP da concorrência finalmente entrozizou depois de anos de omissão que o próprio, coitado, por dificuldades naturais e cegueira provocada pelo êxito comercial, nunca, pôde entender.

O certo, creio, é que a vinda de Marco Paulo à consoada dos telespectadores acabou por ser um símbolo do baixíssimo nível do respeito da RTP por si própria (e também, naturalmente, por cada um de nós, os que não apreciam aquele telepetisco, mesmo que não tenhamos pela pessoa que Marco Paulo nenhuma especial antipatia, até antes pelo contrário). O menos que pode dizer-se é que a ceia de Natal merecia presença mais consensual, menos geradora de polémica, mais pacificante. E também que a escolha de Marco acabou até por ter o sabor de um desafio à nova administração da RTP, que se admite desejar menos teléxico, e à já indigitada nova direcção de programas. O que é, sem dúvida, lamentável mas significativo.

A posse

Entretanto, no dia 23, pela hora do jantar, a SIC transmitia um filme que a princípio me parecera muito curioso, embora depois me parecesse resvalar claramente para menores níveis de interesse. Instilava-se «A Revolta do Aprendiz», tradução não exageradamente fiel ao título original, e a acção pareceu-me decorrer em pleno século passado, com sabor ao mundo terrível que Charles Dickens descreveu. A percebi-me pouco depois que a minha suposta perspicácia estava em lamentável baixa: tudo aquilo se passava bastante mais cedo, nos finais do século XVIII. Talvez se entenda bem, contudo, os motivos do meu equívoco quando eu disser que o filme narrava as relações entre

um patrão, farmacêutico de loja aberta, e um adolescente seu aprendiz, e descrever sumariamente o que entre ambos ia acontecendo. O patrão, que admitira o rapaz ao seu serviço contra o pagamento de uma vultosa quantia que a mãe do moço dificilmente amealhara, exigia do rapaz uma permanente entrega ao trabalho, de corpo e alma. Nada de horários de trabalho, naturalmente, nem sequer de permissão para sair da loja para poder cear com a família na noite de Natal. As tarefas a cargo do miúdo eram intermináveis, não apenas porque um empregado dedicado tem sempre alguma coisa para fazer mas também porque um patrão vigilante sempre descobre novos trabalhos que reclamam execução. E tudo, é claro, para benefício e vantagem do empregado-escravo, pois o seu único interesse na vida deverá ser o progresso e enriquecimento da empresa (isto é, do patrão), afinal única razão da sua insignificante existência, exclusivo destino seu na mente divina que lhe permitiu a vida.

Com tudo isto e mais o que aqui não fica contado porque a minha memória é curta e o espaço disponível não é interminável, acontecia que em «A Revolta do Aprendiz» este se revoltava mesmo e, mediante praga por pensamento, provocava a morte do patrão que ainda assim subsistia sob a forma de fantasma. O título original, de resto, prenunciava isso mesmo: aludia a fantasmas e omitia revoltas. Foi nessa altura que me desinteressei um pouco do filme, então talvez já a meio da narração (tratava-se de uma metragem média, de transmissão ligeiramente inferior a uma

hora), porque são muito poucos os fantasmas que me fascinam e já ando um pouco cansado de várias fantasmagorias que percorrem este nosso tempo. Contudo, manda a probidade registar que «A Revolta do Aprendiz» prosseguia com excelente qualidade e assim se manteve até final, embora mais apartada dos meus gostos. Nada de grave: não faço questão de que a programação das TV's seja talhada à medida das minhas predilecções. Na verdade, quanto a isso só peço asseio. O que, na SIC e lugares homólogos, muito menos em relação a mim que a outros críticos e comentaristas que justificadamente merecem mais atenção, é considerado uma exorbitante e inadmissível exigência.

Ontem, hoje e amanhã

Como já se terá adivinhado, o interesse que «A Revolta do Aprendiz» me despertou teve a ver com o carácter de algum modo premonitório daquelas relações patrão-empregado situadas duzentos anos atrás. E não estou a pensar no que aconteceu no século seguinte, designadamente na Grã-Bretanha que Dickens haveria de fixar na sua obra literária: refiro-me à actualidade, a este limiar do século XXI onde já não pareceria haver lugar para sequer resquícios daquelas opressões. O caso é que há. O caso é que nem sequer há grande exagero ao escrever-se que, atendendo às mudanças recentes e ao ritmo a que se processaram, a inegável tendência (sublinho: tendência) é para a restauração de climas laborais onde tudo aquilo volte a ser a regra. Tudo aquilo, isto é: a posse completa do trabalhador pelo empregador; a substituição dos mais elementares direitos (humanos, obviamente!) do empregado pelo dever de todo se dar pelo engrandecimento da empresa; o enriquecimento do patronato como único destino aceitável para todos os que trabalham. E não se diga que exagero: Olhe-se em volta, veja-se quantos trabalhadores ainda podem reivindicar sem risco o cumprimento de horários e folgas quando isso contrarie os patrões, quantos podem garantir que terão emprego no próximo mês se se mostrarem insubmissos, quantos já têm de pagar (indirectamente embora, pela amputação de contribuições para a Segurança Social, por exemplo) para manterem o posto de trabalho. E ainda o processo está em pleno desenvolvimento.

Resta, já se vê, o desenlace que esta tensão provoca e que em «A Revolta do Aprendiz» se concretizava pela transferência do farmacêutico sinistro e despótico para a condição de fantasma. Agora, acentue-se, os tempos são outros: já nem as pragas são tão eficazes nem sequer é disso que se trata, até porque, em matéria de revolta, os trabalhadores actuais há muito que deixaram de ser aprendizes. Mas o filme ensinava, ainda que sob a forma de lenda com recurso ao fantástico, que, um dia, a rejeição da escravatura é inevitável. Bom seria que alguns boticários como aquele, e as muitas miniaturas dele que por aí abundam, aprendessem com estas parábolas. Dispensando-se a si próprios, e a nós todos, que tenham de aprender com a própria vida.



de FOICE Quantos, quantos?

- «Todos os especialistas concordam que...»
- «Mentira. Eu não concordo.»
- «Muitos especialistas concordam que...»
- «Diga quantos, diga quantos...»

O excerto do diálogo que se reproduz entrou há muito para os anais da história parlamentar portuguesa, que teve em Almeida Garrett um dos seus mais notáveis lançadores de apartes, com que regra geral demolia a "lógica" dos discursos dos seus opositores.

Sem pretender estabelecer comparações, que seriam absurdas, o excerto citado veio à memória, imagine-se!, com a leitura do editorial do «Expresso» da passada semana, dedicado à crise da democracia.

Diz-nos a prosa que os sinais começam a ser demasiado frequentes para que possamos ignorá-los (a propósito, falta um 'que' na afirmativa original), mas para encurtar razões citam-se apenas três casos, todos eles correspondentes a actos eleitorais na Europa, a saber: a derrota de Walesa na Polónia, o susto na Áustria com a quase vitória da direita, e a vitória dos comunistas na Rússia.

Tendo de uma penada definido que o perigo para a democracia advém mais dos comunistas que da extrema-direita (dois a um), o articulista lança de seguida uma afirmação deveras interessante, igualmente a saber: «a queda do muro de Berlim criou na maioria dos europeus a ideia de que a democracia era um bem adquirido para sempre».

Uma tal pérola do pensamento reflexivo, produzida meia dúzia de anos após o evento nele contido, é deveras de pasmar, sobretudo tendo em conta a situação que se vive nos territórios da ex-RDA, onde o conceito de democracia ocidental já escorregou tanta vez nas cascas de banana que ninguém de bom senso se atreve a pôr o pé no chão com ligeireza.

Pense-se no desemprego, na perda de direitos, na degradação das condições de vida, na xenofobia, nas manifestações nazis. Para ajudar à festa, a situação económico-social que se vive na generalidade dos países de Leste, depois do dito «fim do comunismo» e do «anunciado enterro das ideologias» deveria aconselhar a mais tento na língua e menos certezas definitivas, coisa que de resto a História se tem encarregado de demonstrar que não há.

Pois acontece que o editorialista do «Expresso» considera que «o regresso dos partidos comunistas ao poder na Europa de Leste seis anos depois da queda do muro de Berlim, são sinais claros de que a democracia é um bem precário», não obstante a «maioria dos europeus» o ter considerado «adquirido para sempre» seis anos antes.

O curioso da história é que ainda e sempre a culpa é dos comunistas, que ao desaparecerem deixaram o «bloco democrático, liderado pelos Estados Unidos e integrando todos os países da Europa Ocidental», sem estímulo para a sua «cruzada pela democracia». Reconhecendo que «as ideias adquiridas entraram em crise», o articulista manifesta-se assustado com o facto de «o próprio comunismo» - imagine-se o desplante! - ter passado «a alimentar a esperança de ser recuperado», e assume-se como porta-voz dos "democratas" em susto.

É caso para dizer, parafraseando Garrett: oh homem!, diga quantos, diga quantos!

■ AF

Chuva intensa ainda não resolve problemas da seca no Alentejo

O nível das águas nas albufeiras alentejanas subiu significativamente, segundo dados do Instituto de Meteorologia e Geofísica, mas, apesar disso, os efeitos da seca prolongada na região ainda subsistem, quer no que diz respeito ao abastecimento público de água quer no que diz respeito à agricultura.

Desde que a chuva começou a cair com intensidade no Alentejo a barragem do Roxo, que abastece as localidades de Beja e Aljustrel, subiu cerca de 10 milhões de metros cúbicos, passando de sete, aproximadamente (nível morto), para 17,7 milhões.

A albufeira que está a 18 por cento da sua capacidade máxima permitiria com a água armazenada até este momento suportar o abastecimento público, sem regadio, durante três anos.

Com o aumento do nível da albufeira, a qualidade da água melhorou ligeiramente, devido à

maior diluição dos cloretos e nitratos. No entanto, só no mês de Janeiro a Câmara de Beja disporá de dados concretos sobre a melhoria verificada.

À semelhança do Roxo, outras barragens mais pequenas no distrito de Beja subiram consideravelmente os níveis.

Apesar de os solos estarem com boa capacidade de retenção de água, para os aquíferos subterráneos a chuva caída ainda não surtiu grandes efeitos, como é o caso dos cortes de água feitos pela Câmara de Serpa, com três períodos de abastecimento ao dia.

Com recurso ao abastecimento através de furos artesanais, João Oliveira, vereador da autarquia de Serpa afirmou à LUSA que «os níveis freáticos ainda não subiram o suficiente para garantir a água 24 horas por dia».

«Os solos começam a ficar saturados o que contribui para maiores escorrências para as barragens», informou Peres de Sousa, técnico da Escola Superior Agrária de Beja.

Com as sementeiras de Inverno postas em causa, devido aos atrasos já verificados por causa da seca, os agricultores aproveitaram a chuva para começar a semear.

«Apesar dos dias de chuva terem implicado mais atrasos, os agricultores estavam preparados para rentabilizar bem os dias de sol», disse Peres de Sousa, ao esclarecer que o girassol pode

ser semeado mais tarde. No caso da olivicultura, «a chuva melhorou pouco o calibre da azeitona, uma vez que já estava na fase de maturação, no caso das vinhas a situação é mais favorável», acrescenta Peres de Sousa.

Opinião semelhante é dada por Castro e Brito, presidente da Associação de Criadores de Ovinos do Sul, que considera a «chuva boa para a pecuária, no entanto, como começou a chover bastante tarde na zona de Beja, só haverá pastagens em Fevereiro ou Março».

Devido aos atrasos na germinação das plantas, os criadores de gado continuam a alimentar os rebanhos à base de rações, tanto mais que este foi um mau ano agrícola de gado, com pouca palha para a manutenção dos animais.



Administração quer despedir 100 trabalhadores Futuro da EPAC à espera do Governo

A Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços (FEPCES) vai solicitar, com carácter de urgência, uma reunião com o ministro que tutela a EPAC, depois de numa reunião feita a semana passada entre o Conselho de Administração e os representantes dos trabalhadores ter sido reafirmado pela gestão da empresa a intenção de despedir cerca de 20 por cento dos trabalhadores e de se ter dito que se supõe que o ministro da tutela tome uma posição sobre o futuro da empresa num espaço de três meses.

Num comunicado difundido no dia 21, a FEPCES diz que da reunião com o Conselho de Administração da EPAC ressalta «a confirmação, por vicissitudes diversas, a redução das vendas, que a actual situação da empresa não é saudável e as perspectivas de futuro são incertas, admitindo-se inclusive que os resultados económicos no final do corrente ano sejam negativos e superiores aos verificados no ano transacto.»

O Conselho de Administração da EPAC considerou que no actual quadro são considerados excedentários mais de 100 traba-

lhadores dos actuais 257 que trabalham na sede da empresa. A justificação dada para este número foi, segundo o comunicado da FEPCES, «não só a quebra de vendas verificada mas também as dificuldades da obtenção de crédito bancário para a comercialização e o pagamento de juros, resultantes da dívida acumulada da SILOPOR, que ronda cerca de 27 milhões de contos.»

A este propósito, os gestores da EPAC defendem a aplicação do Decreto-Lei 261 a cerca de 127 trabalhadores em situação de pré-reforma. A EPAC tem, no total, 639 trabalhadores.

Os sindicatos perguntaram ao Conselho de Administração sobre as acções que este tem defendido junto do ministro da tutela sobre o futuro da empresa e que medidas o ministro pensa tomar. A resposta foi a de que nesta fase estão a ser entregues ao Governo vários dados sobre a actual situação da empresa, desconhecendo-se quais as soluções políticas a adoptar. O Conselho de Administração da EPAC pensa «que num espaço de três meses» as referidas medidas sejam tomadas.

Por estas razões a FEPCES vai solicitar uma reunião urgente com o ministro.

Em causa vínculo à Função Pública Enfermeiros do Amadora-Sintra à espera de confirmação da ministra

Os enfermeiros que trabalham no Hospital Amadora-Sintra esperam que antes do fim do ano seja concretizado o compromisso assumido pelo Ministério da Saúde de manter as comissões de serviços extraordinárias após o fim do regime de instalação do hospital. O problema prende-se com a indefinição jurídica de emprego destes enfermeiros a partir de 1 de Janeiro. Até 31 de Dezembro são considerados funcionários públicos mas, depois do fim do contrato de instalação do hospital e o começo do contrato de gestão, não se sabe em que regime ficarão os enfermeiros vinculados ao Estado se quiserem continuar a laborar no Amadora-Sintra.

O Sindicato dos Enfermeiros Portugueses (SEP) reuniu na quinta-feira passada com os enfermeiros que trabalham no Hospital Amadora-Sintra, com o objectivo de analisar a situação decorrente da entrada em vigor do contrato de gestão, celebrado com o Ministério da Saúde. Esse contrato entra em vigor a partir de 1 de Janeiro de 1996 e o sindicato analisou com os enfermeiros as implicações que daí resultam para os vinculados à Função Pública.

O SEP já tinha reunido antes com a ministra da Saúde para clarificar os termos do estatuto de gestão do hospital, respectivo contrato, política de emprego e controlo por parte do Ministério.

«Nessa reunião a ministra da Saúde concordou com as preocupações apresentadas pelo SEP, considerou a situação grave e comprometeu-se a estudar o contrato de gestão realizado com o consórcio e, até final de Dezembro, encontrar as soluções mais urgentes», lê-se numa nota difundida pelo SEP após a reunião com os enfermeiros do Amadora-Sintra.

Nessa nota o SEP adianta que em contacto telefónico com o gabinete da ministra, foi transmitido ao sindicato pelo chefe de gabinete que as comissões de serviços extraordinárias irão ser mantidas após o fim do regime de instalação e o começo do contrato de gestão.